



**Fundação Universidade Federal de
Rondônia
Núcleo de Ciências Humanas
Departamento de Línguas Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado Acadêmico em Letras**



REGIANI LEAL DALLA MARTHA COUTO

**NARRATIVAS ORAIS DE EXPERIÊNCIA PESSOAL: UM
ENFOQUE LABOVIANO**

PORTO VELHO – RO, 2013



**Fundação Universidade Federal de
Rondônia
Núcleo de Ciências Humanas
Departamento de Línguas Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado Acadêmico em Letras**



NARRATIVAS ORAIS DE EXPERIÊNCIA PESSOAL: UM ENFOQUE LABOVIANO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Letras/UNIR, por Regiani Leal Dalla Martha Couto, sob a orientação do Professor Doutor Valdir Vegini, como requisito à obtenção do grau de Mestre em Letras.

PORTO VELHO - RO, 2013



**Fundação Universidade Federal de
Rondônia
Núcleo de Ciências Humanas
Departamento de Línguas Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado Acadêmico em Letras**



Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação – Mestrado Acadêmico em Letras da UNIR, no dia 27 de Fevereiro de 2013 para obtenção do Título de Mestre em Letras.

Título: "NARRATIVAS ORAIS DE EXPERIÊNCIA PESSOAL: UM ENFOQUE LABOVIANO".

Prof.Dra. Odete Burgeile

(Coordenadora do Programa conforme Portaria nº 104/2013/GR),

BANCA



Dr. Valdir Vegini
(Professor Orientador/UNIR)



Drª Marília Lima Pimentel
(Professora Membro - UNIR)



Drª Maria do Socorro Dias Loura
(Professora Membro – UNIR)

Dedico este trabalho aos meus pais, José Dalla Martha (in memoriam) e Aurelina Ivanilda Leal Dalla Martha Couto, pessoas fundamentais na minha formação pessoal, alicerces que garantiram minha educação e o meu sucesso enquanto pessoa e profissional. Obrigada pelo exemplo de amor e dedicação à família. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

A Deus que sempre me amparou e iluminou guiando-me pelo caminho da sabedoria e da retidão.

Ao prof. Dr. Valdir Vegini, meu orientador, que demonstrou ser um verdadeiro mestre na arte de ensinar. Obrigada por sua humildade, paciência, disponibilidade e dedicação em todos os momentos de sala de aula e de orientação. Obrigada por todos os ensinamentos e valiosas contribuições durante a construção desta dissertação.

Ao meu esposo Marcio Couto por seu companheirismo, compreensão e amor incondicional. Apesar das ausências e da distância aceitou esse desafio, apoiando-me em todas as minhas decisões.

A minha mãe que abdicou de sua vida e seus afazeres para cuidar do meu filho, Gabriel, enquanto eu estudava.

Ao meu filho, Gabriel, que mesmo em sua tenra idade participou comigo dessa etapa, alegrando-me e encorajando-me com seu sorriso.

Ao Gilberto, a Isclanda e ao Bruno que me acolheram em sua casa para a realização dos créditos do Mestrado e para a conclusão da dissertação, com todo o carinho, atenção e disponibilidade.

As mulheres integrantes do Projeto Mulheres Mil, curso de Beleza e Estética, de Ji-Paraná que voluntariamente participaram desta pesquisa.

Aos colegas de turma que demonstraram companheirismo e amizade.

A Rebecca Louize por seu carisma e amizade.

Aos meus irmãos Rudney Dalla Martha e Renan Dalla Martha, e as minhas cunhadas Karine Stecca e Juliana Gomes pelo apoio e incentivo.

A Universidade por ter oferecido o curso de Mestrado em Letras.

Aos professores do Mestrado em Letras pela dedicação e competência.

As professoras Dra. Marília Pimentel e Dra. Socorro Dias que aceitaram o convite de participar da banca de defesa.

Ao meu amigo, prof. Carlos Alberto Suniga dos Santos, que me sempre me incentivou em minha jornada acadêmica.

As amigas Andréia Mendonça dos Santos Lima e Dionéia Foschiani Helbel que foram verdadeiras companheiras nesta jornada.

Aos colegas professores do IFRO, campus Ji-Paraná, que permutaram suas aulas comigo para a realização dos créditos do Mestrado.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram com a conclusão desta etapa.

Cada pessoa que passa em nossa vida, passa sozinha, pois cada pessoa é única e uma não substitui a outra. Cada pessoa que passa em nossa vida, passa sozinha, mas não vai só; leva um pouco de nós mesmos e deixa um pouco de si mesma.

Há os que levam muito e há os que nada levam. Há os que deixam muito e há os que nada deixam.

Essa é a maior responsabilidade de nossas vidas e prova evidente de que as almas não se encontram por acaso. Saint Exupéry

RESUMO

COUTO, Regiani L. D. M. **Narrativas orais de experiência pessoal: um enfoque Laboviano**. 2013. 146 fls. Dissertação de Mestrado – (Mestrado em Letras-Línguas Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras. UNIR, Porto Velho-RO.

O escopo principal desta dissertação é identificar aspectos linguísticos à luz da ótica laboviana em narrativas orais de experiência pessoal produzidas por mulheres integrantes do Projeto “Mulheres Mil”, em Ji-Paraná, no ano de 2012. Para atingir esse objetivo, valemo-nos das pesquisas bibliográficas e de campo. Embasamo-nos, principalmente, em Labov e Waletzky (1967), Labov (1997), Ferreira Netto (2008), Halbwachs (2006), Candau (2012). Como instrumento de coleta de dados, utilizamos a entrevista livre, com a gravação de quatro narrativas orais de experiência pessoal e o questionário com questões mistas. Seguindo o modelo laboviano, estruturamos a análise do *corpus* em dois eixos: o formal e o funcional. No primeiro, identificamos a organização temporal, compreendendo as sentenças sequenciais, livres, restritivas, presas e a sentença narrativa. E ainda a estrutura da narrativa em que detectamos: resumo, orientação, complicação/resolução e coda. No segundo, verificamos que essas narrativas apresentam sete categorias: avaliação, relatabilidade, credibilidade, causalidade, atribuição de elogio e culpa, ponto de vista e objetividade. Por se tratar de um estudo hermenêutico, as considerações apresentadas têm caráter especulativo. De todo modo, o estudo das narrativas orais de experiência pessoal dessas quatro informantes, alunas do projeto “Mulheres Mil”, em Ji-Paraná, sob o prisma laboviano, permite resgatar, parcialmente, fragmentos de suas memórias individuais que refletem, em parte, a memória coletiva de mulheres trabalhadoras. Seus relatos revelam como a vida é de fato nesse ambiente em que vivem, ou seja, permeada de euforias, mas também de muitos momentos disfóricos e dramáticos.

Palavras-chave: Narrativa oral; Memória; Mulheres; Experiência; Labov.

ABSTRACT

COUTO, Regiani L. D. M. **Narrativas orais de experiência pessoal: um enfoque Laboviano**. 2013. 146 fls. Dissertação de Mestrado – (Mestrado em Letras-Línguas Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras. UNIR, Porto Velho-RO.

The main scope of this dissertation is to identify linguistic aspects from a Labovian perspective in oral narratives of personal experience told by some women who integrate a project called “Mulheres Mil”, in Ji-Paraná, in 2012. To achieve this goal, we used literature review and field research. This study was based, mainly, on Labov and Waletzky (1967), Labov (1997), Ferreira Netto (2008), Halbwachs (2006), Candau (2012). To collect data, we used free interview, recording four oral narratives of personal experience and we also used a questionnaire with mixed questions. Following the Labovian model, we structured the analysis of the corpus in two axes: the formal and the functional. In the formal type, we identified the temporal organization, comprehending sequential, free, restricted and bound clauses and the narrative clause. And the structure of the narrative in which we found: abstract, orientation, complicating/ resolution and coda. In the functional type, we verified that these narratives have seven categories: evaluation, reportability, credibility, causality, assignment of praise and blame, viewpoint and objectivity. Because it is a hermeneutic study, the considerations presented are speculative. Anyway, the study of oral narratives of personal experience of these four informants, students from the Aesthetics of the project “Mulheres Mil”, in Ji-Paraná, from the Labovian perspective, permit us to rescue, partially, fragments of their individual memories, that reflect, in parts, the collective memory of these women worker. Their stories reveal how is the real life in this environment that they live, that is, permeated of euphoria, but also of many dysphoric and dramatic moments.

Keywords: Oral Narrative; Memory; Women; Experience; Labov.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	12
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	17
O Percurso da Narrativa: um enfoque para as narrativas orais.....	17
1.1 Narrativas de experiência pessoal na ótica Laboviana	25
1.1.1 A organização temporal da narrativa.....	26
1.1.2 Tipos temporais de sentenças narrativas	27
1.1.3 Tipos estruturais de sentenças narrativas	28
1.2 Avaliação de um evento narrativo	28
1.3 Relatabilidade.....	29
1.4 Credibilidade	30
1.5 Causalidade	31
1.6 A atribuição do elogio e da culpa	33
1.7 Ponto de vista.....	34
1.8 Objetividade	34
1.9 Resolução	36
CAPÍTULO II	37
MEMÓRIA E NARRATIVA	37
CAPÍTULO III	42
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	42
3.1 Métodos e técnicas	42
3.2 Local da pesquisa, seleção das informantes e do <i>corpus</i>	42
3.3 Foco da análise	43
CAPÍTULO IV.....	45
CORPUS DE ANÁLISE: NARRATIVAS ORAIS DE EXPERIÊNCIA PESSOAL ..	45
4.1 Narrativa 1 (NOEP 1)	46
4.2 Narrativa 2 (NOEP 2)	49
4.3 Narrativa 3 (NOEP 3)	51
4.4 Narrativa 4 (NOEP 4)	57
4.5 NOEPs: EIXO FORMAL	59
4.5.1 Organização temporal	59

4.5.1.1 Sentenças Narrativas	60
4.6 Estrutura das NOEPs	67
4.6.1 Resumo	67
4.6.2 Orientação	68
4.6.3 Complicação/Resolução	72
4.6.4 Coda	82
4.7 Eixo funcional	83
4.7.1 Avaliação	83
4.7.2 Relatabilidade	90
4.7.3 Credibilidade	93
4.7.4 Causalidade	96
4.7.5 Atribuição do elogio e da culpa	99
4.7.6 Ponto de Vista	101
4.7.7 Objetividade	104
5.0 NOEPs COMPARADAS	108
5.1 Síntese dos eventos eufóricos e disfóricos	108
5.1.1 Eufóricos	108
5.1.2 Disfóricos	109
6.0 Narrativas orais de experiência pessoal: retratos do cotidiano	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	116
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	117
ANEXOS	119
ANEXO A	120
APÊNDICES	123
APÊNDICE A Versão original da NOEP 1	124
APÊNDICE B Versão original da NOEP 2	125
APÊNDICE C Versão original da NOEP 3	127
APÊNDICE D Versão original da NOEP 4	129
APÊNDICE E Versão original da NOEP 5	130
APÊNDICE F Termo de Consentimento livre	132
APÊNDICE G Termo de Consentimento livre	134
APÊNDICE H Termo de Consentimento livre	136

APÊNDICE I Termo de Consentimento livre	138
APÊNDICE J Termo de Consentimento livre	140
APÊNDICE K Questionário	142
APÊNDICE L Questionário	143
APÊNDICE M Questionário	144
APÊNDICE N Questionário	145
APÊNDICE O Questionário	146

LISTA DE SIGLAS

NOEP – Narrativas orais de experiência pessoal

EN – enunciador (a) narrador (a)

SS – sentença sequencial

SL – sentença livre

SR – sentença restritiva

SP – sentença presa

SN – sentença narrativa

IO – interlocutor ouvinte

AC – ação complicadora

IFRO – Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Rondônia

INTRODUÇÃO

A língua como instrumento de interação social pode se manifestar de diversas maneiras; entre elas, a oralidade é uma das mais expressivas que conhecemos. Diariamente, comunicamo-nos por meio da fala, seja expondo pensamentos, ideias, seja argumentando, contando piadas, casos de famílias, biografias. Enfim, a comunicação oral faz parte do nosso cotidiano de forma muito peculiar. Nesse sentido, Marcuschi (2001, p. 36) entende que

a oralidade como prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela será sempre a porta de iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos.

Nessa perspectiva, ao narrar podemos apresentar nossa cultura, nossas experiências, nossas lembranças. Para as pesquisas sociolinguísticas, as narrativas orais funcionam como registros da variação linguística, uma vez que, tem-se o vernáculo “puro”, sem lapidações. Labov e Waletzky (1967) consagraram-se nos estudos de narrativas orais coletadas em pesquisas sociolinguísticas.

Conforme Tarallo (2002, p. 23), “ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma”.

Seguindo tais perspectivas, este estudo tem por objetivo identificar aspectos linguísticos à luz da ótica laboviana (1967 -1997) em narrativas orais de experiência pessoal produzidas por mulheres integrantes do Projeto “Mulheres Mil”, em Ji-Paraná.

Esse projeto, criado pelo governo Federal, tem por objetivo oferecer educação profissional, emprego e renda a mulheres com vulnerabilidade social. Foi instituído pela portaria nº 1015 de 21 de Julho de 2011, e faz parte de um conjunto de ações do Plano Brasil sem Miséria. Os cursos são ofertados e executados pelos institutos federais, cf. consta no site: <http://portal.mec.gov.br>.

Os cursos integrantes desse projeto oferecem serviços de acesso profissional, aumento da escolaridade, conceitos de economia solidária e cooperativismo, capacitação para geração de renda, entre outros que subsidiarão as mulheres participantes em sua progressão no mercado de trabalho e na vida em sociedade.

O Mulheres Mil foi implantado inicialmente como projeto-piloto em 13 estados das regiões norte e nordeste do país, por meio de uma parceria com *colleges* canadenses, em 2007. Desde então, cerca de 1,2 mil mulheres foram beneficiadas com cursos profissionalizantes em áreas como turismo e hospitalidade, gastronomia, artesanato, confecção e processamento de alimentos. (<http://portal.mec.gov.br>)¹

O Instituto Federal de Rondônia, campus Ji-Paraná, foi pioneiro em implantar o projeto, oferecendo, inicialmente, quarenta vagas para o curso de Biojoias em 2010. Em 2012, ofereceu mais quarenta vagas para o curso de Beleza e Estética. A cidade tem aproximadamente 120 mil habitantes e sua economia gira em torno dos setores madeireiro e industrial. Está entre as cidades mais populosas do estado de Rondônia.

Tivemos o contato com as alunas do curso de Biojoias e do de Beleza e Estética, integrantes do Projeto “Mulheres Mil”, por meio de atividades multidisciplinares, pois fazemos parte do corpo docente do Instituto Federal de Rondônia (IFRO), campus Ji-Paraná. Dessa aproximação, surgiu o interesse em coletar as narrativas de experiência pessoal dessas mulheres, uma vez que apresentam em suas biografias muitas experiências dignas de serem compartilhadas e que registram a realidade de muitas outras mulheres que vivem nas mesmas condições.

Nessa esteira, traçamos os seguintes objetivos específicos: caracterizar as Narrativas orais de experiência pessoal em dois eixos: o formal e o funcional conforme Labov e Waletzky (1967-1997); e identificar o papel da memória na construção da narrativa oral de experiência pessoal.

Esta pesquisa quer responder a seguinte questão: as narrativas orais de experiência pessoal, produzidas por mulheres participantes do “Projeto Mulheres Mil”, permitem uma análise linguística, a partir da memória individual, tendo como parâmetro o modelo laboviano?

Acreditamos que as narrativas de experiência pessoal evidenciam os aspectos linguísticos, pois “na memória individual (...) enunciador é protagonista, talvez coadjuvante, nos eventos narrados. Seu testemunho carrega mais do que a própria descrição do fato carrega também a sua avaliação emocional dos acontecimentos” (FERREIRA NETTO, 2008, p. 30). Assim, a estrutura narrativa

¹ Mais informações sobre o projeto consultar Anexo A.

proposta por Labov apresenta marcas sociais da linguagem e recortes da memória a partir das experiências vividas.

O objeto de estudo apresentado neste trabalho são narrativas orais de experiência pessoal; os eventos registram uma sucessão de fatos que aconteceram na biografia das informantes, que relatam os eventos mais significativos, organizando-os por sentenças sequenciais e livres correspondentes à cronologia dos fatos.

Esse trabalho justifica-se por sua relevância, ou seja, por meio dele é possível caracterizar a importância da oralidade na estrutura narrativa à luz de Labov. Para ele, oralidade permite coletar o vernáculo puro. Não podemos deixar de considerar que “foi com a oralidade que a linguagem humana, tal como a conhecemos hoje, teve a sua origem (...)” (FERREIRA NETTO, 2008, p. 12). Além disso, os estudos linguísticos ganharam importância, especialmente com os estudos sociolinguísticos de Labov (1966). Em 1967, Labov e Waletzky propõem o trabalho com narrativas orais de experiência pessoal. Utilizando essa proposta, vai permitir conhecer e caracterizar a realidade de algumas mulheres trabalhadoras no interior do estado de Rondônia, a partir do resgate de suas memórias. Sua relevância acadêmica e social se assenta nos estudos de Labov, que tratam, direta ou indiretamente com a variação linguística e com as narrativas orais de experiência pessoal, que são o propósito desta dissertação. Além disso, pelo viés social, ela contribui para registrar a experiência de algumas mulheres oriundas do interior do estado de Rondônia, especialmente por apresentarem em suas biografias a vulnerabilidade da natureza humana, quer pessoal, quer social. O estudo Laboviano das NOEPs deixa emergir, enfim, os mais profundos sentimentos e vivências individuais, que são, em última instância, o reflexo de toda uma sociedade.

Adotamos como estratégias metodológicas as pesquisas bibliográficas e de campo; como instrumento de coleta de dados, utilizamos a entrevista livre com coleta de narrativas orais de experiência pessoal e o questionário com questões mistas, a fim de identificar aspectos socioculturais. A coleta de dados foi realizada com cinco integrantes do curso de Beleza e Estética, alunas do Projeto “Mulheres Mil” ofertado pelo Instituto Federal de Rondônia – *campus* Ji-Paraná.

Das cinco narrativas gravadas, uma foi excluída, pois não atendia aos propósitos desta pesquisa, que é identificar os aspectos linguísticos na narrativa oral de experiência pessoal à luz de Labov (1967-1997).

Esta dissertação está estruturada em quatro capítulos. No primeiro intitulado “O percurso da narrativa: um enfoque para as narrativas orais” realizamos uma contextualização dos passos e dos conceitos da narrativa, e em seguida apresentamos as teorias de Labov e Waleztky (1967) e em seguida Labov (1997), para o estudo das narrativas orais de experiência pessoal. Neste capítulo, também registramos os estudos de Ferreira Netto (2008) e Vegini (2012).

No segundo capítulo, “Memória e narrativa”, apresentamos as relações pontuais entre elas, pois ao narrar o indivíduo recorre às suas memórias para organizar suas ideias e lembranças. Embasamo-nos, principalmente em Halbwachs (2006) e Candau (2012) para conceituar a memória individual, coletiva e histórica, bem como a relação entre elas.

No terceiro capítulo, “Procedimentos Metodológicos”, relatamos todos os passos para a seleção do corpus e das informantes. Nesse caso, quatro voluntárias do curso de Beleza e Estética do Projeto “Mulheres Mil” em Ji-Paraná.

No quarto capítulo, “*Corpus* da análise: narrativas orais de experiência pessoal”, descrevemos a análise, propriamente dita, das quatro narrativas selecionadas e organizadas na visão de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1997), organizando-as em dois eixos: o formal e o funcional. Em seguida, apresentamos uma comparação dos eventos mais relatados e uma análise dos retratos do cotidiano a partir das memórias individuais das informantes.

E, por fim, as considerações finais em que retomamos os principais pontos da análise e as dificuldades encontradas para realizá-la. Em seguida fizemos uma retomada de todos os passos adotados por Labov para entender as Narrativas orais de experiência pessoal.²

² Adotamos o termo NOEP para Narrativas orais de experiência pessoal. As demais siglas utilizadas na dissertação podem ser consultadas na p. 12

CAPÍTULO I

O PERCURSO DA NARRATIVA: UM ENFOQUE PARA AS NARRATIVAS ORAIS

O ato de comunicar nossas experiências, contar casos, ilustrar nossas fantasias, expor nossos segredos, narrar acontecimentos, relatar biografias, entre outros, faz parte dos extensos estudos que envolvem o discurso narrativo. Quando contamos histórias envolvemos alguns elementos estruturais e linguísticos, ou seja, organizamos formalmente a narrativa apresentando elementos-chave como, por exemplo: personagens, espaço, tempo, narrador; por outro lado, valemo-nos de recursos da linguagem para estabelecer interação entre o narrador e o interlocutor do relato. À medida que a narrativa se concretiza, temos a oportunidade de relatar, representar, tomar o turno e garanti-lo para atrair a atenção do ouvinte.

Nesse sentido, considerando que a narrativa é uma forma de transmissão do saber³, convém lembrar que essa transferência de conhecimentos pode ocorrer tanto na escrita quanto na oralidade; entretanto, cabe destacar que emanam particularidades entre elas: a tradição escrita preocupa-se com a produção ortográfica e o registro documental da narrativa, enquanto que na oralidade há a presença da variação linguística e a possibilidade de se alterar aquilo que foi dito. Na oralidade, a presença do interlocutor permite uma interação maior sem a necessidade de uma contextualização prévia dos eventos narrados, o que não ocorre na escrita.

Observando essas distinções, consideramos que não há relação de superioridade ou inferioridade quando se refere à oralidade e à escrita, como sustenta Marcuschi (2001), entretanto registramos que cada uma dessas possibilidades de uso da língua apresenta suas próprias regras de realização.

Todavia, nas sociedades ágrafas, a tradição oral se perpetua com mais ênfase, pois

En las regiones del mundo habitadas por pueblos que no poseen escritura, la tradición oral es la principal fuente histórica que puede ser utilizada para la reconstrucción del pasado. De igual modo, entre los pueblos que conocen la escritura un número de fuentes históricas, entre las más antiguas, descansan sobre tradiciones orales. (VANSINA, 1968, p. 13)

³ Bruner, Jerome. *A construção narrativa da realidade*, 1991. (Tradução de Ferreira Netto)

Nessa linha de pensamento, Ferreira Netto (2008) assevera que a tradição oral também pode ser uma fonte riquíssima para reconstrução do passado, pois por meio das narrativas orais as histórias e a cultura podem ser perpetuadas. Feitas essas considerações, registramos alguns conceitos para a narrativa.

É unânime entre os estudiosos considerar Aristóteles (384 a.C – 322 a.C), em “A Poética”, como um dos precursores a conceituar narrativa. Ele a considerava como uma forma de linguagem, que permite ao indivíduo demonstrar sua competência comunicativa. Assim, consideramos que as narrativas podem funcionar como instrumentos de transmissão de saberes acumulados e visão de mundo.

É nesse sentido a afirmação de Barthes

a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes e mesmo opostas. (BARTHES, 2011, p.19)

As narrativas podem desempenhar o papel de transmitir a cultura, os costumes, os aspectos da sociedade, a literatura, entre outros. Cronologicamente, a estrutura narrativa foi analisada por Vladimir Propp (1928-1970), quando ele recolheu centenas de contos maravilhosos russos para observar suas unidades estruturais. Desse modo, observando a atitude dos personagens, o autor percebe que há ações constantes, e as denomina de funções. Ele criou um modelo próprio de análise, porém restrito apenas aos contos. (BARTHES, 2011)

Por outro lado, Greimas *apud* Barthes procurou ampliar essa ideia, criando um modelo que pudesse ser aplicado a qualquer texto narrativo. Para esse autor,

a narrativa, unidade discursiva, deve ser considerada como um algoritmo, isto é, uma sucessão de enunciados cujas funções-predicado simulam linguisticamente um conjunto de comportamentos orientados para um objetivo. Na qualidade de sucessão, a narrativa possui uma dimensão temporal: os comportamentos ali apresentados mantêm entre eles relações de anterioridade e posterioridade. (BARTHES, 2011, p. 65)

Nessa perspectiva, a narrativa é entendida como uma sequência de elementos organizados em uma dimensão temporal. Para Greimas (1966) o nível narrativo de apreensão da significação existe a partir da mediação entre a estrutura temática profunda do discurso e sua realização figurativa pessoal e espaço-temporal. Dessa forma, ele propõe que o esquema narrativo apresente um sujeito

que almeja conquistar um objeto de valor, nessa jornada é auxiliado por algo ou alguém, por outro lado tem seu percurso interrompido por um oponente e ainda há outros dois elementos significativos: o destinador e o destinatário, ou seja, quem instigou o herói para o objetivo e alguém que recebe o objeto de valor.

Desse modo, cabe salientar que a proposta greimasiana está subsidiada por três grandes estudiosos: Saussure, Hjelmslev e Propp. Do primeiro, Greimas adotou a ideia de que a significação ocorre por meio das diferenças notadas e, não somente, das analogias observadas. O segundo apontou a existência do plano de conteúdo e da expressão, o que fez com Greimas observasse a relevância entre a distinção forma e conteúdo, para o estudo da significação. Do terceiro, ele notou que mesmo que a narrativa se manifeste com conteúdos singulares, possui formas fixas reiteráveis, e isso permitiu pensar no estudo sistemático do texto.

Outro autor que discorre sobre narrativa é Bremond. Para ele *apud* Barthes

toda narrativa consiste em um discurso integrando uma sucessão de acontecimentos de interesse humano na unidade de uma mesma ação. Onde não há sucessão não há narrativa, mas, por exemplo, descrição (se os objetos do discurso são associados por uma contiguidade espacial), dedução (se eles estão implicados), efusão lírica (se eles evocam por metáfora ou metonímia) etc. onde não há integração na unidade de uma ação, não há narrativa, mas somente *cronologia*, enunciação de uma sucessão de fatos não coordenados. (BARTHES (2011, p. 118).

Assim, os eventos ganham significação e se ordenam em uma série temporal estruturada a partir das relações com os interesses humanos.

Outro estudo sobre narrativa é o de Todorov *apud* Barthes (2011) que distingue a noção de sentido e de interpretação. A primeira evidencia a função de um elemento dentro da obra, sua possibilidade de ligar-se a outros elementos da mesma obra ou com a obra inteira. A segunda apresenta a multiplicidade de leituras possíveis, baseadas no olhar do crítico ou do leitor.

No campo da Psicologia, Bruner (1991) compreende que a narrativa é o meio pelo qual organizamos nossas experiências e nossas memórias. Para ele, “ao contrário das construções geradas por procedimentos lógicos e científicos que podem ser destruídas por causa de falsificações, construções narrativas só podem alcançar ‘verossimilhança’” (BRUNER, 1991, 04).

Apesar de não relacionar a narrativa à memória propriamente dita, Bruner (1991, p. 05) afirma que “preocupação central não é como o texto narrativo é

construído, mas como ele opera como um instrumento mental de construção de realidade”. Por isso, ele propõe a existência de dez traços para a narrativa: diacronicidade narrativa, particularidade, vínculos de estados emocionais, composicionalidade hermenêutica, canonicidade e violação, referencialidade, genericidade, normatividade, sensibilidade de contexto e negociabilidade e acréscimo narrativo, assim, literalmente, os descreve:

- 1) Diacronicidade narrativa. Uma narrativa é uma exposição de eventos que ocorrem com o passar do tempo. É irredutivelmente durativa. [...]
- 2) Particularidade. Narrativas têm acontecimentos particulares como sua referência ostensiva. [...]
- 3) Vínculos de estados intencionais. Narrativas são sobre pessoas que agem em um cenário, e os acontecimentos devem ser pertinentes a seus estados intencionais enquanto estiverem atuando - com suas convicções, desejos, teorias, valores, e assim por diante. [...]
- 4) Composicionalidade Hermenêutica. Uma explicação preliminar é necessária. O termo hermenêutica implica haver um texto ou algo semelhante por meio do qual alguém esteja tentando expressar um significado e alguém esteja tentando extrair um significado. Isso, por sua vez, implica uma diferença entre o que é expresso no texto e o que o texto poderia significar, e implica também a ausência de uma solução única para a tarefa de determinar o significado para a expressão.
- 5) Canonicidade e violação. Para começar, nem toda sucessão de eventos recontada constitui uma narrativa, mesmo quando é diacrônica, particular, e organizada a partir de estados intencionais. Alguns acontecimentos não justificam que se fale sobre eles e diz-se serem “sem-graça”, e não uma história. Para se tornar apta a ser contada, uma história precisa ter implicitamente um enredo canônico que foi quebrado, violado [...] Tais violações são prontamente reconhecíveis como situações familiares humanas: a esposa traidora, o marido corneado, o inocente espoliado, e assim em diante. [...]
- 6) Referencialidade. Obviamente a aceitabilidade de uma narrativa não pode depender de sua correta referência à realidade, caso contrário não haveria nenhuma ficção. Realismo em ficção deve ser então realmente uma convenção literária e não uma questão de referência correta. A “verdade” narrativa é julgada por sua verossimilhança e não por sua verificabilidade. Isso parece apontar para o fato de que há algum sentido em dizer que a narrativa mais do que referir a “realidade”, pode criá-la da mesma maneira que a “ficção” cria um “mundo” para si própria. [...]
- 7) Genericidade. Todos nós sabemos que há “tipos” reconhecíveis de narrativa: farsa, humor negro, tragédia, autobiografia, romance, sátira, viagem, saga, e assim em diante. O gênero narrativo, desta maneira, não só pode ser pensado como um modo de construir situações humanas mas também como um guia para usar a mente, na medida em que o uso de mente é guiado pelo uso de uma linguagem habilitadora. [...]
- 8) Normatividade. Por causa de sua “narrabilidade” como uma forma de discurso basear-se em uma violação da expectativa convencional, a narrativa é necessariamente normativa. Uma violação pressupõe uma norma. [...]

- 9) Sensibilidade de contexto e negociabilidade. Certamente, a visão predominante é a de que a noção de suspender totalmente as descrenças é muito mais uma idealização do leitor e, na pior das hipóteses, uma distorção do que o processo de compreensão da narrativa envolve. [...]
- 10) Acréscimo narrativo. O acréscimo narrativo não é fundamental no sentido científico. As narrativas fazem acréscimos e, como insistem os antropólogos, os acréscimos eventualmente criam algo bastante variado chamado “cultura” ou “história” ou, mais livremente, “tradição”[...] (BRUNER, 1991, p. 5-17).

Assim, notamos que essas características da narrativa atuam concretamente sobre os elementos da narrativa, sobre fatos próprios da enunciação e de suas referências, e há referências subjetivas atuando indiretamente sobre a realidade (FERREIRA NETTO, 2008).

Feita essa recapitulação cronológica e conceitual dos principais pesquisadores da questão narrativa, observamos que esse tipo de discurso tem sido estudado e pesquisado a partir de várias óticas metodológicas. Entretanto, o foco desta dissertação é a NOEP estudada por Labov (1967-1997). Devemos considerar que a partir do surgimento da Sociolinguística, na década de 60, muitos estudos voltaram-se para a oralidade e suas especificidades.

Foi Labov um dos colaboradores para as discussões entre língua e sociedade. Seu primeiro estudo tratou da mudança sonora que afetava os ditongos (ay) e (aw) na ilha de *Martha's Vineyard* - Massachusetts. Essa pesquisa foi apresentada em sua dissertação de Mestrado intitulada “*The Social History of Sound Change on the Island of Martha's Vineyard – Massachusetts (1963)*”. Uma de suas outras pesquisas, que se transformou em sua tese de doutorado, é “*The Social Stratification of English in New York City (1966)*”, estudos que incentivaram muitos linguistas a iniciarem suas pesquisas, inclusive para comprovar o que Labov propunha (SILVA, 2009, p. 75-76)

A propósito, convém registrar alguns elementos biográficos de Labov:

William Labov nasceu em Rutherford, pequena cidade do estado de Nova Jersey, em 4 de dezembro de 1927. Aos 12 anos de idade mudou-se para Fort Lee, região que fica dentro da área dialetal da cidade de Nova Iorque. Labov diz que o fato da nova cidade dividir as mesmas características do dialeto de Nova Iorque influenciou muito sua abordagem à língua [inglesa], pois ele pronunciava todos “r” finais sem que precisasse pensar neles, e era perfeitamente feliz com a forma com que suas vogais se encaixam em palavras como *mad* e *more*. (SILVA, 2009, p. 19)

Para esse autor, Labov se consagrou como um dos precursores da Sociolinguística.

Segundo Mollica (2004), são muitas as áreas de interesse dessa ciência, entre elas temos: contato entre línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança.

No desenrolar de suas pesquisas, Labov enveredou-se também para as narrativas coletadas em entrevistas sociolinguísticas, que posteriormente denominou de “narrativas orais de experiência pessoal”.

Os primeiros passos na análise da narrativa, em termos linguísticos, foram dados por William Labov e Joshua Waletzky (1967) e posteriormente retomado por Labov (1997), com ênfase para as NOEPs, esses autores expuseram um modelo de análise linguística para se identificar o vernáculo.

Para Tarallo (2002, p. 19) “[...], a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (o que) sem a preocupação de como enunciá-los”.

Segundo o raciocínio dos dois autores americanos, citados anteriormente, as NOEPs permitiam aos informantes utilizar a linguagem de forma mais espontânea, sem a devida preocupação à forma de expressão oral, criando uma possibilidade de coletar dados próximos da realização social da língua e não direcionar a produção do falante. Essa dificuldade foi chamada por Labov de “Paradoxo do Observador” (1997, p. 01). Para ele, nas entrevistas face a face, as NOEPs mostraram-se mais perspicazes para atenuar esse impasse.

Discutindo esse paradoxo, Tarallo (2002, p. 21) assim comenta:

de um lado o pesquisador necessita de grande quantidade de dados que somente podem ser coletados através de sua participação direta na interação com os falantes; de outro, essa participação direta pode perturbar a naturalidade do evento.

Para minimizar esse impacto, o pesquisador deve tentar neutralizar sua presença na comunidade pesquisada, apresentando-se como aprendiz, e em hipótese alguma, deve evidenciar que o seu objeto de estudo é a língua. A criação de tópicos conversacionais permite ao informante narrar suas experiências de forma natural. “Os estudos de narrativa de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com o *que* relata que presta o mínimo de atenção ao *como*”. (TARALLO, 2002, p. 22)

Waletzky e Labov (1967) acreditavam que a recapitulação de experiências é uma narrativa, pois alude-se a um acontecimento específico e não a hábitos passados ou ações recorrentes. Além disso, estrutura-se em uma sequência temporal e é constituída de um ou mais eventos relatáveis.

Para os dois autores americanos “o esforço para compreender uma narrativa é responsável por uma estrutura formal, particularmente na definição de narrativa como a escolha de uma técnica linguística específica para remeter a eventos passados”. (LABOV, 1997, p. 1)⁴

Labov e Waletzky (1967) estabeleceram particularidades de análise para as narrativas do cotidiano. Para eles, há distinção entre as propriedades formais e as funcionais. Baseado nesses dois, Hanke (2012) contextualiza que:

Propriedades formais são estruturas típicas, que podem ser encontradas tanto no nível de sentenças como também na narrativa como um todo, e permitem compreender a estrutura interna das narrativas. A análise funcional destaca que, uma série de elementos colocados numa ordem temporária ainda não constituem uma narrativa, mas apenas uma descrição. Para que seja constituída uma narrativa, é necessária uma função, ou seja, um motivo pelo qual ela é contada, um interesse de ordem pessoal. Enquanto as propriedades formais correspondem ao nível de referência dos acontecimentos, as propriedades funcionais correspondem à avaliação pessoal do narrador, seus interesses e seus motivos. (HANKE, 2012, 119-120)

O modelo laboviano considera, então, que a narrativa tem que ter um porquê para ser contada, tem que haver um interesse tanto por parte do EN como por parte IO. Quem fala deve apresentar sua narrativa de forma relatável (termo usado por Labov e com mais explicações na próxima seção), para garantir que será ouvida atentamente.

Para Labov e Waletzky (1967, p.20-30) a narrativa se divide em seis partes:

- Resumo: uma síntese do que se trata a narrativa; a natureza do seu conteúdo;
- Orientação: apresenta referências ao local, tempo e pessoas envolvidas (Onde? Quando? Quem?).
- Complicação: sequência dos acontecimentos e ações que formam o corpo da narração; o evento inesperado;
- Avaliação: narrador apresenta suas emoções;
- Resolução: uma solução; o resultado; como isso acabou?

⁴ Tradução de Waldemar Ferreira Netto (1997)

- Coda: é uma sentença final que retorna a narrativa ao tempo do falante, impedindo a questão “Então, o que aconteceu?”.

Se a resolução é o desfecho da história, como diferenciá-la da coda? Para Labov e Waletzky (1967) a coda é um elemento acessório, facultativo; as codas podem apresentar observações gerais, julgamentos, ou os efeitos dos eventos narrados.

A estrutura apresentada por eles para analisar NOEPs mostrou-se útil na abordagem de uma grande variedade de situações e de tipos de narrativas, incluindo memórias orais, contos tradicionais, entrevistas terapêuticas e, mais importante ainda, narrativas banais da vida cotidiana. Essas, sobretudo, são formas privilegiadas do discurso quem têm um papel central em quase todas as conversas.

Depois de 30 anos da publicação a respeito desse trabalho de Labov e Waletzky (1967), Labov (1997) apresenta algumas alterações ao modelo; em sua nova estrutura, eixo formal/estrutural é formado pelo resumo, orientação, ação complicadora e coda, e o eixo funcional pela avaliação, relatabilidade, credibilidade, causalidade, atribuição do elogio e culpa, ponto de vista, objetividade e resolução. Mesmo reconhecendo as funções dos elementos do eixo formal, Labov julga que apenas a ação complicadora é fundamental, pois as demais partes funcionam como meros esclarecedores da ação.

A abordagem laboviana para as narrativas orais recebeu algumas críticas, entre elas que são descontextualizadas e monológicas. Entretanto para Severo (2009), mesmo que Labov veja o indivíduo como ponto de articulação entre dados linguísticos e categorias sociais, ele reconhece que explicar a mudança linguística é imprescindível que além de identificar o sujeito, também se conheça a sua história, suas relações sociais, entre outros. Ele “privilegia as formas linguísticas – que podem ter agregadas a si, com maior, ou menor intensidade, um valor social” (SEVERO, 2009, p. 271).

Desse modo, à proporção que o modelo laboviano é estudado, muitas outras abordagens surgem, entre elas a da sociolinguística interacional, a análise da conversa, entre outras. Segundo Flannery (2011),

a sociolinguística interacional lança as bases para uma análise linguística que enxerga até no não dito aquilo que pode contribuir para a compreensão, para as diferenças no estilo comunicativo, e para como a junção destes fatores acaba por determinar significados (FLANNERY, 2011, p. 114)

Essa abordagem enfatiza as relações entre atores sociais que contribuem para a comunicação interacional focando a construção das identidades.

Quanto à Análise da Conversa, Flannery (2011) faz as seguintes ponderações:

A análise da conversa ocupa-se de eventos comunicativos, gravados, que ocorrem em contextos reais, sem a inicialização de um pesquisador, como ocorre nas entrevistas sociolinguísticas modeladas de acordo com o padrão Laboviano.[...] Para a AC, os dados devem ser interpretados no âmbito local das sequências comunicativas de um dado evento, sem se considerar o que um falante sabe ou qual a sua formação, ou tradição cultural. (FLANNERY, 2011, p. 116)

Entretanto, mesmo que existam outras abordagens relativas às narrativas e aos estudos sociolinguísticos, reconhecemos a relevância de Labov e o adotamos como teórico principal de nossa pesquisa, destacando, particularmente, as NOEPs, pois seu modelo de narrativa permite conhecer a realidade social dos indivíduos, além de demonstrar coerência em sua divisão de análise.

1.1 Narrativas de experiência pessoal na ótica laboviana.

A narrativa e a arte de contar histórias têm se tornado um foco de atenção em muitas disciplinas acadêmicas e literárias e quando se pensa em um contador de história, logo vem à mente uma pessoa capaz de criar do nada, que pode atrair e chamar-nos à atenção. Com uma gama de detalhes e minúcias, a narrativa atrai, emociona, diverte e entretém quem as ouve. Muitas dessas histórias, podem não ter credibilidade, pois contos, mitos e mentiras prontas são apresentados corriqueiramente às pessoas, que geralmente não sabem nem estão preocupadas em saber se os eventos narrados teriam ou não ocorrido com o contador da história (LABOV, 1997).

Todavia, para Labov (1997, p. 03), uma NOEP é “*a narrative of personal experience is a report of a sequence of events that have entered into the biography*

*of the speaker by a sequence of clauses that correspond to the order of the original events*⁵.

Na concepção de Labov (1997, p. 03), narrar não é apenas contar uma história ou recontar o passado; especialmente, nas NOEPs, “a experiência precisa ter lugar na biografia do falante”. Assim os eventos vividos serão social e emocionalmente avaliados.

Mostraremos nas seções abaixo os pontos relevantes ao estudo da narrativa para o autor em questão, que formam os eixos formal e funcional. O primeiro compreende a organização temporal da narrativa, os tipos temporais de sentenças narrativas e os tipos estruturais de sentenças narrativas. O segundo compreende as categorias avaliação, relatatabilidade, credibilidade, causalidade, atribuição de elogio e culpa, ponto de vista, objetividade e resolução.

1.1.1 A organização temporal da narrativa

Para Labov (1997, p. 03-04), Ferreira Netto (2008) e Vegini (2012)⁶ a organização temporal da narrativa segue os seguintes princípios:

- a) Juntura temporal: é a maneira mais simples, mais conveniente de recontar o passado; na prática, é a dependência entre duas ou mais sentenças de tal modo que a inversão de sua ordem na sequência da narrativa resulta na mudança que o ouvinte faz na interpretação da ordem dos eventos descritos.
- b) Sentenças sequenciais: são as que se vinculam numa juntura temporal e formam uma sentença narrativa. Para isso, é preciso que preencham alguns requisitos: o narrador e o enunciador têm de ser o mesmo indivíduo, os verbos devem estar no tempo *realis*, ou seja, o presente (com função de passado) e passado perfeito ou imperfeito, e os fatos devem ser apresentados objetivamente (prioridade para os substantivos), isto é, como se efetivamente estivessem ocorrendo; além disso, podem

⁵ Uma narrativa de experiência pessoal é o relato de uma sequência de eventos que teve lugar na biografia do falante por uma sequência de sentenças que corresponde à ordem dos eventos originais. (Tradução de Ferreira Netto)

⁶ Anotações de sala de aula.

ser um elemento da junção temporal; todas as sentenças sequenciais são independentes.

- c) Narrativa mínima: é constituída por duas sentenças sequenciais vinculadas a uma junção temporal por meio do raio de ação.
- d) Sentença narrativa: é um conjunto de sentenças restritivas, presas e livres; é a base das sentenças sequenciais apresentando relações temporais.

1.1.2 Tipos temporais de sentenças narrativas

Para Labov (1997, p. 04-05), Ferreira Netto (2008, p. 40 a 44) e Vegini (2012)⁷ as sentenças narrativas apresentam vários elementos, ou seja,

- a) O raio de ação é o conjunto específico de sentenças sequenciais que formam a sentença narrativa, isto é, da primeira precedente até a próxima imediatamente após uma junção temporal.
- b) Sentença livre: é aquela não vinculada numa junção temporal; pode ser inserida entre as sequenciais, independentemente, para completar alguma informação e tem seu valor de verdade mantido durante todo o desenvolvimento da sentença narrativa.
- c) Sentença Presa: todas as sentenças que formam uma narrativa são presas a uma sentença precedente e a uma subsequente, com exceção da primeira (grau zero em relação à precedente, que recebe o nome de Sentença Restritiva ou sentença cabeça), e da última (grau zero em relação à subsequente); por conta do raio de ação, todas as Sentenças presas são Sentenças sequenciais.
- d) Sentença restritiva: é toda Sentença narrativa com um raio de ação maior do que zero; todas as sentenças que formam uma narrativa são presas a uma sentença precedente e a uma subsequente, com exceção da primeira (grau zero em relação à precedente); é também chamada de sentença cabeça porque é a partir dela que a narrativa tem início.

⁷ Anotações de sala de aula.

1.1.3 Tipos estruturais de sentenças narrativas

Para Labov (1997, p. 05-06) a narrativa se estrutura nas seguintes partes:

- a) **Resumo:** (facultativo), é uma introdução do texto que, em geral, resume o que vai ser tratado; é (geralmente) a sentença inicial, que relata uma sequência de eventos da narrativa e, portanto, se constitui numa sentença livre.
- b) **Orientação:** oferece informações sobre tempo, pessoas, lugares e situação, necessárias, segundo o autor do texto, para a compreensão dos eventos narrados; Assim como o resumo, é uma sentença livre.
- c) **Complicação ou Ação Complicadora (AC):** é basicamente o conteúdo da narrativa e descreve os fatos ocorridos; são as sentenças sequenciais que relatam um evento seguinte como resposta a uma questão potencial “E [então] o que aconteceu?”; são praticamente todas as que fazem o encadeamento narrativo por meio de junturas temporais.
- d) **Coda:** encerra a narrativa, retornando os leitores/ouvintes ao momento da enunciação; sentença final, que retorna a narrativa ao tempo do falante, impedindo uma questão potencial como “E [então] o que aconteceu?”. Assim como a Ação complicadora, é uma sentença sequencial presa com juntura temporal somente em relação à antecedente; é livre, sem juntura temporal, em relação ao final da narrativa.

1.2 Avaliação de um evento narrativo

Em nível das sentenças, a avaliação de um evento narrativo se realiza quando se registra uma informação sobre as consequências desse evento para as necessidades e para os desejos humanos (LABOV, 1997).

Entre as estruturas linguísticas que servem à função de avaliar eventos narrativos podemos citar: as ênfases, as estruturas paralelas e as sentenças ou expressões comparativas. Desses tipos, os mais importantes são os modais, os negativos e os futuros. O EN utiliza desse expediente quando numa narrativa em processo compara os eventos com uma realidade alternativa, que não foi de fato realizada, quando emprega sentenças no modo *irrealis* (o subjuntivo no português,

mas também o indicativo: imperfeito, condicional, futuro). Esse modo é mais intensamente empregado com a maturidade do narrador-enunciador, ou seja, à medida que vai adquirindo habilidades para avaliar suas experiências (LABOV, 1972-1997).

O material avaliador normalmente está espalhado ao longo de toda a narrativa, mas uma seção avaliadora se localiza exatamente antes da mais importante ação avaliativa, ou antes do “ponto” da narrativa. Pelos princípios da “conectividade dos atos da fala”, pondera Labov (1997, p. 6), objetivamente seria necessário atingir o nível mais abstrato da ação; contudo, afirma, é no nível da gramática das sentenças que se pode encontrar pistas mais diretas para a avaliação. Assim,

se um ator de uma narrativa estiver disposto a falar, não importa qual o assunto ou para que tipo de destinatário; isso por si só o capacita para a avaliação e o uso que fizer de negativas, comparativos, modais ou futuros devem ser entendidos como uma forma de avaliação. (LABOV, 1997, p. 07)

Desse modo, quanto mais elementos avaliativos o EN utilizar, maiores são as chances de ele manter o interesse do IO, pois deixa a narrativa mais explicativa.

1.3 Relatibilidade

Fazer uma narrativa requer que uma pessoa ocupe um espaço social maior (manter o turno por mais tempo) que em outras trocas conversacionais. Para tanto, a narrativa tem que produzir muito interesse nos ouvintes para o narrador ser assim considerado. Dado que é muito difícil mensurar o interesse sobre os propósitos de uma narrativa, a relatibilidade em si é uma abordagem de interesse limitado; o conceito de “evento mais relatável” é, todavia, central para a estrutura organizadora de uma narrativa. (LABOV, 1997, p. 07)

Uma alternativa para esclarecer mais essa questão é retornar a um aspecto mais objetivo da situação social do narrador como sugeriu Sacks (1992) em relação à inserção de uma narrativa numa conversa. Segundo esse autor, não se trata de “manter o turno por mais tempo”, mas como controlar a atribuição de falante. Uma narrativa, conforme Sacks (1992), é raramente feita por meio de um simples turno de

fala uma vez que sinais de retorno do destinatário são considerados turnos de fala. (LABOV, 1997, VEGINI, 2012)⁸

Assim, para ser um ato social aceitável, uma narrativa oral de experiência pessoal precisa conter pelo menos um evento relatável. A relatabilidade de um mesmo evento irá variar bastante em função da idade, da experiência, dos padrões culturais do falante e, mais importante que isso, do contexto social imediato com suas propostas competindo por uma reatribuição do papel de falante ao narrador.

Os princípios universais de interesse que subjazem à proposta de Labov (1997) para a análise de uma narrativa estabelecem que alguns eventos são sempre portadores de um grau maior de relatabilidade: morte, tragédia, sexo e indignação social. Fora desses parâmetros, só haverá relatabilidade se houver alto grau de contextualização, ou seja, somente uma pessoa intimamente familiarizada com a audiência (com o conhecimento da questão por parte dos ouvintes) e conhecedora da história recente da situação social envolvida no relato é que poderá estar segura de não errar na introdução da narrativa.

Essa relatividade da relatabilidade não impede auferir graus de relatabilidade numa narrativa. De fato, a criação de uma narrativa e a continuidade das estruturas narrativas são dependentes, sobretudo, do reconhecimento de um evento único que é o “mais relatável”, o mais lapidar.

1.4 Credibilidade

Conforme Labov (1997), a análise da narrativa de que trata este trabalho está baseada em explicações sérias e diretas de eventos vividos pelo narrador e não de piadas, contos, sonhos ou outros gêneros de natureza menos reais. A narrativa é, assim, uma exposição de eventos narrados que ocorreram na biografia do EN. Isso envolve imediatamente o conceito de credibilidade da narrativa, ou seja, a extensão em que os ouvintes acreditam que os eventos descritos tenham ocorrido de fato na forma descrita pelo narrador.

Como visto acima, a relatabilidade de um evento está relacionada à sua frequência bem como a seus efeitos sobre a necessidade e desejos de seus enunciadores. Colocando em uma balança, ocorre que ao crescer a possibilidade

⁸ Anotações de sala de aula

de um evento ser relatável sua credibilidade diminui, ou seja, “*reportability is inversely correlated with credibility*”⁹ (LABOV, 1997, p. 09). Nesse aspecto Labov destaca os eventos fantásticos, pois esses diminuem a credibilidade.

A compreensão dessa relação paradoxal entre relatabilidade e credibilidade depende, sobretudo, do entendimento adequado de como os narradores criam as narrativas e como as arquitetam quando as expressam. (LABOV, 1997).

O contexto social no qual os falantes estão inseridos influencia na credibilidade; se uma narrativa séria (explicação séria e direta de eventos, excetuando-se, pois, piadas, contos, sonhos, mitos etc.) não conseguir a credibilidade esperada, implica afirmar que a ordenação e a estruturação dos eventos utilizada pelo EN estão logradas, e, conseqüentemente ele terá dificuldade na retomada de turno.

Em outros termos, uma “reivindicação inválida de reatribuição” ou uma reivindicação desprovida de autoridade dialógica é uma forma de anunciar que o narrador sofreu uma perda de *status*, que afetará suas futuras demandas de reatribuição de turno bem como outras prerrogativas sociais. Assim, mesmo em face “ao mais relatável dos eventos de uma narrativa, o narrador deve devotar o maior esforço possível para dar-lhe credibilidade” (LABOV, 1997, p.11)¹⁰

1.5 Causalidade

Labov (1997, p.11) afirma que a construção de uma NOEP requer uma teoria pessoal da causalidade nesta ordem:

- a) Seleção do evento mais relatável e o evento zero, a partir do qual o evento vai se desenvolver;
- b) Seleção do primeiro evento, que é a causa eficiente de evento zero, a resposta à questão imediata sobre o evento zero: “Como isso aconteceu?”;
- c) Continuação do passo (b), recursivamente, até um evento *ene* ser atingido para o qual a questão do passo (b) não será apropriada.

A questão “Como isso aconteceu” não é apropriada quando a resposta é “Porque esse tipo de coisa (normalmente) acontece”. O evento *ene* é a Orientação da narrativa, mais especificamente, o contexto comportamental da Orientação.

⁹ A possibilidade de ser relatável é inversamente proporcional à credibilidade. (Tradução de Ferreira Netto)

¹⁰ Tradução de Ferreira Netto

Labov (1997, p. 3) utiliza a Narrativa abaixo para ilustrar sua análise.

Oh I w's settin' at a table drinkin'
And - this Norwegian sailor come over
an' kep' givin' me a bunch o' junk
about I was sittin' with his woman.
An' everybody sittin' at the table with me were my shipmates.
So I jus' turn aroun'
an' shoved `im,
an' told `im, I said,
"Go away,
I don't even wanna fool with ya."
An' nex' thing I know I 'm layin' on the floor, blood all over me,
An' a guy told me, says,
"Don't move your head.
Your throat's cut."¹¹

Nessa narrativa, as relações causais são assim estabelecidas como afirma Labov (1997, p.11)

Orientation: Shambaugh and his shipmates were sitting at a table drinking.
[For no known reason,] a Norwegian sailor came to complain to Shambaugh about a non-existent condition.
[Because there was no basis for the complaint,] Shambaugh rejected the complaint.
[Because there was nothing further to be said,] Shambaugh turned his back on the sailor.
[Because Shambaugh had turned his back to the sailor,] the sailor was able to cut Shambaugh's throat.¹²

¹¹ a — Ah! Eu tava sentado numa mesa bebendo

b — E esse marinheiro norueguês veio pra cima de mim

c — e, então, ele continuou falando um monte de merda sobre eu estar sentado com a mulher dele.

d — E todo mundo que tava sentado na mesa comigo era meu companheiro de navio.

e — Então eu virei para trás

f — e empurrei ele

g — e eu falei para ele, eu disse

“Sai!

h — Eu nem mesmo quero mexer com você.”

i — E a próxima coisa que eu me lembro é que eu estava no chão, com sangue em cima de mim

j — E um cara que me dizia, dizia

“Não mexe sua cabeça.

k — Sua garganta tá cortada.” (Tradução de Ferreira Netto, 1997)

¹² e4 Orientação: Shambaugh e seus amigos marinheiros estavam em uma mesa bebendo

e3 [Por uma razão não conhecida], um marinheiro norueguês veio reclamar com Shambaugh de um fato inexistente.

e2 [Porque não havia base para a reclamação,] Shambaugh rejeitou a reclamação

e1 [Porque não havia mais nada para dizer,] Shambug virou as costas para o marinheiro

e0 [Porque Shambaugh virou as costas para o marinheiro,] o marinheiro foi capaz de cortar a garganta de Shambaugh. (Tradução de Ferreira Netto, 1997)

A base causal é dada pela palavra “merda” e está implicada, mas não explicitada. A moral que ele evoca da história é que na próxima vez, se ele empurrar alguém, ele mesmo deverá ficar de pé e bater no outro. A teoria de Shambaugh dos eventos é, então, que ele teve a garganta cortada porque deu as costas para alguém cujo comportamento é de uma maneira incompreensível (LABOV, 1997, p. 10).

Dessa forma, é imprescindível que a proposição e a organização dos eventos voltem-se sempre para o mais relatável.

1.6 A atribuição do elogio e da culpa

Para explicitar o conflito que ocorre entre os atores humanos ou o esforço que esses fazem para neutralizar as forças naturais, o EN e o IO, inevitavelmente, lhes atribuem elogio e culpa em relação às ações que praticam. O dualismo (bem/mal) pode ser notado nas narrativas quando o antagonista é visto transgredindo as normas sociais e o protagonista conformando-se maximamente a elas. Dessa maneira, o estudo de como os narradores atribuem elogio e culpa é um aspecto importante da análise da narrativa (LABOV, 1997).

Uma compreensão de como os eventos subjacentes são apresentados pode ser obtida por meio de uma visão mais abrangente das causas mais comuns dos envolvidos. Não há dúvidas, portanto, de que a atribuição do elogio e da culpa reflete o ponto de vista do narrador. Não se trata, todavia, de uma informação que conscientemente o narrador transmita a seus ouvintes, mas sim, uma estrutura ideológica a partir da qual os eventos são vistos. Nessa vertente, Labov (1997, p. 13) afirma que “ao desvendar essa ideologia, partimos do mecanismo dramático que é a essência do evento de fala narrativa, ou seja, a transmissão da experiência do narrador aos seus ouvintes”, que é recheada pela postura moral tomada pelo narrador.

Desse modo, poderia se pensar que aqueles que comungam a mesma moral assumida pelo narrador tendem a ficar mais impressionados pela narrativa do que aqueles que discordam e, conseqüentemente, encontrariam maior credibilidade e maior interesse e engajamento no fato relatado. (LABOV, 1997).

1.7 Ponto de vista

Como a experiência pessoal do narrador é transferida para os ouvintes? Entre os traços mais característicos das narrativas de experiência pessoal o ponto de vista particular ou o ponto de vista a partir do qual a ação é vista é o mais saliente. Ele pode ser definido como *“a narrative clause is the spatio-temporal domain from which the information conveyed by the clause could be obtained by an observer”* (LABOV, 1997, p. 11)¹³

Esse traço determina a diferença nítida entre uma NOEP e uma narrativa literária. Na literatura, pode-se mudar o ponto de vista para apresentar informações acerca de outros eventos, pode-se utilizar um ponto de vista impessoal e utilizar o recurso do narrador-onisciente, que entra no inconsciente dos personagens, que sabe o que eles pensam ou sentem, sendo possível o uso da técnica do flashback. Entretanto, em uma NOEP só há uma possibilidade, “os eventos são vistos unicamente pelo olhar do narrador” (LABOV, 1997, p. 12) no momento em que os fatos estão sendo relatados.

Nesse sentido, “a sequência temporal dos eventos nas narrativas orais de experiência pessoal segue a ordem em que os eventos tornaram-se conhecidos pelo narrador” (LABOV, 1997, p.12) e, por conseguinte, não há possibilidade do uso de flashback nesse tipo de narrativa.

1.8 Objetividade

Entre as inúmeras NOEPs gravadas e estudadas por Labov, notamos uma quantidade considerável de variabilidade no grau de objetividade. Em geral, pondera Labov, foram encontradas narrativas da classe média alta, de falantes de nível superior, reportando ou atribuindo emoções aos narradores.

No trabalho de Labov e Waletzky (1967) é apresentada uma escala de objetividade de afirmações avaliativas cuja origem vem dos relatos das emoções internas referentes a eventos e objetos materiais. Em suas pesquisas eles descobriram que contrariamente a isso, muitos narradores da classe trabalhadora são econômicos no relato de seus sentimentos subjetivos.

¹³ O domínio espacial e temporal a partir do qual a informação transmitida por uma sentença pode ser obtida por um observador. (Tradução de Ferreira Netto, 1997)

Para os autores mencionados, no parágrafo anterior, a observação de que narrativas que relatam a experiência mais objetivamente são mais eficazes do que as que relatam subjetivamente não é uma afirmação fortemente evidenciada. Não há dados concretos e fortes para sustentar essa observação. Todavia, evidências experimentais garantem a crença de que a objetividade aumenta a credibilidade ou, conforme a proposição de Labov (1997, p. 15), “Uma vez que se concorde que a observação do narrador pode ser afetada por seu estado interno (emocional), relatos de eventos objetivos são mais críveis do que eventos subjetivos”.

Por conta disso, propõe Labov, essa objetividade é uma condição necessária para a capacidade de narrativas de transmitir a experiência aos ouvintes. Assim, ele formula uma nova proposição: “*The transfer of experience of an event to listeners occurs to the extent that they become aware of it as if it were their own experience*” (LABOV, 1997, p. 13)¹⁴

Deste modo, significa que essa proposição fica meio limitada, todavia, à proporção que o narrador acrescenta informações subjetivas provenientes de suas emoções à descrição de um evento objetivo, os ouvintes tomam-se mais conscientes de que o evento é de fato uma experiência do narrador.

Para Labov (1997), essas implicações geram uma nova proposição que combina as experiências derivadas de recontar histórias e observações na estrutura narrativa em diferentes classes sociais, ou seja, “*the objectivity of the description of an event is a necessary condition for the transfer of experience in personal narrative*” (LABOV, 1997, p.13).¹⁵

Nisso, porém, há mais um paradoxo, pois a transferência da experiência é um fenômeno puramente subjetivo, difícil de ser mensurado, contudo só se obtém essa experiência subjetiva por meio da apresentação objetiva dos eventos (LABOV, 1997).

¹⁴ “A transferência da experiência de um evento aos ouvintes ocorre na medida em que eles se conscientizam de que isso passa a ser sua própria experiência”. (Tradução de Ferreira Netto, 1997)

¹⁵ A objetividade da descrição de um evento é uma condição necessária para a transferência da experiência em uma narrativa oral de experiência pessoal. (Tradução de Ferreira Netto, 1997)

1.9 Resolução

Na visão de Labov e Waletzky (1967), a resolução da narrativa era simplesmente o fim ou a consequência. Não havia um meio muito preciso de distingui-la das últimas ações complicadoras. Mas com a introdução do conceito do evento mais relatável, a situação da unidade estrutural de uma NOEP alterou-se. A resolução pode ser vista logicamente como a série de ações complicadoras que seguem o evento zero igual ao evento mais relatável e não as que o precedem. Ela passa, então, a ser definida, por Labov (1997, p. 16) como “o conjunto de ações complicadoras que seguem o evento mais relatável” de uma NOEP.

Labov e Waletzky (1967) definem CODA como a sentença ou sentenças que apresentam o retorno narrativo no momento em que a história está sendo contada de tal forma que a questão “E o que aconteceu depois” deixa de ser adequada. Isso não significa que o ouvinte esteja automaticamente satisfeito com toda a informação dada como consequência do evento mais relatável. Todavia, se a Resolução não é satisfatória nesse aspecto, fica a impressão para o ouvinte que a narrativa está incompleta.

É assim que Labov divide e estrutura as NOEPs. Essa teorização que organizamos servirá de base para o capítulo de análise. Além desses pontos, julgamos necessário apresentar algumas considerações sobre memória e narrativa uma vez que essas caminham juntas na construção do relato das experiências; além disso, atendem aos objetivos propostos nesta dissertação. Por isso, no próximo capítulo recorreremos a Halbwachs (2006), Candau (2012) e Ferreira Netto (2008) para apresentar essas observações sobre a relação memória e narrativa.

CAPÍTULO II

MEMÓRIA E NARRATIVA

A linguagem é uma forma de manifestação da língua que permite aos seus usuários exteriorizar pensamentos, experiências, opiniões, fatos, entre outros, gravados em sua memória. Essas manifestações são possíveis, pois, como uma faculdade humana, a memória pode ser recuperada a partir de inúmeros estímulos. Nesse sentido, como atesta Ferreira Netto, há dois tipos de memória.

A memória explícita envolve a lembrança consciente de episódios passados, por meio da recuperação intencional desses episódios, enquanto a memória implícita envolve a influência de episódios passados no comportamento atual sem recuperação intencional e, algumas vezes, sem lembrança consciente daqueles episódios. (FERREIRA NETTO, 2008, p. 16)

Assim, a memória é um veículo de recordações, lembranças biográficas, saberes, crenças, sentimentos, exclusivo de cada indivíduo, porém mesmo que exista “em uma determinada sociedade um conjunto de lembranças compartilhadas pelos seus membros, as sequências individuais de evocação dessas lembranças serão possivelmente diferentes” (CANDAU, 2012, p.36), uma vez que cada cérebro possui seu próprio mecanismo de recordar.

Seguindo essa vertente, devemos considerar que

assim como é preciso introduzir um germe em um meio saturado para que ele cristalize, o mesmo acontece neste conjunto de testemunhas exteriores a nós temos de trazer uma espécie de semente da rememoração a este conjunto de testemunhos exteriores a nós para que ele vire uma consistente massa de lembranças. Ao contrário, quando uma cena parece não ter deixado nenhum traço em nossa memória, se na ausência dessas testemunhas nos sentimos completamente incapazes de reconstruir qualquer parte dela, os que um dia a descreverem poderão até nos apresentar um quadro muito vivo da cena – mas este jamais será uma lembrança (HALBWACHS, 2006, p. 32).

Observamos que para lembrar é preciso que em nossa memória tenham ficado vestígios daquele evento. Quando retornamos a um local em que estivemos anteriormente, isso nos ajuda a recuperar um quadro de imagens que foram esquecidas. Halbwachs (2006, p. 29) afirma que

se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente. É como se estivéssemos diante de muitos testemunhos.

Dessa forma, as nossas lembranças podem estar baseadas não só no nosso pensamento, mas no de outras pessoas. Se por exemplo, encontrarmos um velho amigo, ao recordarmos alguns momentos vividos, os fatos ganham mais força, pois não estamos mais sós para representá-los. De fato, Halbwachs (2006) a esse respeito mostra que

nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Todavia, para que a nossa memória se aproprie da memória de outrem, não basta só seu testemunho, é preciso que haja uma relação de concordância entre elas. Além disso, é necessário que haja vários pontos em comum para que a lembrança por nós ordenada seja reconstruída sobre uma base comum, ou seja, “é preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros”, conforme sustenta Halbwachs (2006, p. 39).

Essa permuta entre as memórias só é possível para os membros de uma mesma comunidade ou grupo, pois é no acervo de nossas memórias, que nossas lembranças permitem sentir-nos integrantes e identificados com um grupo.

Nessa perspectiva, cabe apresentar a proposta de Halbwachs (2006) que estabeleceu três classificações específicas para a memória: a individual, a coletiva e a histórica.

Para esse autor, só a memória individual pode ser entendida como original, já que foi gerada por uma testemunha do fato. Entretanto, sozinha ela não está apta a reconstituir com precisão a ação testemunhada. Essa dependência advém da nossa vida social. Mesmo que o indivíduo carregue em si a lembrança, ela está sempre interagindo com a sociedade, com seu grupo, com as instituições etc. A memória coletiva seria, assim, o resultado de uma reconstrução da memória individual. Por conseguinte, esse amálgama entre as memórias individuais forma uma imagem mais completa da memória coletiva. Já a memória histórica é a reconstrução do passado baseando-se em eventos que foram documentados. Diante disso, Ferreira Netto, assim se posiciona:

se por um lado, a memória individual é a única e verdadeiramente confiável, por outro lado ela é fragmentária; se, por um lado, as memórias coletiva e histórica não são confiáveis, por outro, são as que se apresentam com maior precisão e poder explicativo (FERREIRA NETTO, 2008, p. 30).

Verificamos, pois, que para existir a memória coletiva existe primeiramente a memória individual. Para Halbwachs (2006, p. 72) “a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas”.

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali eu ocupo, e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (...) quando tentamos explicar essa diversidade, sempre voltamos a uma combinação de influências que são todas de natureza social. Algumas dessas combinações são extremamente complexas. Por isso, não depende de nós fazê-las reaparecer (...). A sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, sempre se explica pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos ambientes coletivos, ou seja, em definitivo, pelas transformações desses ambientes, cada um tomado em separado, e em seu conjunto (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Isso significa que quando o indivíduo expõe lembranças de sua memória individual, ele está resgatando elementos de uma memória coletiva, ou de aspectos sociais que tenha presenciado ou ouvido falar. A memória permite que as experiências tenham significados. Ao resgatar o passado, o indivíduo o recria e também se inclina para o futuro. Assim, “a lembrança corresponde a um acontecimento distante no tempo, a um momento de nosso passado” (HALBWACHS, 2006, p. 55).

Desse modo, ao narrar, fatalmente fazemos uso, como indivíduo, da memória coletiva. Observamos, então, a relação direta que há entre a memória e a narrativa, especialmente quando falamos em tradição oral, pois a oralidade é, em muitos casos, a forma mais universal e pragmática de perpetuar a história de um povo.

Nessa ótica, a memória ultrapassa simplesmente a lembrança e devido à dimensão coletiva, ganha *status* de documento histórico. Ferreira Netto (2008, p.17) declara que “essa forma de documentação de eventos na memória individual é um dos meios institucionalizados próprios das sociedades para garantirem sua identidade e permanência”.

Nesse viés, salientamos a distinção que LeGoff (1990) faz entre documento e monumento. Segundo ele, “monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”, já “o documento é o conjunto de dados específicos dessas recordações” (p.535).

Reiterando esse pensamento, Ferreira Netto (2008, p. 20) afirma que “a noção de documento pressupõe a leitura ativa, diferentemente da noção de monumento, que apenas pressupõe a de lembrança passiva dos fatos desencadeada por um estímulo externo”.

Desse modo, nas sociedades de tradição oral, monumento e documento confundem-se na memória coletiva e nas práticas sociais institucionalizadas. Nessas sociedades, documento e monumento são complementares e garantem que informações legadas pelos antepassados sejam protegidas.

Nesse segmento, Ferreira Netto (2008) assim conclui,

o domínio na manipulação dos monumentos é, portanto, prática crucial para a sociedade e para a manutenção de identidade própria que mantém o grupo coeso, padronizando o comportamento de seus membros. Desse ponto de vista, não há que se confundirem as estratégias baseadas na memória coletiva de uma sociedade em que a tradição oral é predominantemente, daquela baseada na memória histórica de uma sociedade em que a tradição escrita é predominante (FERREIRA NETTO, 2008, p. 20-21).

Logo, o hiato entre a tradição oral e a escrita permite compreender as estratégias adotadas por cada sociedade para manter sua identidade. Sobre isso, Linton (1981) ao descrever o funcionamento das sociedades, afirma que existem padrões de comportamento dos indivíduos, concebidos por ele como *status*, que decorrem do papel social desempenhado pelo indivíduo.

De qualquer modo, seja na tradição oral ou na escrita, a manutenção e a divulgação dos papéis sociais ocorrem por meio das narrativas que são transmitidas de geração a geração. As narrativas são formas de recordar o passado, permitindo que nossas lembranças sejam revividas e reconstruídas, pois “quando uma representação mental é comunicada de um indivíduo a outro (...) ela se transforma em representação pública” (CANDAU, 2012, p. 37).

Por isso, percebemos que,

na memória individual, haverá fatos que se repetem entre vários indivíduos que participam da mesma comunidade de interlocução geradora desses mesmos fatos memorizados. As memórias, dessa maneira, se associam pela comunhão de lembranças comuns que permitem, por sua vez, o reconhecimento e a familiaridade entre todos os membros participantes dessa comunidade (FERREIRA NETTO, 2008, p. 31).

Por esse raciocínio, o trabalho da memória nunca é puramente individual, pois a associação de lembranças comuns em um mesmo grupo possibilita aos seus

membros alimentar um sentimento de igualdade e identidade. Portanto, a memória coletiva é resultado do esforço grupal para resgatar lembranças e momentos comuns para produzir um conjunto de lembranças compartilhadas. De igual modo, “o próprio evento da enunciação da criação da narrativa contribui para a memória coletiva, bem como para sua transformação e atualização” (FERREIRA NETTO, 2008, p.33) e “na memória histórica, ainda que a mesma contribuição do ouvinte possa ocorrer, essa contribuição tem uma escala muito diferenciada”, haja vista que “a memória histórica é cumulativa, os relatos das testemunhas dos primeiros eventos acumulam-se aos relatos das testemunhas dos eventos seguintes e assim sucessivamente” (FERREIRA NETTO, 2008, p. 32).

Portanto, podemos entender que há uma relação íntima entre a memória individual e a coletiva e ambas têm pontos de ligação com a memória histórica. Essas observações sobre memória validam as nossas análises que serão apresentadas nos próximos capítulos.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 MÉTODOS E TÉCNICAS

Este trabalho segue o viés metodológico das pesquisas bibliográficas e de campo; a primeira subsidiou todo o arsenal teórico necessário para proceder às análises e a segunda permitiu a coleta do *corpus*. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos a entrevista livre, com a gravação de NOEPs, e o questionário com questões mistas para identificar aspectos socioeconômicos e culturais das informantes.

Além disso, essa pesquisa é descritiva uma vez que segundo GIL, (1999, p. 44) “pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relação entre variáveis”. Nas NOEPs coletadas descreveremos as categorias de análise linguísticas, em cada uma das narrativas, conforme preconiza Labov (1967 - 1997), e em seguida faremos a comparação entre as NOEPs, *corpus* desta dissertação, observando as similaridades e as divergências.

3.2 Local da pesquisa, seleção das informantes e do corpus

Selecionamos as informantes, a partir do contato que tivemos com elas, no Projeto Mulheres Mil, como nos reportamos na Introdução, que está sendo executado pelo Instituto Federal de Rondônia, campus Ji-Paraná. Do contato com as vinte mulheres do curso de Beleza e Estética, voluntariamente, tivemos cinco interessadas em participar da pesquisa. Marcamos o dia da entrevista, dispomos as cadeiras em círculo e iniciamos nosso bate-papo. Falamos os objetivos da pesquisa e pedimos às envolvidas que contassem uma experiência de vida, podendo seguir o viés do relato disfórico ou eufórico. Segundo Vegini (2012)¹⁶, os eventos de disforia envolvem: acidente, incêndio, assalto, sequestro, traição, prisão, ameaça, entre outros e os de euforia referem-se à sorte grande, aniversário, aprovação em concurso, formatura, casamento, reencontro etc. Explicamos a necessidade do

¹⁶ Anotações de sala de aula.

termo de consentimento livre e esclarecido e pedimos também que as informantes preenchessem um questionário (consta no apêndice). Iniciadas as gravações, uma após a outra foi relatando alguns momentos biográficos.

Tentamos minimizar a presença do gravador, evitando o “Paradoxo do observador” (LABOV, 1997), conforme comentamos no capítulo I, e iniciamos as gravações. Então, coletamos cinco NOEPs, realizamos as transcrições, procurando aproximar a linguagem falada da linguagem escrita, mas deixando ainda algumas marcas de oralidade como “estava”, “tô” em vez de “estou”, “pra” em vez de “para”, “continúa” em vez de “continuar”, e algumas concordâncias como “as dificuldade ia”, como forma de garantir a expressividade da linguagem falada.

Apesar de termos selecionado cinco narrativas, nesta dissertação trabalhamos apenas com quatro, uma vez que a informante 5 dialoga com muita frequência e a narrativa não flui conforme as expectativas previstas por Labov.

Durante a coleta das narrativas houve poucas interferências da pesquisadora, e algumas pequenas manifestações das ouvintes/informantes, as voluntárias de posse da palavra desenvolveram suas narrativas de forma quase monológica.

Após as transcrições, as narrativas foram organizadas para atender aos objetivos desta dissertação. Todavia a versão completa foi mantida e consta nos apêndices.

Para evitar qualquer tipo de constrangimento, presente ou futuro, os nomes das informantes são fictícios, mesmo que elas tenham autorizado a divulgação.

As NOEPs que compõem o *corpus* dessa dissertação foram etiquetadas como 1, 2, 3 e 4 (NOEP 1), (NOEP 2), (NOEP 3) e (NOEP 4).

3.3 Foco da análise

Conforme nos referimos no aporte teórico, a análise do *corpus* será realizada com base nos trabalhos de Labov e Waletzky (1967), Labov (1997) e Ferreira Netto (2008), Hanke (2003), Halbwachs (2006), Candau (2012), que fornecerão os subsídios necessários para esse olhar analítico. E em relação ao *corpus* selecionado, registramos que, indubitavelmente, tratam-se de NOEPs, uma vez que os relatos registram eventos que aconteceram na biografia das informantes,

sequenciados por sentenças que correspondem à cronologia dos fatos, tais como foram vivenciados.

Reiteramos que a análise a ser realizada tem caráter hermenêutico, seguindo o que o próprio Labov considera; verificamos que o *corpus* dessa dissertação se assemelha aos dados coletados por Labov (1997), pois foram coletados a partir de uma questão disparadora “Conte-me uma experiência de vida” que suscitou reminiscências biográficas das informantes, mostrando a questão social por meio da linguagem.

Labov & Waletzky (1967, p. 20-30), conforme visto no capítulo I, propõem os seguintes elementos estruturais formais de uma NOEP: Resumo (facultativo), do que se trata, síntese do que versará a narrativa; Orientação (contextualização respondendo: quem?, quando?, o quê?, onde?); Complicação (o que aconteceu?), Resolução (qual o desfecho?, consequência da ação complicadora); Avaliação (a razão pela qual o narrador está contando) e Coda (demarca o fim da narrativa). Mais tarde, Labov (1997, p. 1-18) retoma essa estrutura, e como atesta Ferreira Netto (2008) classificando a narrativa em: resumo, orientação, ação complicadora e coda, agregando outras categorias, tais como: avaliação, relatabilidade, credibilidade, causalidade, atribuição do elogio/culpa, ponto de vista, objetividade e resolução.

A partir dessas propostas complementares e a estrutura geral das NOEPs, nossa análise seguirá os moldes propostos por Labov em 1997. No entanto, fazemos algumas modificações. No eixo formal, quanto à estrutura apresentamos: resumo, orientação, complicação/resolução e coda. Resolvemos colocar a resolução logo após a complicação tirando-a do eixo funcional em que Labov tinha reordenado, por razões de clareza já que a resolução é uma tentativa de solucionar a complicação. Como nossas NOEPs são extensas e apresentam várias complicações e várias resoluções, optamos, então, por essa nova ordem, que, a nosso ver, permite uma visualização mais direta e precisa dos eventos.

E em seguida utilizaremos o aporte teórico do capítulo II para algumas considerações e observações analíticas no item intitulado “Memória feminina: retratos do cotidiano”.

CAPÍTULO IV

CORPUS DA ANÁLISE: NARRATIVAS ORAIS DE EXPERIÊNCIA PESSOAL

Para efeitos de contextualização, descrevemos alguns dados, sobre as informantes, coletados no questionário aplicado e logo em seguida apresentamos as NOEPs coletadas.

A informante 1 tem idade entre 18 e 27 anos, Ensino Médio completo e a renda familiar varia de 2 a 4 salários mínimos. Segundo ela, às vezes, gosta de contar histórias, mas poucas vezes tem o costume de contá-las para outras pessoas. Nascida em Ji-Paraná, onde reside há mais de 15 anos.

A informante 2 tem idade entre 28 a 36 anos, Ensino Médio completo e a renda familiar é menor do que um salário mínimo. Ela disse que, às vezes, gosta de contar histórias, e que raramente tem esse costume. Nasceu em Ji-Paraná, mas migrou para Arenápolis-MT, de onde retornou à cidade natal e vive há mais de 15 anos.

A informante 3 tem idade entre 37 a 43 anos, Ensino Médio completo e renda familiar de 2 a 4 salários mínimos. Gosta de contar histórias para outras pessoas e tem o costume de fazê-lo. Nascida em Galiléia-MG, reside em Ji-Paraná há mais de 15 anos.

A informante 4 tem idade entre 37 a 43 anos, Ensino Médio completo e renda familiar de 2 a 4 salários mínimos. Às vezes, gosta de contar histórias para outras pessoas, mas poucas vezes tem o costume de fazê-lo. Nasceu em Campo Mourão-PR e reside em Ji-Paraná há mais de 15 anos.

Diante desses dados, observamos que três delas têm renda familiar de 2 a 4 salários mínimos e uma tem renda menor do que um salário. Todas conseguiram concluir o Ensino Médio e moram em Ji-Paraná há mais de quinze anos. Isso deixa transparecer que se trata de mulheres com condições de vulnerabilidade social no interior do estado de Rondônia. Em relação à idade, são jovens mulheres, mas já apresentam em sua biografia muitos dramas familiares, como veremos no capítulo seguinte.

4.1 NARRATIVA 1 (NOEP 1)

01	SR	Bom, eu me chamo Maria tenho vinte e dois anos ...
02	SL	a história que me conta que geralmente minha mãe contava e
03		que agora não há mais necessidade é que com dois anos de
04		idade eu fui adotada.
05	SS	minha mãe era separada do meu pai tinha quatro filhos contando
06		comigo e todos os meus irmãos ficaram com os parentes menos
07		eu
08	SS	a minha madrasta não gostava de mim enfim...ela me deixou na
09		rua a mercê...
10	SL	e a irmã da minha mãe que eu moro hoje atual me encontrou na
11		rua... diz ela que eu tava suja com o cabelo sujo, cheia de piolho
12		com as feridas nas perna
13	SL	e ela resolveu adotar.
14	SS	Só que ao ver a minha mãe de hoje eu agarrei nas pernas dela e
15		fiquei...
16	SS	a família da minha mãe não me aceitou, mas ela foi tentando
17		convencer com um jeitinho dela
18	SL	que ela tem um jeitinho incrível
19	SS	e fiquei e...
20	SS	tenho da minha mãe que se chama Lindalva tem três filhos dela e
21		tinha a Gisele que faleceu era adotiva também e eu.
22	SS	Quando eu tinha dezesseis anos eu engravidei, tinha um
23		namorado na época que engravidei, nós brigamos e separamos
24	SS	aí eu não quis aceitar a ... gestação ele aceitou melhor do que
25		eu e decidimos voltar.
26	SS	Voltamos e fomos morar junto na casa da minha mãe.
27	SS	Aos dezessete anos tive meu filho Rafael, quando ele completou
28		nove meses eu arranjei meu primeiro emprego foi numa loja
29		como vendedora.
30	SS	Passando-se uns quinze dias eu tive a notícia de que a minha
31		irmã faleceu.

32	SL	Ela morava no Mirante ...
33	SL	deram oito facadas nelas (choro)
34	SL	eu fico muito triste (choro) porque quando ela morreu eu não tive
35		a oportunidade de pedir perdão a ela (choro)
36	SL	ela morreu com 25 anos de idade...
37	SS	Hoje faz... em novembro faz cinco anos que ela faleceu, às
38		vezes, ainda dói muito (choro), (pausa) porque apesar das
39		brigas ela era minha irmã ...
40	SS	mas enfim continuei trabalhando fiquei um período curto
41	SS	e Rafael quando completou quatro anos de idade eu fiquei
42		grávida novamente esperando a Samanta.
43	SL	Sempre tive muita briga com o meu parceiro mas sempre a gente
44		se entendeu
45	SS	e tive a Samanta. Samanta quando completou oito meses eu
46		fiquei grávida novamente esperando a Magali
47	SL	as dificuldades ia aparecendo as confusão entre família vinham
48		((choro)) e não tinha como a gente segurar era inevitável e
49		relação estressante ((choro))
50	SS	eu via a minha mãe depressiva sem poder fazer nada foi aonde
51		que quando eu tava grávida esperando a Samara, minha filha do
52		meio, decidi ser manicure para poder ajudar na renda.
53	SL	Graças a Deus eu gosto do que eu faço ganho com o que eu
54		faço e consigo ter uma vida digna, tento dar o melhor aos meus
55		filhos, moro com ela continuo casada sou casada há nove anos
56		meus filhos são lindos são bem saudáveis tenho uma relação
57		com a minha mãe e meus irmãos super bem
58	SS	e eu pensava assim como é que eu vou fazer pra minha mãe sair
59		dessa depressão? pra minha mãe superar a dor que é
60		impossível a gente não segurar. (voz trêmula)
61	SS	Graças ao projeto do Mulheres Mil onde eu ((hesitando)) estou
62		estudando, pelas colega, pela escola teve um projeto do
63		PRONATEC onde ela está num curso de Viveiricultor que é o
64		sonho dela mexer com terra com flores, eu vejo minha mãe com

65		autoestima lá em cima, mais magra e a nossa relação cada dia
66		mais melhorando
67	SS	Graças a Deus, e eu fico muito feliz, uma ajuda a outra...
68	SL	meus filhos, minha família é tudo na minha vida.
69	SS	Tenho sonhos de concluir o curso e de abrir meu cur... de abrir
70		meu salão, de ter minha casa como todo mundo gosta de ter.
71	SS	tenho um ... meu esposo e eu temos um carro e estamos
72		pagando um terreno ...
73	SL	e eu creio assim se você tiver força de vontade e querer você
74		vence, porque as dificuldade vêm mas vem pra você superá-las.
75	SS	E é isso, cada dia mais eu aprendo coisas novas, pessoas boas
76		e a minha história é essa.
77	SR	Assim... eu me considero feliz ... o que eu puder fazer de
78		diferente, algo novo eu faço, eu só meio assim maluquinha de
79		aventura, adoro fazer esses tipo de coisa mas assim sempre
80		dentro do meu limite é isso que eu tenho pra contar.

4.2 NARRATIVA 2 (NOEP 2)

01	SR	Bom, eu vim do Mato Grosso né e tem 12 – 13 anos porque eu
02		perdi meu pai.
03	SL	eu tava com 18 ano
04	SS	ele morreu matado e aí nós ficamos muito revoltado
05	SL	aí meu irmão começou a beber... ele tinha 16 anos
06	SS	e aí antes o cara ficou ... disse que era amigo do meu pai, ficou
07		solto né, e morava perto da casa da gente... e voltou com 48
08		horas e advogado e ficou solto e o meu irmão queria fazer
09		alguma coisa né. Até a gente ficou revoltado com isso.
10	SL	Aí a minha mãe com medo que acontecesse o pior achou melhor
11		vir embora pra Rondônia.
12	SS	Aí viemos embora pra Rondônia, chegou aqui passamos muitas
13		dificuldades né, morando de aluguel nós trabalhando pra ajudar
14		a minha mãe, e a minha mãe assim, ela criou a gente assim ...
15	SL	eu e minha mãe sempre fomos muito amigas, eu nunca escondi
16		nada dela, eu sempre fui uma filha assim, eu nunca pensei em
17		namorar, nunca dei trabalho pros meus pais sobre namoro,
18		porque eu não gostava, eu gostava muito de sair, dançar, me
19		divertir.
20	SS	Aí conheci,
21	SL	quando chegou aqui, eu tinha dezenove anos,
22	SS	conheci um rapaz e me perdi com ele, e minha mãe me expulsou
23		de casa ((hummm – manifestação da plateia)), fez eu ir morar com
24		ele na marra né
25	SS	e morei três mês com ele, não deu certo, aí eu saí da casa dele
26	SL	minha mãe não conversava comigo
27	SS	aí eu fiquei correndo trecho, mora aqui, mora ali
28	SL	sofri bastante
29	SS	aí uns dois anos aí quando minha mãe me perdoou eu voltei pra
30		casa
31	SS	aí eu trabalhava no salão

32	SL	e salão tem hora de entrar e não tem hora de sair
33	SS	e a minha mãe, o meu irmão esse um que bebia, ele pegava
34		e não deixava eu entrar dentro de casa
35	SL	ele falava que eu tava biscateando, que eu tava andando à toa,
36		que eu não tava trabalhando não era nada, que aquilo não era
37		hora de chegar em casa
38	SS	aí eu dormia pelas casas dos vizinhos, ((risos)) dormia na rua e
39	SS	aí foi quando eu conheci o pai do meus filhos né, a gente
40		namorou vinte e sete dias eu nem conhecia ele direito.
41	SS	e aí fomo morar junto, vivemos junto onze anos né,
42	SS	aí nos separamos
43	SL	tenho dois filhos a Luana tem onze e o Diogo tem nove e
44	SL	é aí tem 2 anos 3 meses que nós somos separados
45	SS	e eu luto pra criar meus filhos ele não me ajuda muito
46	SS	e tô aí e ele veio enchendo o saco, querendo voltá tudo, tentei
47		dar uma chance pra ele, mas eu vi que ele não mudou nada
48	SL	não vi mudança
49	SS	Peguei, mandei ele embora de volta e tô bem, tô vivendo com
50		meus dois filhos
51	SR	quero vencer e lutar e conseguir criar meus filhos.

4.3 NARRATIVA 3 (NOEP 3)

01	SR	Eu me chamo Antônia né, tenho 37 anos, então vou falar um
02		pouquinho da minha vida assim meio que resumindo ela
03	SS	É eu fui abandonada pelo meu pai antes de nascer. Minha mãe
04		tava grávida de mim, aos seis meses,
05	SL	então ele abandonou nós duas e foi embora e, então a vida da
06		minha mãe foi muito, com bastante dificuldade. É arrumou outro
07		marido também não deu certo
08	SS	e eu fui vivendo com ela vivi com ela assim
09	SS	e entre viver com ela e com a minha tia vivi até os onze anos
10		de idade por causa de um padrasto que ela arrumou e então eu
11		não conseguia me adaptar com esse padrasto
12	SS	aí fui morar com uma família
13	SS	essa família me deu apoio, me deu tudo o que eu acho que uma
14		pessoa precisa, assim em relação de família.
15	SL	Não foi fácil porque a gente sabe que até mesmo com a família
16		da gente, às vezes, não é fácil de conviver, imagina com família
17		diferente então não foi muito fácil, mas mesmo assim eu amo
18		muito essa família eu gosto muito deles eu sempre falo que eu
19		tenho duas mãe e dois pai. Eu falo que sou rica de mãe e rica
20		de pai.
21	SS	Então, é depois eu encontrei meu pai, mas isso já foi muito
22		tempo depois.
23	SS	E aos dezenove anos eu casei.
24	SS	Eu encontrei um rapaz então a gente namorou, casou, tudo
25		bonitinho por causa que coisa eu mais tinha medo na vida era
26		de decepcionar essa mãe adotiva.
27	SL	Então eles eram todos assim, tudo queria tudo no detalhe tudo
28		perfeitinho então eu me cuidava muito.
29	SS	Então, saí casada, tudo bonitinho, de casa depois que eu já
30		tinha me casado já tinha...(pausa) que eu conheci meu pai com
31		27 anos casei com 19 então tinha 8 anos que tinha casado,

32		então fui a procura de meu pai porque aí já tinha condições de
33		procurar ele, aí eu encontrei ele.
34	SL	Não foi assim aquele encontro maravilhoso porque a gente
35		sonha uma coisa e depois é outra. Então, mas assim aquele
36		sonho que eu tinha realmente com ele eu já tinha deixado assim
37		de ter então pra mim não importava o que ele era importava
38		mesmo era eu conhecer ele, saber daonde eu tinha vindo.
39	SS	Conheci, foi muito bom conhecer meu pai; Nossa eu esperava,
40		mas foi muito bom eu conhecer meu pai.
41	SS	Tenho três filhos né, graças a Deus, todos com saúde, uma
42		menina com dezessete um rapazinho com quatorze e um
43		nenezinho com dois.
44	SL	Graças a Deus a minha filha ganhou a faculdade na UNIR, vai
45		começar quando eles voltar da greve (risos) quando terminar
46		essa greve né (risos) vai começar de repente se eles vol... só
47		ano que vem, né.
48	SS	E assim, nós passamos, no meu casamento eu passei por
49		bastante dificuldade
50	SL	Então, eu me lembro assim de uma fase na minha vida, da
51		minha história, do meu casamento, assim que teve da minha...
52		da nossa vida que foi assim muito sofrida, muito corrida
53	SS	foi quando nós viemos aqui pra Ji-Paraná
54	SL	porque nós morava no sítio na casa, no sítio do meu sogro, e lá
55		a gente trabalhava pro meu sogro, então era muito tinha
56		bastante dificuldade, mas a gente ia levando a vida né.
57	SS	Eu queria estudar continuar estudando né, porque lá eu até e
58		eu trabalhei numa escola cinco anos dando aula,
59	SL	mas eu não pude terminar, não pude continuar por causa que
60		eu tinha que fazer o magistério.
61	SL	Até ganhei o magistério de graça na época, mas não pude fazer
62		porque eu já tinha duas crianças pequena e não tinha como eu
63		vir pra cidade e deixar eles
64	SS	não tinha condição e meu marido não queria vir pra cá, então

65		eu tive que parar de trabalhar
66	SS	e aí o que que aconteceu eu peguei e falei pra ele só que
67		quando a nossa filha começar o ensino fundamental de
68		qualquer forma a gente vai pra rua, pra cidade porque lá não
69		tinha.
70	SS	Aí foi aonde que eu pisei o pé firme. Quando ela terminou a
71		quarta série eu falei pra ele agora se você quiser você vai se
72		não eu vou com eles, eu falei pra ele.
73	SL	Foi assim uma jogada sabe ... de mestre pra saber ele vinha.
74	SS	Aí foi aonde que ele veio,
75	SL	que também a gente não combinava tanto com os... as minhas
76		cunhadas não era tanto com meu sogro mais minha sogra mas
77		os outro que sempre atrapalha né não é muito bom todo mundo
78		misturado.
79	SS	A gente comprou um terreno, construiu uma casa com muita
80		dificuldade e eu consegui terminar o meu ensino médio.
81	SS	Eu me lembro de uma passagem, que na época que nós viemos
82		nós, assim era construindo casa eu trabalhando eu saía de casa
83		7h da manhã voltava 5 e meia da tarde sete e quinze lá no
84		Urupá, eu saía daqui do Novo Ji-Paraná e ia prum colégio lá no
85		Urupá para poder estudar, então era uma vida muito corrida,
86		eu tava ficando doente.
87	SL	pra senhora ter ideia eu voltei pra 42 quilos.
88	SL	só pra senhora ter ideia.
89	SS	Então, aí eu chegava em casa assim no meu intervalo do
90		emprego,
91	SL	quando eu chegava em casa é, eu não sabia se eu cuidava da
92		casa, se eu cuidava das crianças ou se eu almoçava,
93	SS	então foi assim aquela coisa muito assim, aquele cansaço
94		físico mental eu tava assim no último dos meus estresse.
95	SL	Então, eu sempre lembro de uma passagem que aconteceu que
96		foi assim pra mim, não sei pra vocês se vocês vão entender,
97		mas pra mim foi assim a gota d'água.

98	SL	Eu já tava naquele estresse, naquele estresse, naquele
99		estresse, eu não... na verdade eu não tava dando conta de
100		cuidar nem de mim mesma.
101	SS	Aí, então eu vim pra casa na hora do almoço é não consegui
102		nem almoçar direito
103	SS	aí quando eu voltei eu tava eu tava assim parecia que eu tava
104		pisando até no ar parecia que não era eu.
105	SS	Eu vi saindo de uma casa daquela, daquela casa ali, é um
106		homem com uma mulher. A mulher já bem de idade ela no
107		colo, ela nos braços dele, ela só tava o tronquinho. Eu me olhei
108		de cima em baixo e eu me perguntei pra mim, e eu perguntei
109		pra Deus o que que eu tô fazendo da minha vida?
110	SL	Eu parei, e perguntei pra mim
111	SS	aí a primeira coisa que eu fiz, na verdade, foi pedir demissão do
112		meu serviço porque eu não suportava,
113	SL	eu falei: - eu vou ter que primeiro colocar a minha em ordem,
114		pra depois eu começar a procurar serviço e primeiro eu vou ter
115		que fazer isso.
116	SS	Aí foi daí pra cá que eu consegui realmente estudar que eu
117		consegui cuidar da minha família direito, mesmo eu pedindo
118		demissão desse trabalho eu não passei necessidade não
119		passei,
120	SL	porque graças a Deus, Jeová, nosso Deus, me ajudou e ajudou
121		também a minha família
122	SL	e hoje quando eu olho pra trás assim sempre eu lembro dessa
123		fase então eu não gosto hoje de me estressar com coisas, de
124		tumultar muita coisa em cima de mim é... porque...
125	SL	e nem gosto de ver as pessoas correndo, correndo, correndo
126		em busca na verdade do vento porque quando a pessoa corre
127		de mais é que esquece até do principal que é... não dá conta de
128		cuidar do principal que é a gente porque pra gente poder cuidá
129		de outra pessoa primeiro a gente tem que se cuidá.
130	SL	igual a senhora, a senhora tá preparando o seu nenê pra vir.

131	SL	É sempre eu falo uma mulher quando tem um nenê por ela passar o período de nove meses ela já vai se fragilizando, quando ela ganha nos primeiros dois meses, são os mais difíceis a senhora vai ver e depois a senhora vai contar, a gente fica muito fraca emocional é física...mente a gente tem vontade de cuidar, mas a gente, às vezes, não dá conta pelo estado que a gente se encontra, então é muito complicado, mas primeiro a gente tem que se sentir bem pra poder cuidar dele, né.
132		
133		
134		
135		
136		
137		
138		
139	SL	Primeira coisa que a gente tem fazer é se sentir bem,
140	SS	então é essa a minha história.
141	SL	E hoje, graças a Deus, eu me sinto muito realizada eu sempre é, eu nas minhas orações realmente eu agradeço a Deus né, porque eu acho que hoje o que Ele tiver que me dar Ele vai me dar, não precisa de eu tá pedindo mais né, porque, às vezes, a gente pede, pede e não agradece, mas hoje o que eu tenho é só de agradecer a Deus, porque eu acho que não preciso mais de tanta coisa a não ser saúde pra continuá cuidando dos meus filhos, mas isso Deus tá me dando.
142		
143		
144		
145		
146		
147		
148		
149	SL	E eu acho assim que a vida não é a gente correr, correr, correr, correr atrás, mas a gente parar pra refletir naquilo que a gente já tem, porque, às vezes, a gente não tá dando valor naquilo que a gente tem e tá correndo atrás de coisas mais.
150		
151		
152		
153	SS	E graças a Deus, eu tô aqui no Mulheres Mil é o meu sonho já tá sendo realizado
154		
155	SL	que esse pra mim não digo que é um dos últimos sonhos, porque a gente sempre tem sonho né?
156		
157	SL	Mas buscando de forma que a gente não vai se cansar tanto, né, passo a passo, não precisa correr né eu sempre falo a gente não precisa correr porque as vezes a gente corre tanto atrás de algo que poderia ser nem correr tanto só caminhando você já alcança aquilo.
158		
159		
160		
161		
162	SS	Então, hoje pra mim, graças a Deus, eu tô aqui no Mulheres Mil, já construí o meu salão com os cursos que eu tenho, já tô
163		

164		ponhando em prática e os que eu vou aprender aqui vai ser
165		melhor ainda pra mim.
166	SR	então eu me sinto realizada apesar de tudo

4.4 NARRATIVA 4 (NOEP 4)

01	SR	Bem, eu vim pra Rondônia, eu tinha onze anos vim
02		acompanhando meus pais.
03	SL	Eles vieram pra cá porque a minha irmã mais velha se casou
04		veio pra cá aí minha mãe enlouqueceu que teria que vim pra
05		ficar perto da filha né.
06	SS	Aí quando chegamos aqui meu pai não gostou muito, era difícil
07		pra ele arrumar emprego tal
08	SL	aí ele começou a ter problema com bebida e
09	SS	aí não arrumava emprego porque começava a trabalhar e
10		começava a beber
11	SS	e aí a gente começou a ter dificuldades né passar muitas
12		dificuldade.
13	SL	A Minha mãe com os filhos todos pequeno o mais velho era
14		outro meu irmão era nós dois o mais velho tinha 11 e ele tinha
15		12 – tinha 13
16	SS	aí nós começamos a trabalhar pra ajudar minha mãe,
17	SL	porque o pai já não trabalhava mais
18	SS	aí quando fazia um ano que nós tava aqui o pai faleceu
19	SS	e aí as coisa ficou mais difícil ainda né, tinha cinco criança
20		pequena a gente passava muita dificuldade então
21	SS	aí minha mãe ia nos lugares arrumava emprego pra gente
22	SL	naquela época podia né arrumar emprego e colocar os filho lá
23	SS	eu ficava até trinta dias sem vim em casa aí, mas não sabia
24		nem quanto eu recebia de salário, porque minha mãe ia lá,
25		arrumava emprego, eu trabalhava e ela mesma ia lá receber pra
26		ajudar na despesas de casa.
27	SS	aí com dezesseis anos conheci um rapaz, namorei com ele dois
28		meses, e fui morar junto com ele achando que ia melhorar né,
29		de vida (risos), saí daquele sufoco mas..
30	SL	aí assim fui feliz né, teve lá as dificuldades,
31	SS	tivemos problemas tivemos quatro filhos, aí meu casamento

32		durou treze anos,
33	SL	teve altos e baixos né
34	SS	quando fez treze anos que a gente tava casado ele foi
35		assassinado na frente de toda a minha família, meus filhos e
36		eu.
37	SS	e aí de lá pra cá eu travei uma luta muito dura pra criar meus
38		filhos né,
39	SL	meu filho mais velho tinha treze anos, a minha caçulinha tinha
40		três anos e meio, tenho dois casal, duas moças e dois rapaz
41	SS	E trabalhei fiquei sozinha lutando pra criar eles até ter idade de
42		trabalhar né, hoje tão todos trabalhando.
43	SS	Eu fiquei onze anos sem me casar novamente,
44	SL	isso já tem catorze anos que ele faleceu
45	SS	e aí agora tem dois anos que eu conheci outra pessoa e a gente
46		tá feliz, tá vivendo né.
47	SL	Meus filhos mais velhos casaram e eu tou com as minhas duas
48		moças dentro de casa uma delas trabalha as outra trabalha e
49		estuda as duas, eu também trabalho.
50	SS	Terminei meu ensino médio (voz trêmula)
51	SL	e não consegui fazer uma faculdade ainda, mas ainda tenho
52		sonho de fazer um dia que é o meu sonho e eu tenho fé em
53		Deus que um dia eu ainda vou fazer
54	SS	e apareceu essa oportunidade aqui da Mulheres Mil e
55		tô aqui
56	SR	e quem sabe daqui eu tire uma profissão né, que eu vá gostar,
57		porque até então eu não sei se eu vou usar isso que eu tô
58		aprendendo né, mas eu espero que sim se eu gostar de
59		repente eu até goste e vou tirar muito proveito disso.

4.5 NOEPs: EIXO FORMAL

Conforme nos referimos no capítulo I, Labov e Waletzky (1967) citado por Hanke (2003) entendem que “as propriedades formais correspondem ao nível de referência dos acontecimentos, as propriedades funcionais correspondem à avaliação pessoal do narrador, seus interesses e seus motivos” (HANKE, 2012, 119-120). Fundamentados nesse conceito, nesta dissertação, adotamos a nomenclatura eixo formal para indicar a organização temporal da narrativa (sentenças sequenciais, livres, restritivas e presas) e a sua estrutura: resumo, orientação, complicação/resolução e coda. E eixo funcional para analisar as categorias de avaliação, relatabilidade, credibilidade, causalidade, atribuição de elogio e culpa, ponto de vista e objetividade.

4.5.1 ORGANIZAÇÃO TEMPORAL

Segundo Labov (1997, p. 05) todas as NOEPs são formadas por sentenças presas, restritivas e livres. Para ele, uma NOEP apresenta juntura temporal quando há uma relação de dependência entre duas sentenças, de modo que elas não podem ser invertidas sob o risco de alterar o sentido, conforme nos referimos no capítulo I. Assim, ele propõe que a juntura temporal é a relação direta entre ordem das sentenças e a ordem dos fatos. A esse respeito Ferreira Netto (2008, p. 41) declara “As sentenças sequenciais são as que se vinculam numa juntura temporal, isto é, aquelas cuja ordem de aparecimento temporal está correlacionada à ordem de ocorrência dos eventos que apresentam”. E esse conjunto de sentenças vinculadas em uma juntura temporal Labov (1997) chamou de sentença narrativa.

Fundamentado em Labov (1997), Ferreira Netto (2008, p. 42) assim assegura “todas as sentenças que formam uma sentença narrativa são presas à sentença antecedente e à subsequente, com exceção da primeira e da última”, pois essas duas, a primeira e a última são chamadas de “sentenças restritivas”. E ainda acrescenta “as sentenças livres, são as que não estão vinculadas numa juntura temporal, formando uma sentença narrativa, mas podem ser inseridas entre as sequenciais, independentemente, para complementar alguma informação” (p. 42)

Assim, as quatro NOEPs, do nosso *corpus*, são formadas por sentenças restritivas, sequenciais e livres. Em todas as NOEPs a primeira e a última sentença são restritivas. A NOEP 1 apresenta 22 SS e 13 SL. A NOEP 2, 17 SS e 12 SL. A NOEP 3, 30 SS e 28 SL. A NOEP 4, 17 SS e 11 SL.

Para exemplificar a sentença narrativa, excetuamos do *corpus* as sentenças livres, deixando apenas as sentenças restritivas e as sequenciais que ora apresentamos.

4.5.1.1 SENTENÇAS NARRATIVAS

a) NOEP 1

01	SR	Bom, eu me chamo Maria tenho vinte e dois anos ...
05	SS	minha mãe era separada do meu pai tinha quatro filhos contando
06		comigo e todos os meus irmãos ficaram com os parentes menos
07		eu
08	SS	a minha madrasta não gostava de mim enfim...ela me deixou na
09		rua a mercê...
14	SS	Só que ao ver a minha mãe de hoje eu agarrei nas pernas dela e
15		fiquei...
16	SS	a família da minha mãe não me aceitou, mas ela foi tentando
17		convencer com um jeitinho dela
19	SS	e fiquei e...
20	SS	tenho da minha mãe que se chama Lindalva tem três filhos dela e
21		tinha a Gisele que faleceu era adotiva também e eu.
22	SS	Quando eu tinha dezesseis anos eu engravidei, tinha um
23		namorado na época que engravidei, nós brigamos e separamos
24	SS	aí eu não quis aceitar a ... gestação ele aceitou melhor do que
25		eu e decidimos voltar.
26	SS	Voltamos e fomos morar junto na casa da minha mãe.
27	SS	Aos dezessete anos tive meu filho Rafael, quando ele completou
28		nove meses eu arranjei meu primeiro emprego foi numa loja
29		como vendedora.
30	SS	Passando-se uns quinze dias eu tive a notícia de que a minha

31		irmã faleceu.
37	SS	Hoje faz... em novembro faz cinco anos que ela faleceu, às
38		vezes, ainda dói muito (choro), (pausa) porque apesar das
39		brigas ela era minha irmã ...
40	SS	mas enfim continuei trabalhando fiquei um período curto
41	SS	e Rafael quando completou quatro anos de idade eu fiquei
42		grávida novamente esperando a Samanta.
45	SS	e tive a Samanta. Samanta quando completou oito meses eu
46		fiquei grávida novamente esperando a Magali
50	SS	eu via a minha mãe depressiva sem poder fazer nada foi aonde
51		que quando eu tava grávida esperando a Samara, minha filha do
52		meio, decidi ser manicure para poder ajudar na renda.
58	SS	e eu pensava assim como é que eu vou fazer pra minha mãe sair
59		dessa depressão? pra minha mãe superar a dor que é
60		impossível a gente não segurar. (voz trêmula)
61	SS	Graças ao projeto do Mulheres Mil onde eu ((hesitando)) estou
62		estudando, pelas colega, pela escola teve um projeto do
63		PRONATEC onde ela está num curso de Viveiricultor que é o
64		sonho dela mexer com terra com flores, eu vejo minha mãe com
65		autoestima lá em cima, mais magra e a nossa relação cada dia
66		mais melhorando
67	SS	Graças a Deus, e eu fico muito feliz, uma ajuda a outra...
69	SS	Tenho sonhos de concluir o curso e de abrir meu cur... de abrir
70		meu salão, de ter minha casa como todo mundo gosta de ter.
71	SS	tenho um ... meu esposo e eu temos um carro e estamos
72		pagando um terreno ...
75	SS	E é isso, cada dia mais eu aprendo coisas novas, pessoas boas
76		e a minha história é essa.
77	SR	Assim... eu me considero feliz ... o que eu puder fazer de
78		diferente, algo novo eu faço, eu só meio assim maluquinha de
79		aventura, adoro fazer esses tipo de coisa mas assim sempre
80		dentro do meu limite é isso que eu tenho pra contar.

b) NOEP 2

01	SR	Bom, eu vim do Mato Grosso né e tem 12 – 13 anos porque eu
02		perdi meu pai.
04	SS	ele morreu matado e aí nós ficamos muito revoltado
06	SS	e aí antes o cara ficou ... disse que era amigo do meu pai, ficou
07		solto né, e morava perto da casa da gente... e voltou com 48
08		horas e advogado e ficou solto e o meu irmão queria fazer
09		alguma coisa né. Até a gente ficou revoltado com isso.
12	SS	Aí viemos embora pra Rondônia, chegou aqui passamos muitas
13		dificuldades né, morando de aluguel nós trabalhando pra ajudar
14		a minha mãe, e a minha mãe assim, ela criou a gente assim ...
20	SS	Aí conheci,
22	SS	conheci um rapaz e me perdi com ele, e minha mãe me expulsou
23		de casa ((hummm – manifestação da plateia)), fez eu ir morar com
24		ele na marra né
25	SS	e morei três mês com ele, não deu certo, aí eu saí da casa dele
27	SS	aí eu fiquei correndo trecho, mora aqui, mora ali
29	SS	aí uns dois anos aí quando minha mãe me perdoou eu voltei pra
30		casa
31	SS	aí eu trabalhava no salão
33	SS	e a minha mãe, o meu irmão esse um que bebia, ele pegava
34		e não deixava eu entrar dentro de casa
38	SS	aí eu dormia pelas casas dos vizinhos, ((risos)) dormia na rua e
39	SS	aí foi quando eu conheci o pai do meus filhos né, a gente
40		namorou vinte e sete dias eu nem conhecia ele direito.
41	SS	e aí fomo morar junto, vivemos junto onze anos né,
42	SS	aí nos separamos
45	SS	e eu luto pra criar meus filhos ele não me ajuda muito
46	SS	e tô aí e ele veio enchendo o saco, querendo voltá tudo, tentei
47		dar uma chance pra ele, mas eu vi que ele não mudou nada
49	SS	Peguei, mandei ele embora de volta e tô bem, tô vivendo com
50		meus dois filhos
51	SR	quero vencer e lutar e conseguir criar meus filhos.

c) NOEP 3

01 02	SR	Eu me chamo Antônia né, tenho 37 anos, então vou falar um pouquinho da minha vida assim meio que resumindo ela
03 04	SS	É eu fui abandonada pelo meu pai antes de nascer. Minha mãe tava grávida de mim, aos seis meses,
08	SS	e eu fui vivendo com ela vivi com ela assim
09 10 11	SS	e entre viver com ela e com a minha tia vivi até os onze anos de idade por causa de um padrasto que ela arrumou e então eu não conseguia me adaptar com esse padrasto
12	SS	aí fui morar com uma família
13 14	SS	essa família me deu apoio, me deu tudo o que eu acho que uma pessoa precisa, assim em relação de família.
21 22	SS	Então, é depois eu encontrei meu pai, mas isso já foi muito tempo depois.
23	SS	E aos dezenove anos eu casei.
24 25 26	SS	Eu encontrei um rapaz então a gente namorou, casou, tudo bonitinho por causa que coisa eu mais tinha medo na vida era de decepcionar essa mãe adotiva.
29 30 31 32 33	SS	Então, saí casada, tudo bonitinho, de casa depois que eu já tinha me casado já tinha...(pausa) que eu conheci meu pai com 27 anos casei com 19 então tinha 8 anos que tinha casado, então fui a procura de meu pai porque aí já tinha condições de procurar ele, aí eu encontrei ele.
39 40	SS	Conheci, foi muito bom conhecer meu pai; Nossa eu esperava, mas foi muito bom eu conhecer meu pai.
41 42 43	SS	Tenho três filhos né, graças a Deus, todos com saúde, uma menina com dezessete um rapazinho com quatorze e um nenezinho com dois.
48 49	SS	E assim, nós passamos, no meu casamento eu passei por bastante dificuldade
53	SS	foi quando nós viemos aqui pra Ji-Paraná
57 58	SS	Eu queria estudar continuar estudando né, porque lá eu até e eu trabalhei numa escola cinco anos dando aula,

64	SS	não tinha condição e meu marido não queria vir pra cá, então
65		eu tive que parar de trabalhar
66	SS	e aí o que que aconteceu eu peguei e falei pra ele só que
67		quando a nossa filha começar o ensino fundamental de
68		qualquer forma a gente vai pra rua, pra cidade porque lá não
69		tinha.
70	SS	Aí foi aonde que eu pisei o pé firme. Quando ela terminou a
71		quarta série eu falei pra ele agora se você quiser você vai se
72		não eu vou com eles, eu falei pra ele.
74	SS	Aí foi aonde que ele veio,
79	SS	A gente comprou um terreno, construiu uma casa com muita
80		dificuldade e eu consegui terminar o meu ensino médio.
81	SS	Eu me lembro de uma passagem, que na época que nós viemos
82		nós, assim era construindo casa eu trabalhando eu saía de casa
83		7h da manhã voltava 5 e meia da tarde sete e quinze lá no
84		Urupá, eu saía daqui do Novo Ji-Paraná e ia prum colégio lá no
85		Urupá para poder estudar, então era uma vida muito corrida,
86		eu tava ficando doente.
89	SS	Então, aí eu chegava em casa assim no meu intervalo do
90		emprego,
93	SS	então foi assim aquela coisa muito assim, aquele cansaço
94		físico mental eu tava assim no último dos meus estresse.
101	SS	Aí, então eu vim pra casa na hora do almoço é não consegui
102		nem almoçar direito
103	SS	aí quando eu voltei eu tava eu tava assim parecia que eu tava
104		pisando até no ar parecia que não era eu.
105	SS	Eu vi saindo de uma casa daquela, daquela casa ali, é um
106		homem com uma mulher. A mulher já bem de idade ela no
107		colo, ela nos braços dele, ela só tava o tronquinho. Eu me olhei
108		de cima em baixo e eu me perguntei pra mim, e eu perguntei
109		pra Deus o que que eu tô fazendo da minha vida?
111	SS	aí a primeira coisa que eu fiz, na verdade, foi pedir demissão do
112		meu serviço porque eu não suportava,

116	SS	Aí foi daí pra cá que eu consegui realmente estudar que eu consegui cuidar da minha família direito, mesmo eu pedindo demissão desse trabalho eu não passei necessidade não passei,
117		
118		
119		
140	SS	então é essa a minha história.
153	SS	E graças a Deus, eu tô aqui no Mulheres Mil é o meu sonho já tá sendo realizado
154		
162	SS	Então, hoje pra mim, graças a Deus, eu tô aqui no Mulheres Mil, já construí o meu salão com os cursos que eu tenho, já tô ponhando em prática e os que eu vou aprender aqui vai ser melhor ainda pra mim.
163		
164		
165		
166	SR	então eu me sinto realizada apesar de tudo

d) NOEP 4

01	SR	Bem, eu vim pra Rondônia, eu tinha onze anos vim acompanhando meus pais.
02		
06	SS	Aí quando chegamos aqui meu pai não gostou muito, era difícil pra ele arrumar emprego tal
07		
09	SS	aí não arrumava emprego porque começava a trabalhar e começava a beber
10		
11	SS	e aí a gente começou a ter dificuldades né passar muitas dificuldade.
12		
16	SS	aí nós começamos a trabalhar pra ajudar minha mãe,
18	SS	aí quando fazia um ano que nós tava aqui o pai faleceu
19	SS	e aí as coisa ficou mais difícil ainda né, tinha cinco criança pequena a gente passava muita dificuldade então
20		
21	SS	aí minha mãe ia nos lugares arrumava emprego pra gente
23	SS	eu ficava até trinta dias sem vim em casa aí, mas não sabia nem quanto eu recebia de salário, porque minha mãe ia lá, arrumava emprego, eu trabalhava e ela mesma ia lá receber pra ajudar na despesas de casa.
24		
25		
26		

27	SS	aí com dezesseis anos conheci um rapaz, namorei com ele dois
28		meses, e fui morar junto com ele achando que ia melhorar né,
29		de vida (risos), saí daquele sufoco mas..
31	SS	tivemos problemas tivemos quatro filhos, aí meu casamento
32		durou treze anos,
34	SS	quando fez treze anos que a gente tava casado ele foi
35		assassinado na frente de toda a minha família, meus filhos e
36		eu.
37	SS	e aí de lá pra cá eu travei uma luta muito dura pra criar meus
38		filhos né,
41	SS	E trabalhei fiquei sozinha lutando pra criar eles até ter idade de
42		trabalhar né, hoje tão todos trabalhando.
43	SS	Eu fiquei onze anos sem me casar novamente,
45	SS	e aí agora tem dois anos que eu conheci outra pessoa e a gente
46		tá feliz, tá vivendo né.
50	SS	Terminei meu ensino médio (voz trêmula)
54	SS	e apareceu essa oportunidade aqui da Mulheres Mil e
55		tô aqui
56	SR	e quem sabe daqui eu tire uma profissão né, que eu vá gostar,
57		porque até então eu não sei se eu vou usar isso que eu tô
58		aprendendo né, mas eu espero que sim se eu gostar de
59		repente eu até goste e vou tirar muito proveito disso.

Assim, exemplificamos as sentenças narrativas nas quatro NOEPs, mostrando a sequência temporal dos eventos narrados.

Retomando a divisão estrutural que Labov apresenta para as narrativas, aplicamo-la nas NOEPs que formam o nosso *corpus*. Com base nas ideias que organizamos no capítulo 1 e utilizando as NOEPs apresentadas no capítulo IV (itens 4.1;4.2;4.3;4.4) exemplificamos resumo, orientação, complicação/resolução e coda.

4.6 ESTRUTURA DAS NOEPs

4.6.1 Resumo

O resumo apresenta uma síntese, ou uma ideia geral do que se trata a narrativa, conforme nos referimos no capítulo I. Segundo Labov (1967 - 1997) ele é facultativo. Entretanto, em todas as NOEPs analisadas, nesta dissertação, ele está presente.

a) NOEP 1

A NOEP 1 apresenta o resumo nas linhas 2, 3 e 4 em uma SL;

02	SL	a história que me conta que geralmente minha mãe contava e que
03		agora não há mais necessidade é que com dois anos de idade eu
04		fui adotada.

b) NOEP 2

O resumo está nas linhas 1 e 2, coincidindo com a SR, que para Labov (1997, p. 03) é a “sentença cabeça”.

01	SR	Bom, eu vim do Mato Grosso né e tem 12 – 13 anos porque eu
02		perdi meu pai.

c) NOEP 3

O resumo está nas linhas 1 e 2, coincidindo com a SR também.

01	SR	Eu me chamo Antônia né, tenho 37 anos, então vou falar um
02		pouquinho da minha vida assim meio que resumindo ela

d) NOEP 4

Assim como, nas NOEPs 2 e 3, o resumo está nas linhas 1 e 2, coincidindo com a SR.

01	SR	Bem, eu vim pra Rondônia, eu tinha onze anos vim
02		acompanhando meus pais.

4.6.2 Orientação

A orientação identifica tempo, espaço, lugar, personagens e a contextualização da narrativa. Para Labov (1997) a sentença de orientação é livre, entretanto devido à extensão das NOEPs, em alguns eventos, a orientação é formada por SSs. Por isso, organizamos essas informações em blocos temáticos, para melhor visualização. As ENs relatam as principais pessoas/personagens, os lugares e os momentos mais significativos em sua biografia.

a) NOEP 1

➤ Adoção

05	SS	minha mãe era separada do meu pai tinha quatro filhos contando
06		comigo e todos os meus irmãos ficaram com os parentes menos
07		eu
08	SS	a minha madrasta não gostava de mim enfim...ela me deixou na
09		rua a mercê...
10	SL	e a irmã da minha mãe que eu moro hoje atual me encontrou na
11		rua... diz ela que eu tava suja com o cabelo sujo, cheia de piolho
12		com as feridas nas perna
13	SL	e ela resolveu adotar.

➤ Gravidez precoce e separação

22	SS	Quando eu tinha dezesseis anos eu engravidei, tinha um
23		namorado na época que engravidei, nós brigamos e separamos
24	SS	aí eu não quis aceitar a ... gestação ele aceitou melhor do que eu
25		e decidimos voltar.
26	SS	Voltamos e fomos morar junto na casa da minha mãe.

➤ Nascimento do filho

27	SS	Aos dezessete anos tive meu filho Rafael, quando ele completou nove meses eu arranjei meu primeiro emprego foi numa loja como vendedora.
28		
29		

➤ Assassinato da irmã

30	SS	Passando-se uns quinze dias eu tive a notícia de que a minha irmã faleceu.
31		
32	SL	Ela morava no Mirante ...
33	SL	deram oito facadas nelas (choro)
34	SL	eu fico muito triste (choro) porque quando ela morreu eu não tive a oportunidade de pedir perdão a ela (choro)
35		
36	SL	ela morreu com 25 anos de idade...

➤ Nascimento dos outros filhos

41	SS	e Rafael quando completou quatro anos de idade eu fiquei grávida novamente esperando a Samanta.
42		
43	SL	Sempre tive muita briga com o meu parceiro mas sempre a gente se entendeu
44		
45	SS	e tive a Samanta. Samanta quando completou oito meses eu fiquei grávida novamente esperando a Magali
46		

b) NOEP 2

➤ Assassinato do pai

03	SL	eu tava com 18 ano
04	SS	ele morreu matado e aí nós ficamos muito revoltado
05	SL	aí meu irmão começou a beber... ele tinha 16 anos
06	SS	e aí antes o cara ficou ... disse que era amigo do meu pai, ficou solto né, e morava perto da casa da gente... e voltou com 48 horas e advogado e ficou solto e o meu irmão queria fazer alguma coisa né. Até a gente ficou revoltado com isso.
07		
08		
09		

➤ Migração e dificuldade na família

10	SL	Aí a minha mãe com medo que acontecesse o pior achou melhor
11		vir embora pra Rondônia.
12	SS	Aí viemos embora pra Rondônia, chegou aqui passamos muitas
13		dificuldades né, morando de aluguel nós trabalhando pra ajudar a
14		minha mãe, e a minha mãe assim, ela criou a gente assim ...

➤ Envolvimento amoroso

20	SS	Aí conheci,
21	SL	quando chegou aqui, eu tinha dezenove anos,
22	SS	conheci um rapaz e me perdi com ele, e minha mãe me expulsou
23		de casa ((hummm – manifestação da plateia)), fez eu ir morar com
24		ele na marra né

➤ Trabalho

31	SS	aí eu trabalhava no salão
32	SL	e salão tem hora de entrar e não tem hora de sair
33	SS	e a minha mãe, o meu irmão esse um que bebia, ele pegava
34		e não deixava eu entrar dentro de casa

➤ Casamento e separação

39	SS	aí foi quando eu conheci o pai do meus filhos né, a gente namorou
40		vinte e sete dias eu nem conhecia ele direito.
41	SS	e aí fomo morar junto, vivemos junto onze anos né,
42	SS	aí nos separamos
43	SL	tenho dois filhos a Luana tem onze e o Diogo tem nove e

c) NOEP 3

➤ Abandono

03	SS	É eu fui abandonada pelo meu pai antes de nascer. Minha mãe
04		tava grávida de mim, aos seis meses,

➤ Casamento

23	SS	E aos dezenove anos eu casei.
24	SS	Eu encontrei um rapaz então a gente namorou, casou, tudo bonitinho por causa que coisa eu mais tinha medo na vida era de decepcionar essa mãe adotiva.
25		
26		

➤ Filhos

41	SS	Tenho três filhos né, graças a Deus, todos com saúde, uma menina com dezessete um rapazinho com quatorze e um nenezinho com dois.
42		
43		

➤ Dificuldades familiares

54	SL	porque nós morava no sítio na casa, no sítio do meu sogro, e lá a gente trabalhava pro meu sogro, então era muito tinha bastante dificuldade, mas a gente ia levando a vida né.
55		
56		
57	SS	Eu queria estudar continuar estudando né, porque lá eu até e eu trabalhei numa escola cinco anos dando aula,
58		
59	SL	mas eu não pude terminar, não pude continuar por causa que eu tinha que fazer o magistério.
60		
61	SL	Até ganhei o magistério de graça na época, mas não pude fazer porque eu já tinha duas crianças pequena e não tinha como eu vir pra cidade e deixar eles
62		
63		

➤ Mudança no comportamento

105	SS	Eu vi saindo de uma casa daquela, daquela casa ali, é um homem com uma mulher. A mulher já bem de idade ela no colo, ela nos braços dele, ela só tava o tronquinho. Eu me olhei de cima em baixo e eu me perguntei pra mim, e eu perguntei pra Deus o que que eu tô fazendo da minha vida?
106		
107		
108		
109		

d) NOEP 4

➤ Migração

03	SL	Eles vieram pra cá porque a minha irmã mais velha se casou veio pra cá aí minha mãe enlouqueceu que teria que vim pra ficar perto da filha né.
04		
05		
06	SS	Aí quando chegamos aqui meu pai não gostou muito, era difícil pra ele arrumar emprego tal
07		

➤ Família

13	SL	A Minha mãe com os filhos todos pequeno o mais velho era outro meu irmão era nós dois o mais velho tinha 11 e ele tinha 12 – tinha 13
14		
15		

➤ Relacionamento amoroso

28	SS	aí com dezesseis anos conheci um rapaz, namorei com ele dois meses, e fui morar junto com ele achando que ia melhorar né, de vida (risos), saí daquele sufoco mas..
29		
30		

➤ Filhos

40	SL	meu filho mais velho tinha treze anos, a minha caçulinha tinha três anos e meio, tenho dois casal, duas moças e dois rapaz
41		

4.6.3 Complicação / Resolução

A ação complicadora (AC) é a série de eventos que formam a narrativa. Na complicação, percebemos a presença de SSs que representam o conteúdo da narrativa e a descrição dos fatos ocorridos. Para Labov (1997), a ação complicadora procura responder a questão “E [então] o que aconteceu?”, conforme explicitamos no capítulo I;

Respondendo a essa pergunta, o EN precisa solucionar os conflitos da narrativa. Para Labov (1997, p. 16) “a resolução de uma narrativa pessoal é o conjunto de ações complicadoras que seguem o evento mais relatável”.

Na análise que propomos a complicação procura sequenciar fatos que respondam a pergunta disparadora “Conte-me uma experiência de vida”. Recortando o *corpus*, constatamos que a ação complicadora está evidente em vários momentos. Passamos, então, a descrever e a exemplificar esses eventos em uma cada uma das NOEPs, sequenciados pelas respectivas resoluções.

a) NOEP 1

A AC inicia com a gravidez precoce, e em seguida ocorre a separação entre ela e o namorado, nas linhas 22 e 23; por outro lado, há um momento de euforia, pois após a briga, entre a EN e o companheiro, há o reencontro (linhas 24 e 25). Em seguida, há o nascimento do filho (linhas 27, 28 e 29). Na sequência, a narrativa é marcada por um evento disfórico, o assassinato da irmã e o sentimento de remorso, já que ela não teve oportunidade de receber o perdão da irmã, como evidenciam as linhas 30 a 35; mais adiante, outros complicadores vão aparecendo: as brigas entre ela e o marido, as dificuldades familiares e a depressão da mãe (linhas 43 e 44, 47 a 49, 50 a 60).

➤ Gravidez precoce

22	SS	Quando eu tinha dezesseis anos eu engravidei, tinha um namorado na época que engravidei, nós brigamos e separamos
23		

➤ Separação e reaproximação

24	SS	aí eu não quis aceitar a ... gestação ele aceitou melhor do que eu e decidimos voltar.
25		

➤ Nascimento do filho

27	SS	Aos dezessete anos tive meu filho Rafael, quando ele completou nove meses eu arranjei meu primeiro emprego foi numa loja como vendedora.
28		
29		

➤ Assassinato e remorso

30	SS	Passando-se uns quinze dias eu tive a notícia de que a minha
31		irmã faleceu.
32	SL	Ela morava no Mirante ...
33	SL	deram oito facadas nelas (choro)
34	SL	eu fico muito triste (choro) porque quando ela morreu eu não tive
35		a oportunidade de pedir perdão a ela (choro)

➤ Brigas familiares

43	SL	Sempre tive muita briga com o meu parceiro mas sempre a gente
44		se entendeu
47	SL	as dificuldades ia aparecendo as confusão entre família vinham
48		((choro)) e não tinha como a gente segurar era inevitável e
49		relação estressante ((choro))

➤ Depressão da mãe

50	SS	eu via a minha mãe depressiva sem poder fazer nada foi aonde
51		que quando eu tava grávida esperando a Samara, minha filha do
52		meio, decidi ser manicure para poder ajudar na renda.
58	SS	e eu pensava assim como é que eu vou fazer pra minha mãe sair
59		dessa depressão? pra minha mãe superar a dor que é
60		impossível a gente não segurar. (voz trêmula)

Nessa NOEP, por haver vários eventos complicadores, encontramos três resoluções, isto é, a primeira é a decisão de morar junto com o companheiro (linha 26) que soluciona o evento complicador, intitulado “gravidez precoce” (linhas 22 e 23). A segunda é a matrícula da mãe, no curso de Viveiricultor, do PRONATEC (linhas 61 a 66) que resolve o evento chamado “Depressão da mãe” (linhas 50 a 60) e por fim nas linhas 75 e 76 há uma resolução para os demais eventos que formam a AC.

• Resolução 1

26	SS	Voltamos e fomos morar junto na casa da minha mãe.
----	----	--

- Resolução 2

61	SS	Graças ao projeto do Mulheres Mil onde eu ((hesitando)) estou
62		estudando, pelas colega, pela escola teve um projeto do
63		PRONATEC onde ela está num curso de Viveiricultor que é o
64		sonho dela mexer com terra com flores, eu vejo minha mãe com
65		autoestima lá em cima, mais magra e a nossa relação cada dia
66		mais melhorando

- Resolução 3

75	SS	E é isso, cada dia mais eu aprendo coisas novas, pessoas boas e
76		a minha história é essa.

b) NOEP 2

Nessa narrativa também há vários eventos que denotam a AC, tais como: o assassinato do pai e a revolta da família, pois o assassino ficou livre (linhas 04; 06 a 08). Outro complicador se encontra nas linhas 20 a 24: é o envolvimento amoroso da EN o que acabou gerando a sua expulsão de casa pela mãe, em seguida a separação (linha 25) e o fato de não ter para aonde ir (linha 27). Após esses eventos disfóricos, ocorre um evento eufórico, que é o perdão da mãe (linhas 29 e 30). Todavia, mais ações complicadoras aparecem depois desse perdão. Seu irmão não a deixa entrar em casa (linhas 33 e 34). Em seguida, a EN passa por mais evento eufórico: novo casamento (linhas 39 a 41), mais tarde seguido de outro evento disfórico, ou seja, uma nova separação (linha 42).

➤ Assassinato do pai

04	SS	ele morreu matado e aí nós ficamos muito revoltado
06	SS	e aí antes o cara ficou ... disse que era amigo do meu pai, ficou
07		solto né, e morava perto da casa da gente... e voltou com 48
08		horas e advogado e ficou solto e o meu irmão queria fazer
09		alguma coisa né. Até a gente ficou revoltado com isso.

➤ Relacionamento amoroso

20	SS	Aí conheci,
21	SL	quando chegou aqui, eu tinha dezenove anos,
22	SS	conheci um rapaz e me perdi com ele, e minha mãe me expulsou
23		de casa ((hummm – manifestação da plateia)), fez eu ir morar com
24		ele na marra né

➤ Separação e sem abrigo

25	SS	E morei três mês com ele, não deu certo, aí eu saí da casa dele
27	SS	aí eu fiquei correndo trecho, mora aqui, mora ali

➤ Perdão da mãe

29	SS	aí uns dois anos aí quando minha mãe me perdoou eu voltei pra
30		casa

➤ Desprezo do irmão

33	SS	e a minha mãe, o meu irmão esse um que bebia, ele pegava
34		e não deixava eu entrar dentro de casa

➤ Casamento

39	SS	aí foi quando eu conheci o pai do meus filhos né, a gente
40		namorou vinte e sete dias eu nem conhecia ele direito.
41	SS	e aí fomo morar junto, vivemos junto onze anos né,

➤ Separação

42	SS	aí nos separamos
----	----	------------------

Para esses eventos complicadores, detectamos cinco resoluções. A primeira, intitulada “Migração” (linhas 10 e 11) soluciona o evento “Assassinato do pai” (linhas 04; 06 a 09). Para resolver o “envolvimento amoroso”, na visão da mãe, a solução foi o casamento (linha 23 a 25); para o desfecho do evento chamado “Separação e sem abrigo” (linhas 25 e 27) aconteceu a volta para casa (linhas 29 e 30). Para resolver o evento “Desprezo do irmão”, a EN decide se casar novamente. E após uma nova

separação (linha 42) ela decide uma reaproximação, porém não deu certo e a EN prefere ficar apenas com os filhos (linhas 46 a 50).

- Migração

10	SL	Aí a minha mãe com medo que acontecesse o pior achou melhor
11		vir embora pra Rondônia.

- Casamento

22	SS	conheci um rapaz e me perdi com ele, e minha mãe me expulsou
23		de casa ((hummm – manifestação da plateia)), fez eu ir morar com
24		ele na marra né
25	SS	e morei três mês com ele, não deu certo, aí eu saí da casa dele

- Volta para casa

29	SS	aí uns dois anos aí quando minha mãe me perdoou eu voltei pra
30		casa

- Casamento

39	SS	aí foi quando eu conheci o pai do meus filhos né, a gente
40		namorou vinte e sete dias eu nem conhecia ele direito.
41	SS	e aí fomo morar junto, vivemos junto onze anos né,

- Reaproximação

46	SS	e tô aí e ele veio enchendo o saco, querendo voltá tudo, tentei
47		dar uma chance pra ele, mas eu vi que ele não mudou nada
48	SL	não vi mudança
49	SS	Peguei, mandei ele embora de volta e tô bem, tô vivendo com
50		meus dois filhos

c) NOEP 3

A EN inicia seu relato registrando seu abandono pelo pai antes mesmo de nascer (linhas 3 a 4); e aos onze anos, vai viver com uma nova família, pois a mãe

arrumara um padrasto com o qual a EN não se adapta (linhas 09 a 11); seguindo dois eventos eufóricos, o seu casamento, aos dezenove anos (linhas 23 a 26) e, depois de 8 anos de casada encontra o pai (linhas 29 a 33). Relata também que passa por muitas dificuldades no casamento, teve uma vida sofrida, morando no sítio do sogro, não conseguia estudar (linhas 54 a 57). Outro complicador é a falta do curso de magistério que a impedia de trabalhar (linhas 61 a 63); depois vem para a cidade, consegue estudar e trabalhar, mas essa jornada torna-se muito estressante (linhas 81 a 86; 89 a 94). E por fim, vem um evento eufórico, que é a compensação de estar participando do Projeto “Mulheres Mil” e poder pôr em prática o que está aprendendo (linhas 162 a 165).

➤ Abandono

03	SS	É eu fui abandonada pelo meu pai antes de nascer. Minha mãe tava grávida de mim, aos seis meses,
04		

➤ Conflito com o padrasto

09	SS	e entre viver com ela e com a minha tia vivi até os onze anos de idade por causa de um padrasto que ela arrumou e então eu não conseguia me adaptar com esse padrasto
10		
11		

➤ Casamento

23	SS	E aos dezenove anos eu casei.
24	SS	Eu encontrei um rapaz então a gente namorou, casou, tudo bonitinho por causa que coisa eu mais tinha medo na vida era de decepcionar essa mãe adotiva.
25		
26		

➤ Encontro com o pai

29	SS	Então, saí casada, tudo bonitinho, de casa depois que eu já tinha me casado já tinha...(pausa) que eu conheci meu pai com 27 anos casei com 19 então tinha 8 anos que tinha casado, então fui a procura de meu pai porque aí já tinha condições de procurar ele, aí eu encontrei ele.
30		
31		
32		
33		

➤ Vida sofrida e abdicação do trabalho

54	SL	porque nós morava no sítio na casa, no sítio do meu sogro, e lá
55		a gente trabalhava pro meu sogro, então era muito tinha
56		bastante dificuldade, mas a gente ia levando a vida né.
57	SS	Eu queria estudar continuar estudando né, porque lá eu até e
58		eu trabalhei numa escola cinco anos dando aula,
59	SL	mas eu não pude terminar, não pude continuar por causa que
60		eu tinha que fazer o magistério.
61	SL	Até ganhei o magistério de graça na época, mas não pude fazer
62		porque eu já tinha duas crianças pequena e não tinha como eu
63		vir pra cidade e deixar eles

➤ Estresse com acúmulo de atividades

81	SS	Eu me lembro de uma passagem, que na época que nós viemos
82		nós, assim era construindo casa eu trabalhando eu saía de casa
83		7h da manhã voltava 5 e meia da tarde sete e quinze lá no
84		Urupá, eu saía daqui do Novo Ji-Paraná e ia prum colégio lá no
85		Urupá para poder estudar, então era uma vida muito corrida,
86		eu tava ficando doente.
89	SS	Então, aí eu chegava em casa assim no meu intervalo do
90		emprego,
91	SL	quando eu chegava em casa é, eu não sabia se eu cuidava da
92		casa, se eu cuidava das crianças ou se eu almoçava,
93	SS	então foi assim aquela coisa muito assim, aquele cansaço
94		físico mental eu tava assim no último dos meus estresse.

➤ Compensação com o “Mulheres Mil”

162	SS	Então, hoje pra mim, graças a Deus, eu tô aqui no Mulheres
163		Mil, já construí o meu salão com os cursos que eu tenho, já tô
164		ponhando em prática e os que eu vou aprender aqui vai ser
165		melhor ainda pra mim.

Para as complicações elencadas nessa NOEP, identificamos três resoluções. A primeira é para o complicador “Conflito com o padrasto” (linhas 09 a 11), que é quando a EN vai morar com outra família (linhas 12 a 14); para a AC presente no bloco “Vida sofrida e abdicação do trabalho”, a solução foi vir para a cidade (linhas 74, 79 e 80). Para resolver o complicador “Estresse com acúmulo de atividades” (81 a 86; 89 a 94) a decisão foi pedir demissão e dedicar-se à família (linhas 112 a 112; 116 a 119)

- Acolhida de outra família

12	SS	aí fui morar com uma família
13	SS	essa família me deu apoio, me deu tudo o que eu acho que uma
14		pessoa precisa, assim em relação de família.

- Migração para a cidade

74	SS	Aí foi aonde que ele veio,
79	SS	A gente comprou um terreno, construiu uma casa com muita
80		dificuldade e eu consegui terminar o meu ensino médio.

- Demissão e cuidados com a família

111	SS	aí a primeira coisa que eu fiz, na verdade, foi pedir demissão do
112		meu serviço porque eu não suportava,
116	SS	Aí foi daí pra cá que eu consegui realmente estudar que eu
117		consegui cuidar da minha família direito, mesmo eu pedindo
118		demissão desse trabalho eu não passei necessidade não
119		passei,

d) NOEP 4

A complicação inicia depois que a família migra para Rondônia. A dificuldade inicial é o desemprego do pai (linhas 06 e 07), depois vem o seu falecimento (linha 18) o que gera o trabalho infantil (linhas 16, 21 e 24 a 27); em seguida, ela passa por um evento eufórico, o casamento (linhas 28 a 30) e treze anos depois vive um evento disfórico, o assassinato do esposo (linhas 35 a 37), por conta disso tem

muitas dificuldades para criar os filhos (linhas 41 e 42), e onze anos depois, passa por um momento eufórico, um novo casamento (linhas 46 e 47).

➤ Desemprego

06	SS	Aí quando chegamos aqui meu pai não gostou muito, era difícil pra ele arrumar emprego tal
07		

➤ Dificuldades familiares

11	SS	e aí a gente começou a ter dificuldades né passar muitas dificuldade.
12		

➤ Falecimento do pai

18	SS	aí quando fazia um ano que nós tava aqui o pai faleceu
----	----	--

➤ Trabalho infantil

16	SS	aí nós começamos a trabalhar pra ajudar minha mãe,
21	SS	aí minha mãe ia nos lugares arrumava emprego pra gente
24	SS	eu ficava até trinta dias sem vim em casa aí, mas não sabia nem quanto eu recebia de salário, porque minha mãe ia lá, arrumava emprego, eu trabalhava e ela mesma ia lá receber pra ajudar na despesas de casa.
25		
26		
27		

➤ Casamento precoce

28	SS	aí com dezesseis anos conheci um rapaz, namorei com ele dois meses, e fui morar junto com ele achando que ia melhorar né, de vida (risos), saí daquele sufoco mas..
29		
30		

➤ Assassinato e viuvez

35	SS	quando fez treze anos que a gente tava casado ele foi assassinado na frente de toda a minha família, meus filhos e eu.
36		
37		

➤ Novo casamento

46	SS	e aí agora tem dois anos que eu conheci outra pessoa e a gente
47		tá feliz, tá vivendo né.

Na sequência desses eventos, notamos que há uma resolução para o evento complicador chamado “Desemprego”, é o trabalho infantil (linha 16). Esse por sua vez, ao mesmo tempo, é resolução e também continuidade da AC. O desfecho é apresentado em uma sentença restritiva que coincide com a coda, conforme será exposto no próximo item.

• Trabalho infantil

16	SS	aí nós começamos a trabalhar pra ajudar minha mãe,
----	----	--

4.6.4 Coda

A coda, segundo Labov (1997), é uma sentença final que pode apresentar uma informação nova ou um julgamento do enunciador.

a) NOEP 1

Nessa NOEP, a coda está presente nas linhas 77 a 80; a coda é, neste caso, apenas o acréscimo de informações e julgamentos da EN.

77	SR	Assim... eu me considero feliz ... o que eu puder fazer de
78		diferente, algo novo eu faço, eu só meio assim maluquinha de
79		aventura, adoro fazer esses tipo de coisa mas assim sempre
80		dentro do meu limite é isso que eu tenho pra contar.

b) NOEP 2

Na NOEP 2, a coda está na linha 51 e coincide com o desfecho.

51	SR	quero vencer e lutar e conseguir criar meus filhos.
----	----	---

c) NOEP 3

Nessa narrativa, a coda está evidente na linha 166, apresentando o seu julgamento após o detalhamento da complicação.

166	SR	então eu me sinto realizada apesar de tudo
-----	----	--

d) NOEP 4

Nessa NOEP, a coda e a resolução da AC coincidem. Nas linhas 56 a 59 a EN apresenta o desfecho de sua biografia com os julgamentos do curso que está realizando, e que como para as demais informantes, tem um caráter compensatório depois de tanto sofrimento experienciado.

56	SR	e quem sabe daqui eu tire uma profissão né, que eu vá gostar,
57		porque até então eu não sei se eu vou usar isso que eu tô
58		aprendendo né, mas eu espero que sim se eu gostar de
59		repente eu até goste e vou tirar muito proveito disso.

4.7 EIXO FUNCIONAL

4.7.1 Avaliação

Para Labov (1997), em nível das sentenças, a avaliação de um evento narrativo se realiza quando se registra uma informação sobre as consequências desse evento para as necessidades e para os desejos humanos. Para ele, como para Ferreira Netto (2008) as sentenças avaliadoras são principalmente sentenças livres, manifestam-se pelo uso do subjuntivo, o modo *irrealis*, podendo aparecer também no indicativo, modo *realis*, nas formas do imperfeito, condicional e futuro. O uso de negativos, comparações, intensificadores, repetições também devem ser entendidos como avaliação.

Hanke (2003 p. 120) sustenta que “a avaliação deixa de ser um gesto isolado, feito num instante exato e único da narrativa, para estar presente de forma contínua e diversificada no desenrolar da narrativa”. Nesse sentido, notamos que as NOEPs, *corpus* desta dissertação, contêm várias sentenças avaliativas.

Para demonstrar isso, separamos esses atos avaliativos também em blocos temáticos, rotulando-os por hiperônimos que entendemos ser o que resume o fato. Para exemplificar as manifestações avaliativas, destacamos as expressões-chave com um traço, em cada um dos respectivos blocos. Nesses recortes, notamos uma consciência de atitude das ENs em relação aos eventos relatados que Labov (1997) considera um ponto de avaliação.

a) NOEP 1

Observamos, assim, nessa narrativa a presença do verbo “contar”, modo *realis*, no imperfeito do indicativo (linha 2), além da presença do advérbio de negação “não” (linha 03). Na linha 5, o verbo “ser” no imperfeito; na linha 8, temos o verbo “gostar” no imperfeito e a negativa. Há ainda outras manifestações avaliativas destacadas nas linhas 11 e 12. Na linha 24, há a negativa. Indicando o remorso, na linha 34 há o intensificador “muito” no adjetivo triste e o negativo expresso pelo “não”. Na linha 47, o verbo “ir” e na 48 os verbos “ter” e “ser” conjugados no imperfeito; há também a presença do “não” na linha 48 e na linha 60. Os verbos “ver” (linha 50), “estar” (linha 51), “pensar” (linha) 58 no imperfeito. Nas linhas 59, a EN faz uma avaliação da dor que sente, em razão da perda da irmã e dos sofrimentos vividos.

Esses elementos gramaticais destacados atestam a avaliação dos fatos, e essa marca avaliativa também permite ao EN dar mais credibilidade aos eventos narrados.

➤ Abandono e desprezo da madrasta

02	SL	a história que me conta que geralmente minha mãe <u>contava</u> e que
03		agora <u>não</u> há mais necessidade é que com dois anos de idade eu
04		fui adotada.
05	SS	minha mãe <u>era</u> separada do meu pai tinha quatro filhos contando
06		comigo e todos os meus irmãos ficaram com os parentes menos
07		eu
08	SS	a minha madrasta <u>não gostava</u> de mim enfim...ela me deixou na
09		rua a mercê...
10	SL	e a irmã da minha mãe que eu moro hoje atual me encontrou na

11		rua... diz ela que <u>eu tava suja com o cabelo sujo, cheia de piolho</u>
12		<u>com as feridas nas perna</u>

➤ Gravidez precoce

24	SS	aí eu <u>não</u> quis aceitar a ... gestação ele aceitou melhor do que eu
25		e decidimos voltar.

➤ Remorso

34	SL	eu fico <u>muito triste</u> (choro) porque quando ela morreu eu <u>não tive</u> a
35		oportunidade de pedir perdão a ela (choro)

➤ Conflitos e problemas familiares

47	SL	as dificuldades ia aparecendo as confusão entre família vinham
48		((choro)) e <u>não tinha</u> como a gente segurar <u>era</u> inevitável e relação
49		estressante ((choro))
50	SS	eu <u>via</u> a minha mãe depressiva sem poder fazer nada foi aonde
51		que quando eu <u>tava</u> grávida esperando a Samara, minha filha do
52		meio, decidi ser manicure para poder ajudar na renda.
58	SS	e eu <u>pensava</u> assim como é que eu vou fazer pra minha mãe sair
59		dessa depressão? pra minha mãe superar <u>a dor que é</u>
60		<u>impossível a gente não segurar.</u>

b) NOEP 2

Na NOEP 2, identificamos que “estar” está conjugado no imperfeito (linha 3), evidenciando a idade da EN quando ocorreu o assassinato do pai; nas linhas 15 a 19, as negativas com os advérbios “nunca” e “não”, bem como o verbo “gostar” no imperfeito, modo *realis* (linha 18); o intensificador “muito”, na linha 15, e a repetição das expressões “nunca” e “gostava” são caracterizadores de avaliação; como também disso, as negativas das linhas 25, 26 e 32, em que primeiro, a EN avalia a separação após um casamento forçado, em segundo registra o fato de a mãe não conversar com ela e terceiro a negativa avalia o horário de trabalho no salão; além disso, o verbo “conversar” (linhas 26, 33 e 34), os verbos “beber”, “pegar” e “deixar” (linhas 33 e 34) conjugados no imperfeito; os verbos “falar”, “estar”, “ser”, “dormir”

(linhas 35, 36 e 38), respectivamente, conjugados no imperfeito modo *realis*; ainda, temos as repetições “não era” (linha 36) e “dormia” (linha 38) e as negativas (linhas 45, 47 e 48). Esses último itens lexicais avaliadores apresentam-se úteis para a manutenção do turno e a para garantir a veracidade dos fatos relatados.

➤ Assassinato do pai

03	SL	eu <u>tava</u> com 18 ano
----	----	---------------------------

➤ Comportamento da EN

15	SL	eu e minha mãe sempre fomos muito amigas, eu <u>nunca</u> escondi nada dela, eu sempre fui uma filha assim, eu <u>nunca</u> pensei em namorar, <u>nunca</u> dei trabalho pros meus pais sobre namoro, porque eu <u>não gostava</u> , eu <u>gostava</u> muito de sair, dançar, me divertir.
16		
17		
18		
19		

➤ Casamento forçado

25	SS	e morei três mês com ele, <u>não deu</u> certo, aí eu saí da casa dele
----	----	--

➤ Briga com a mãe

26	SL	minha mãe <u>não conversava</u> comigo
----	----	--

➤ Dificuldades no trabalho

32	SL	e salão tem hora de entrar e <u>não</u> tem hora de sair
----	----	--

➤ Conflito familiar

33	SS	e a minha mãe, o meu irmão esse um que <u>bebia</u> , ele <u>pegava</u> e <u>não deixava</u> eu entrar dentro de casa
34		
35	SL	ele <u>falava</u> que eu <u>tava</u> biscateando, que eu <u>tava</u> andando à toa, que eu <u>não tava</u> trabalhando <u>não era</u> nada, que aquilo <u>não era</u> hora de chegar em casa
36		
37		
38	SS	aí eu <u>dormia</u> pelas casas dos vizinhos, ((risos)) <u>dormia</u> na rua e

➤ Após a Separação

45	SS	e eu luto pra criar meus filhos ele <u>não</u> me ajuda muito
46	SS	e tô aí e ele veio enchendo o saco, querendo voltá tudo, tentei
47		dar uma chance pra ele, mas eu vi que ele <u>não mudou</u> nada
48	SL	<u>não vi</u> mudança

c) NOEP 3

Encontramos os intensificadores “muito” e “bastante” (linha 6), e a negativa “não deu certo” (linha 7); a negativa também está presente nas linhas 11, 15, 16 e 17; além das expressões usadas para indicar a avaliação contínua que a EN realiza sobre os fatos vividos por ela. O advérbio “muito” (linhas 17 e 18); e o adjetivo “rica” repetido (linha 19) também é um elemento sintático avaliativo. Além desses, ainda, temos a negativa na linha 34, e o adjetivo “maravilhoso” que avalia o encontro da EN com seu pai; na linha 37, a negativa e o verbo “importar” no imperfeito, modo *realis*; os intensificadores “muito” repetidos (linhas 39 e 40). Na linha 57, o verbo “querer” no imperfeito. A negativa nas linhas 75, 76 e 77; o verbo “combinar” no imperfeito, modo *realis*, (linha 75) e o intensificador “muito” (linha 77). Os verbos “chegar”, “saber”, “cuidar” (linha 91), “cuidar” e “almoçar” (linha 92) e “suportar” (linha 112) conjugados no imperfeito, modo *realis*, e as negativas (linhas 91 e 112). Ainda há a repetição e a negativa nas linhas 118 e 119, funcionando como manifestações avaliativas.

➤ Sofrimento da mãe

05	SL	então ele abandonou nós duas e foi embora e, então a vida da
06		minha mãe foi <u>muito</u> , com <u>bastante</u> dificuldade. É arrumou outro
07		marido também <u>não deu certo</u>

➤ Padrasto

09	SS	e entre viver com ela e com a minha tia vivi até os onze anos de
10		idade por causa de um padrasto que ela arrumou e então eu <u>não</u>
11		<u>consequia</u> me adaptar com esse padrasto

➤ Nova família

15	SL	<p><u>Não foi fácil</u> porque a gente sabe que até mesmo com a família da gente, às vezes, <u>não é fácil</u> de conviver, imagina com família diferente então <u>não foi muito fácil</u>, mas mesmo assim eu amo <u>muito</u> essa família eu gosto <u>muito</u> deles eu sempre falo que eu tenho duas mãe e dois pai. Eu falo que sou <u>rica</u> de mãe e <u>rica</u> de pai.</p>
16		
17		
18		
19		
20		

➤ Conhecer o pai

34	SL	<p><u>Não foi</u> assim aquele encontro <u>maravilhoso</u> porque a gente sonha uma coisa e depois é outra. Então, mas assim aquele sonho que eu tinha realmente com ele eu já tinha deixado assim de ter então pra mim <u>não importava</u> o que ele era <u>importava</u> mesmo era eu conhecer ele, saber daonde eu tinha vindo.</p>
35		
36		
37		
38		
39	SS	<p>Conheci, foi <u>muito bom</u> conhecer meu pai; Nossa eu esperava, mas foi <u>muito bom</u> eu conhecer meu pai.</p>
40		

➤ Estudo

57	SS	<p>Eu <u>queria</u> estudar continuar estudando né, porque lá eu até e eu trabalhei numa escola cinco anos dando aula,</p>
58		

➤ Conflito familiar

75	SL	<p>que também a gente <u>não combinava</u> tanto com os... as minhas cunhadas <u>não era</u> tanto com meu sogro mais minha sogra mas os outro que sempre atrapalha né <u>não é muito</u> bom todo mundo misturado.</p>
76		
77		
78		

➤ Estresse

91	SL	<p>quando eu <u>chegava</u> em casa é, eu <u>não sabia</u> se eu <u>cuidava</u> da casa, se eu <u>cuidava</u> das crianças ou se eu <u>almoçava</u>,</p>
92		

➤ Demissão

111	SS	aí a primeira coisa que eu fiz, na verdade, foi pedir demissão do
112		meu serviço porque eu não <u>suportava</u> ,

➤ Mudanças no comportamento

116	SS	Aí foi daí pra cá que eu consegui realmente estudar que eu
117		consegui cuidar da minha família direito, mesmo eu pedindo
118		demissão desse trabalho eu <u>não passei</u> necessidade <u>não</u>
119		<u>passei</u> ,

d) NOEP 4

Na NOEP 4, há também vários itens avaliadores. Por exemplo, a negativa (linhas 06, 09 e 17); o adjetivo “difícil” (linha 06), os verbos “ser” (linha 06), “arrumar”, “começar” (linha 09), “começar” (linha 10), “trabalhar” (linha 17), “estar” (linha 18), “ter” (linha 19), “passar”, (linha 20), “arrumar” (linha 21), “poder” (linha 22), “ficar” e “saber” (linha 23), “receber” e “ir” (linha 24), “arrumar” e “trabalhar” (linha 25) todos conjugados no imperfeito, modo *realis*. Esses verbos avaliam a cronologia dos eventos narrados.

➤ Desemprego e bebida

06	SS	Aí quando chegamos aqui meu pai <u>não</u> gostou <u> muito</u> , <u>era</u> difícil
07		pra ele arrumar emprego tal
09	SS	aí <u>não</u> <u>arrumava</u> emprego porque <u>começava</u> a trabalhar e
10		<u>começava</u> a beber

➤ Trabalho infantil

17	SL	porque o pai já <u>não trabalhava</u> mais
18	SS	aí quando <u>fazia</u> um ano que nós <u>tava</u> aqui o pai faleceu
19	SS	e aí as coisa ficou <u>mais</u> difícil ainda né, <u>tinha</u> cinco criança
20		pequena a gente <u>passava</u> <u>muita</u> dificuldade então
21	SS	aí minha mãe <u>ia</u> nos lugares <u>arrumava</u> emprego pra gente
22	SL	naquela época <u>podia</u> né arrumar emprego e colocar os filho lá
23	SS	eu <u>ficava</u> até trinta dias sem vim em casa aí, mas <u>não</u> <u>sabia</u>

24		nem quanto eu <u>recebia</u> de salário, porque minha mãe <u>ia</u> lá,
25		<u>arrumava</u> emprego, eu <u>trabalhava</u> e ela mesma <u>ia</u> lá receber pra
26		ajudar na despesas de casa.

4.7.2 Relatabilidade

Para que uma narrativa apresente-se de forma qualitativa é necessário que haja um evento relatável. O narrador precisa chamar à atenção dos ouvintes, mantendo-os informados claramente sobre a trajetória narrativa. Labov (1997) afirma que os eventos mais relatáveis são os que tratam de morte, sexo e indignação social. Nas NOEPs, por excelência, Labov (1997) apresenta a existência, quase que automática, dos eventos relatáveis, já que se trata de situações vividas pelo EN, ou seja, são fatos da sua biografia. Nesse viés, Ferreira Netto (2008) declara:

para fazer uma narrativa, o enunciador-narrador terá de apropriar-se da fala durante mais tempo do que seria o comum entre os interlocutores, e terá, ainda, de obter a atenção silenciosa de seus interlocutores, será necessário que esses mesmos interlocutores permitam que isso ocorra, tratando-se, pois, de um acordo feito *ad hoc*, justificado pela segurança de que todos que permanecerem silenciosamente atentos ouvindo a narrativa do enunciador-narrador serão recompensados pela apresentação de um evento interessante que trará algum tipo de satisfação (FERREIRA NETTO, 2008, p. 45).

Nas NOEPs em análise, observamos que, por se tratarem de narrativas biográficas, há eventos mais relatáveis do que outros. Por não ser um tema específico, não há um evento único. Seguindo os moldes labovianos, apresentamos alguns desses eventos em blocos temáticos, como fizemos em outras partes desta análise.

a) NOEP 1

Nessa narrativa, observamos que durante a exposição sobre o assassinato da irmã, os interlocutores ficaram comovidos com as lágrimas da narradora, o que gerou um momento de profundo silêncio, as expressões faciais dos ouvintes (observações nossas durante o relato, conforme apêndice A, linhas 18 e 19) demonstravam que o tema era comovente. A manutenção do turno da EM mantinha-se autônoma, ficando por conta da empatia que o relato causava nas ouvintes. Na

linha 40, a narradora retoma o próprio turno, após um momento de comoção, com a expressão “mas enfim”.

➤ Assassinato

30	SS	Passando-se uns quinze dias eu tive a notícia de que a minha
31		irmã faleceu.
32	SL	Ela morava no Mirante ...
33	SL	deram oito facadas nelas (choro)
34	SL	eu fico muito triste (choro) porque quando ela morreu eu não tive a
35		oportunidade de pedir perdão a ela (choro)
40	SS	mas enfim continuei trabalhando fiquei um período curto

b) NOEP 2

A relatabilidade é garantida, na NOEP 2, sobretudo, quando a EN descreve o relato do assassinato do pai e conseqüentemente a revolta da família (linhas 1, 2 e 4). Além disso, há o envolvimento amoroso da EN gerando sua expulsão de casa (linhas 22 a 24).

➤ Assassinato

01	SR	Bom, eu vim do Mato Grosso né e tem 12 – 13 anos porque eu
02		perdi meu pai.
04	SS	ele morreu matado e aí nós ficamos muito revoltado

➤ Revolta familiar

05	SL	aí meu irmão começou a beber... ele tinha 16 anos
06	SS	e aí antes o cara ficou ... disse que era amigo do meu pai, ficou
07		solto né, e morava perto da casa da gente... e voltou com 48
08		horas e advogado e ficou solto e o meu irmão queria fazer
09		alguma coisa né. Até a gente ficou revoltado com isso.

➤ Envolvimento amoroso

22	SS	conheci um rapaz e me perdi com ele, e minha mãe me expulsou
23		de casa ((hummm – manifestação da plateia)), fez eu ir morar com

24		ele na marra né
----	--	-----------------

c) NOEP 3

Na NOEP 3, a relatabilidade alcança seu ponto alto com o abandono e a dificuldade de relacionamento com o padrasto (linhas 3 e 4, 9 a 11) e as dificuldades familiares (linhas 50 a 56).

➤ Abandono

03	SS	É eu fui abandonada pelo meu pai antes de nascer. Minha mãe tava grávida de mim, aos seis meses,
04		

➤ Conflitos com padrasto

09	SS	e entre viver com ela e com a minha tia vivi até os onze anos de idade por causa de um padrasto que ela arrumou e então eu não conseguia me adaptar com esse padrasto
10		
11		

➤ Dificuldade familiar

50	SL	Então, eu me lembro assim de uma fase na minha vida, da minha história, do meu casamento, assim que teve da minha... da nossa vida que foi assim muito sofrida, muito corrida
51		
52		
53	SS	foi quando nós viemos aqui pra Ji-Paraná
54	SL	porque nós morava no sítio na casa, no sítio do meu sogro, e lá a gente trabalhava pro meu sogro, então era muito tinha bastante dificuldade, mas a gente ia levando a vida né.
55		
56		

d) NOEP 4

Nessa NOEP, há o desemprego do pai e o trabalho infantil, temas de indignação social (linhas 6 e 7 e 24 a 27) e o assassinato do esposo (linhas 35 a 37), temas de que fala Labov (1997, p. 09).

➤ Desemprego

06	SS	Aí quando chegamos aqui meu pai não gostou muito, era difícil pra ele arrumar emprego tal
07		

➤ Trabalho infantil

23	SS	eu ficava até trinta dias sem vim em casa aí, mas não sabia nem quanto eu recebia de salário, porque minha mãe ia lá, arrumava emprego, eu trabalhava e ela mesma ia lá receber pra ajudar na despesas de casa.
24		
25		
26		

➤ Assassinato

34	SS	quando fez treze anos que a gente tava casado ele foi assassinado na frente de toda a minha família, meus filhos e eu.
35		
36		

4.7.3 Credibilidade

Para que haja credibilidade em uma narrativa, é necessário que a exposição de eventos relatados tenha um grau de seriedade (LABOV, 1997). Nas NOEPs em análise, notamos essa seriedade, uma vez que se trata da própria experiência das enunciantoras. Nesse raciocínio, Labov (1997, p. 09) assevera que *“the credibility of a narrative is the extent to which listeners believe that the events described actually occurred in the form described by the narrator”*.¹⁷ Por isso, “a narrativa terá maior credibilidade quanto mais descritiva for os eventos que apresentar” (FERREIRA NETTO, 2008, p. 47).

Os eventos relatados pelas quatro ENs, que constam no *corpus* de análise, não deixam dúvida em relação à credibilidade. Para demonstrar essa assertiva, recortamos trechos do *corpus* e os apresentamos abaixo.

a) NOEP 1

A credibilidade se manifesta em alguns aspectos, além da seriedade da EN ao narrar, verificamos também, a participação dos IOs durante a exposição, constatadas por meio das expressões faciais apresentadas (observações nossas, apêndice A, linhas 18 e 19), e ainda os momentos de choro e comoção da EN que evidenciam a credibilidade.

¹⁷ A credibilidade de uma narrativa é a extensão em que os ouvintes acreditam que os eventos descritos tenham ocorrido de fato na forma descrita pelo narrador. (Tradução de Ferreira Netto, 1997)

33	SL	deram oito facadas nelas (choro)
34	SL	<u>eu</u> fico muito triste (choro) porque quando ela morreu <u>eu</u> não tive a
35		oportunidade de pedir perdão a ela (choro)

47	SL	as dificuldades ia aparecendo as confusão entre família vinham
48		((choro)) e não tinha como a gente segurar era inevitável e relação
49		estressante ((choro))

b) NOEP 2

Nessa narrativa, notamos a convicção da EN ao relatar os eventos disfóricos e os eufóricos vividos por elas, além da disposição cronológica apresentada, destacamos algumas marcas que garantem a credibilidade, tais como: o uso da primeira pessoa (eu), a presença do “aí” como elemento de ligação evidenciando a sequência descritiva dos eventos.

01	SR	Bom, <u>eu</u> vim do Mato Grosso né e tem 12 – 13 anos porque <u>eu</u>
02		perdi meu pai.
03	SL	<u>eu</u> tava com 18 ano
04	SS	ele morreu matado e <u>aí</u> nós ficamos muito revoltado
05	SL	<u>aí</u> meu irmão começou a beber... ele tinha 16 anos
06	SS	e <u>aí</u> antes o cara ficou ... disse que era amigo do meu pai, <u>ficou</u>
07		<u>solto</u> né, e <u>morava</u> perto da casa da gente... e <u>voltou</u> com 48
08		horas e advogado <u>e ficou solto e o meu irmão queria fazer</u>
08		<u>alguma coisa</u> né. <u>Até a gente ficou revoltado</u> com isso.
10	SL	<u>Aí</u> a minha mãe com medo que acontecesse o pior achou melhor
11		vir embora pra Rondônia.
12	SS	<u>Aí</u> viemos embora pra Rondônia, chegou aqui passamos muitas
13		dificuldades né, morando de aluguel nós trabalhando pra ajudar a
14		minha mãe, e a minha mãe assim, ela criou a gente assim ...
15	SL	<u>eu</u> e minha mãe sempre <u>fomos muito amigas</u> , <u>eu</u> nunca escondi
16		nada dela, <u>eu</u> sempre fui uma filha assim, <u>eu</u> nunca pensei em
17		namorar, nunca dei trabalho pros meus pais sobre namoro,
18		porque <u>eu</u> não gostava, <u>eu</u> gostava muito de sair, dançar, <u>me</u>

19		divertir.
----	--	-----------

a) NOEP 3

Assim como nos demais relatos, na NOEP 3 notamos a presença da primeira pessoa e as sentenças sequenciais ordenadas de forma cronológica, como destacamos abaixo:

03	SS	É <u>eu fui</u> abandonada pelo meu pai antes de nascer. <u>Minha</u> mãe
04		tava grávida de <u>mim</u> , aos seis meses,
05	SL	<u>então</u> ele abandonou nós duas e foi embora e, <u>então</u> a vida da
06		minha mãe foi muito, com bastante dificuldade. É arrumou outro
07		marido também não deu certo
08	SS	e <u>eu fui</u> vivendo com ela vivi com ela assim
09	SS	e entre viver com ela e com a minha tia <u>vivi</u> até os onze anos
10		de idade por causa de um padrasto que ela arrumou e então eu
11		não conseguia me adaptar com esse padrasto
12	SS	<u>aí fui</u> morar com uma família
13	SS	essa família <u>me</u> deu apoio, <u>me</u> deu tudo o que <u>eu</u> acho que uma
14		pessoa precisa, assim em relação de família.

b) NOEP 4

Destacamos, na NOEP 4, as marcas de primeira pessoa e os conectivos de ligação mais comuns na oralidade, como “aí”.

01	SR	Bem, <u>eu</u> vim pra Rondônia, <u>eu</u> tinha onze anos vim
02		acompanhando meus pais.
03	SL	Eles vieram pra cá porque a <u>minha</u> irmã mais velha se casou
04		veio pra cá aí <u>minha</u> mãe enlouqueceu que teria que vim pra
05		ficar perto da filha né.
06	SS	<u>Aí</u> quando chegamos aqui <u>meu</u> pai não gostou muito, era difícil
07		pra ele arrumar emprego tal
08	SL	<u>aí</u> ele começou a ter problema com bebida e

09 10	SS	<u>aí</u> não arrumava emprego porque começava a trabalhar e começava a beber
11 12	SS	e <u>aí a gente</u> começou a ter dificuldades né passar muitas dificuldade.
13 14 15	SL	A <u>Minha</u> mãe com os filhos todos pequeno o mais velho era outro <u>meu</u> irmão era nós dois o mais velho tinha 11 e ele tinha 12 – tinha 13
16	SS	<u>aí nós</u> começamos a trabalhar pra ajudar minha mãe,

Salientamos que essas características linguísticas apresentadas nas NOEPs 1, 2, 3 e 4 estão presentes em diversas sentenças; todavia, selecionamos apenas algumas para ilustrar o que identificamos.

4.7.4 Causalidade

Neste item, Labov (1997) sustenta que o narrador elabora um mecanismo de construção narrativa, ou seja, primeiro ele escolhe o evento mais relatável, em seguida procura responder “Como isso aconteceu?” e elenca vários eventos que respondam a essa questão. Para ele, as relações entre causa e consequência são possíveis, haja vista que os comportamentos atribuídos às personagens são previsíveis.

A partir da questão “Conte-me uma experiência de vida”, as ENs selecionaram o ponto mais relatável e iniciaram a descrição dos fatos e os passos para responder ao questionamento inicial.

Para Ferreira Netto (2008, p.46), “As relações causais propostas formam a coesão entre eventos e orações, determinada especialmente pelo conhecimento compartilhado entre o enunciador-narrador e seus interlocutores-ouvintes”.

Assim, respaldados em Ferreira Netto (2008), observamos que essas relações causais dependem do conhecimento mútuo entre EN e IO. Ao final das gravações, instigamos as informantes a comentarem as similaridades e as divergências entre as biografias delas, e notamos grande proximidade nessa relação das experiências vividas, muitas delas, dramáticas.

Apresentamos, a seguir, as relações de causa e consequência nas NOEPs analisadas.

a) NOEP 1

Sequência causal dos eventos	
Causa	Por uma razão desconhecida Maria foi abandonada na rua por sua madrasta.
Consequência	Maria foi retirada da rua e ganhou uma nova família, ao lado de sua mãe Lindalva.
Causa	Aos dezesseis anos, engravidou.
Consequência	Foi morar com o companheiro
Causa	A irmã foi assassinada
Consequência	Remorso, pois não pediu perdão a ela
Causa	Confusão na família e depressão da mãe
Consequência	Sufrimentos vividos pela EN

b) NOEP 2

Sequência causal dos eventos	
Causa	Em razão do assassinato do pai
Consequência	Houve revolta na família
Causa	Medo da mãe em relação às atitudes do irmão
Consequência	Migrou para Rondônia
Causa	Envolvimento amoroso antes do casamento
Consequência	Casamento forçado
Causa	Casamento forçado
Consequência	Separação
Causa	Trabalhar no salão
Consequência	Ficava fora de casa
Causa	Envolvimento amoroso
Consequência	Separação

Durante a exposição da EN, na NOEP 2, observamos algumas manifestações do ouvinte que mostra esse conhecimento mútuo entre as IOs e a EN de que fala Ferreira Netto (2008).

22	SS	conheci um rapaz e me perdi com ele, e minha mãe me expulsou de casa ((humm – manifestação da plateia)), fez eu ir morar com ele na marra né
23		
24		

c) NOEP 3

Sequência causal dos eventos	
Causa	Em razão do abandono do pai
Consequência	Mãe arrumou outro marido
Causa	Conflito com o padrasto
Consequência	Morar com outra família
Causa	Morar no sítio
Consequência	Não podia estudar
Causa	Conflito familiar no sítio
Consequência	Vem para a cidade
Causa	Muitas atividades sobrecarga de funções
Consequência	Estresse e doença
Causa	Estresse e doença
Consequência	Demissão
Causa	Demissão
Consequência	Dedicação ao estudo e à família

d) NOEP 4

Sequência causal dos eventos	
Causa	Em razão da migração da família e do vício do pai
Consequência	Houve desemprego
Causa	Estando o pai desempregado
Consequência	Família tem dificuldades
Causa	Por conta das dificuldades financeiras

Consequência	A EN e os irmãos vão trabalhar (trabalho infantil)
Causa	Para fugir dessa vida sofrida e cansada
Consequência	Casamento
Causa	Razão desconhecida
Consequência	Assassinato do esposo.
Causa	Viuvez
Consequência	Luta para criar os filhos

4.7.5 Atribuição do elogio e da culpa

Nas ações humanas geralmente ocorrem conflitos. Nas NOEPs analisadas, as ENs atribuem elogio e culpa em relação às ações que praticam. Conforme Labov (1997, p. 13), não há dúvidas, de que essa atribuição reflete o ponto de vista do narrador. “Não se trata, todavia, de uma informação que conscientemente o narrador transmita a seus ouvintes, mas sim uma estrutura ideológica a partir da qual os eventos são vistos”. Para ele, nas relações interpessoais é comum a polarização de bem e mal.

a) NOEP1

Nessa NOEP, a madrasta de Maria é vista como personagem antagonista, pois abandonou a enteada à mercê da própria sorte.

➤ Madrasta

08	SS	a minha madrasta não gostava de mim enfim...ela me deixou na
09		rua a mercê...

Além disso, atribui-se à violência urbana o fato de a irmã ter sido assassinada brutalmente. Todavia, o fato de a relação entre elas estar conturbada, gerou uma culpa e uma sensação de fragilidade já que nada pode ser alterado.

➤ Assassinato

30	SS	Passando-se uns quinze dias eu tive a notícia de que a minha
31		irmã faleceu.

32	SL	Ela morava no Mirante ...
33	SL	deram oito facadas nelas (choro)
34	SL	eu fico muito triste (choro) porque quando ela morreu eu não tive a
35		oportunidade de pedir perdão a ela (choro)
36	SL	ela morreu com 25 anos de idade...
37	SS	Hoje faz... em novembro faz cinco anos que ela faleceu, às
38		vezes, ainda dói muito (choro), (pausa) porque apesar das brigas
39		ela era minha irmã ...

b) NOEP 2

Na NOEP 2, essa transferência da experiência do narrador evidencia alguns momentos ideológicos. Quando a EN comenta que “se perdeu” com o namorado (ou seja, envolveu-se amorosa e totalmente, antes do casamento), esse fato é julgado pela mãe como repulsivo, a ponto de expulsá-la de casa, é que ela entende que a filha fugiu aos padrões sociais. Além disso, a EN fala que seu irmão não a deixava entrar em casa, julgando seu comportamento como inadequado, conforme ilustramos com recortes do *corpus*.

➤ Casamento forçado

20	SS	Aí conheci,
21	SL	quando chegou aqui, eu tinha dezenove anos,
22	SS	conheci um rapaz e me perdi com ele, e minha mãe me expulsou
23		de casa ((hummm – manifestação da plateia)), fez eu ir morar com
24		ele na marra né

➤ Ideologia machista

31	SS	aí eu trabalhava no salão
32	SL	e salão tem hora de entrar e não tem hora de sair
33	SS	e a minha mãe, o meu irmão esse um que bebia, ele pegava
34		e não deixava eu entrar dentro de casa
35	SL	ele falava que eu tava biscateando, que eu tava andando à toa,
36		que eu não tava trabalhando não era nada, que aquilo não era
37		hora de chegar em casa

c) NOEP 3

Nesta narrativa, a EN manifestando sua postura moral, salienta que namorou e casou “tudo bonitinho”, apresentando elogio a sua própria experiência.

➤ Casamento

24	SS	Eu encontrei um rapaz então a gente namorou, casou, tudo bonitinho por causa que coisa eu mais tinha medo na vida era de decepcionar essa mãe adotiva.
25		
26		

d) NOEP 4

A EN apresenta seu julgamento em relação à atitude da mãe, que arrumava emprego para a filha e ficava com todo o dinheiro.

➤ Trabalho infantil

23	SS	eu ficava até trinta dias sem vim em casa aí, mas não sabia nem quanto eu recebia de salário, porque minha mãe ia lá, arrumava emprego, eu trabalhava e ela mesma ia lá receber pra ajudar na despesas de casa.
24		
25		
26		

4.7.6 Ponto de vista

Para Labov (1997, p. 12), “*The temporal sequence of events in oral narratives of personal experience follows the order in which the events became known to the narrator*”.¹⁸ De fato, nas NOEPs os eventos são vistos unicamente pelo olhar do narrador no momento em que os fatos estão sendo relatados; por isso, não há possibilidade do uso de *flashback* nesse tipo de narrativa. (LABOV, 1997). Nessa perspectiva são os dizeres de Labov (1997, p. 13)

One feature of oral narratives of personal experience that distinguishes them most sharply from literary narrative is that in literature, one can switch viewpoints, take an impersonal viewpoint, and enter into the consciousness

¹⁸ “A sequência temporal dos eventos nas narrativas orais de experiência pessoal segue a ordem em que os eventos tornaram-se conhecidos pelo narrador” (Tradução de Ferreira Netto)

*of any or all of the actors. In oral narratives of personal experience, there is only one option. The events are seen through the eyes of the narrator.*¹⁹

Nas NOEPs, *corpus* desta dissertação, os eventos são relatados à medida que aconteceram e demonstram que são ordenados exclusivamente pelo olhar do narrador de que fala Labov.

Destacamos, com um traço, nos recortes abaixo as principais expressões que mostram o ponto de vista.

a) NOEP 1

53	SL	<u>Graças a Deus eu gosto</u> do que eu faço <u>ganho com o que eu faço</u>
54		<u>e consigo ter uma vida digna</u> , tento dar o melhor aos meus filhos
55		moro com ela continuo casada sou casada há nove anos <u>meus</u>
56		<u>filhos são lindos são bem saudáveis tenho uma relação ca minha</u>
57		<u>mãe e meus irmãos super bem</u>
58	SS	e eu pensava assim como é que eu vou fazer pra minha mãe sair
59		dessa depressão? pra minha mãe <u>superar a dor que é impossível</u>
60		<u>a gente não segurar. (voz trêmula)</u>
61	SS	Graças ao projeto do Mulheres Mil onde eu ((hesitando)) estou
62		estudando, pelas colega, pela escola teve um projeto do
63		PRONATEC onde ela está num curso de Viveiricultor que é o
64		<u>sonho dela mexer com terra com flores, eu vejo minha mãe com</u>
65		<u>autoestima lá em cima, mais magra e a nossa relação cada dia</u>
66		<u>mais melhorando</u>
67	SS	Graças a Deus, <u>e eu fico muito feliz</u> , uma ajuda a outra...
68	SL	<u>meus filhos, minha família é tudo na minha vida.</u>
69	SS	Tenho sonhos de concluir o curso e de abrir meu cur... de abrir
70		meu salão, <u>de ter minha casa como todo mundo gosta de ter.</u>
73	SL	<u>e eu creio assim se você tiver força de vontade e querer você</u>
74		<u>vence, porque as dificuldade vêm mas vem pra você superá-las.</u>

¹⁹ Um traço das narrativas orais da experiência pessoal que as distingue nitidamente da narrativa literária é que, na literatura, podem-se mudar pontos de vista, tomar um ponto de vista impessoal e entrar na consciência de qualquer um ou de todos os atores. Nas narrativas orais de experiência pessoal, há somente uma opção. Os eventos são vistos pelos olhos do narrador. (Tradução de Ferreira Netto)

b) NOEP 2

39	SS	ai foi quando eu conheci o pai do meus filhos né, a gente namorou
40		vinte e sete dias <u>eu nem conhecia ele direito.</u>
28	SL	<u>sofri bastante</u>
46	SS	e tô aí e <u>ele veio enchendo o saco</u> , querendo voltá tudo, tentei dar
47		uma chance pra ele, mas eu vi que <u>ele não mudou nada</u>
48	SL	<u>não vi mudança</u>

c) NOEP 3

95	SL	Então, eu sempre lembro de uma passagem que aconteceu que
96		foi assim pra mim, não sei pra vocês se vocês vão entender,
97		<u>mas pra mim foi assim a gota d'água.</u>

125	SL	e <u>nem gosto de ver as pessoas correndo, correndo, correndo</u>
126		em busca na verdade do vento porque quando a pessoa corre
127		de mais é que esquece até do principal que é... <u>não dá conta de</u>
128		<u>cuidar do principal que é a gente porque pra gente poder cuidá</u>
129		<u>de outra pessoa primeiro a gente tem que se cuidá.</u>
131	SL	<u>É sempre eu falo uma mulher quando tem um nenê por ela</u>
132		<u>passar o período de nove meses ela já vai se fragilizando,</u>
133		<u>quando ela ganha nos primeiros dois meses, são os mais</u>
134		<u>difíceis a senhora vai ver e depois a senhora vai contar, a gente</u>
135		<u>fica muito fraca emocional é física...mente a gente tem vontade</u>
136		<u>de cuidar, mas a gente, às vezes, não dá conta pelo estado que</u>
137		<u>a gente se encontra, então é muito complicado, mas primeiro a</u>
138		<u>gente tem que se sentir bem pra poder cuidar dele, né.</u>
139	SL	<u>Primeira coisa que a gente tem fazer é se sentir bem,</u>
140	SS	então é essa a minha história.
141	SL	E hoje, graças a Deus, <u>eu me sinto muito realizada eu sempre</u>
142		<u>é, eu nas minhas orações realmente eu agradeço a Deus né,</u>
143		<u>porque eu acho que hoje o que Ele tiver que me dar Ele vai me</u>
144		<u>dar, não precisa de eu tá pedindo mais né, porque, às vezes, a</u>

145		gente pede, pede e não agradece, mas hoje o que eu tenho é
146		só de agradecer a Deus, <u>porque eu acho que não preciso mais</u>
147		<u>de tanta coisa a não ser saúde pra continuá cuidando dos meus</u>
148		<u>filhos, mas isso Deus tá me dando.</u>
149	SL	<u>E eu acho assim que a vida não é a gente correr, correr, correr,</u>
150		correr atrás, mas a gente parar pra refletir naquilo que a gente
151		já tem, porque, às vezes, a gente não tá dando valor naquilo
152		que a gente tem e tá correndo atrás de coisas mais.
153	SS	<u>E graças a Deus, eu tô aqui no Mulheres Mil é o meu sonho já</u>
154		<u>tá sendo realizado</u>
157	SL	Mas buscando de forma que a gente não vai se cansar tanto,
158		né, passo a passo, <u>não precisa correr né eu sempre falo a gente</u>
159		<u>não precisa correr porque as vezes a gente corre tanto atrás de</u>
160		<u>algo que poderia ser nem correr tanto só caminhando você já</u>
161		<u>alcança aquilo.</u>

d) NOEP 4

34	SL	<u>teve altos e baixos né</u>
46	SS	e aí agora tem dois anos que eu conheci outra pessoa e a gente
47		<u>tá feliz</u> , tá vivendo né.
52	SL	e não consegui fazer uma faculdade ainda, mas ainda tenho
53		sonho de fazer um dia que é o meu sonho e <u>eu tenho fé em</u>
54		<u>Deus que um dia eu ainda vou fazer</u>

4.7.7 Objetividade

Labov (1997) propõe que a objetividade é uma condição necessária para que uma narrativa transmita a experiência aos ouvintes. Assim, uma nova proposição é formulada por ele (1997, p. 13): *“The transfer of experience of an event to listeners*

occurs to the extent that they become aware of it as if it were their own experience".²⁰, conforme demonstramos no capítulo I.

Nesse ponto, Labov (1997) afirma a existência de um paradoxo, pois uma narrativa deve altamente objetiva possível; entretanto, nas NOEPs a subjetividade e a descrição rica em detalhes vão garantir a veracidade da história, já que foi vivida pelo próprio EN. Para exemplificar, apresentamos alguns trechos do *corpus*.

a) NOEP 1

Na NOEP 1, há a presença da subjetividade, mas isso funciona como comprovação daquilo que está sendo dito, já que se trata de uma narrativa autobiográfica. Exemplo disso é o momento do choro da EN conforme está no *corpus* e nos referimos na credibilidade, item 4.7.3.

33	SL	deram oito facadas nelas (choro)
34	SL	eu fico muito triste (choro) porque quando ela morreu eu não tive
35		a oportunidade de pedir perdão a ela (choro)

b) NOEP 2

Notamos que a objetividade é uma característica presente, pois os eventos são narrados com seriedade e convencem os ouvintes de que de fato trata-se de uma experiência. Labov (1997, p. 14) declara que "*an objective event is one that became known to the narrator through sense experience. A subjective event is one that the narrator became aware of through memory, emotional reaction or internal sensation*".²¹ Embasados nessa assertiva, percebemos que na NOEP 2, apesar de a EN recorrer à memória para relatar os eventos, ela quase não deixa transparecer a emoção nos fatos. Sua narração dos eventos é estruturada com uma linguagem mais direta e pragmática, com poucas incidências de adjetivos. Notamos uma manifestação subjetiva quando a própria EN ri de sua situação (linha 38).

²⁰ "A transferência da experiência de um evento aos ouvintes ocorre na medida em que eles se conscientizam de que isso passa a ser sua própria experiência" (Tradução de Ferreira Netto)

²¹ Um evento objetivo é aquele que se torna conhecido do narrador por meio da experiência dos sentidos. Um evento subjetivo é aquele de que o narrador é informado através da memória, da reação emocional ou na sensação interna. (Tradução de Ferreira Netto)

01	SR	Bom, eu vim do <u>Mato Grosso</u> né e tem 12 – 13 anos porque eu
02		perdi meu <u>pai</u> .
05	SL	aí meu <u>irmão</u> começou a beber... ele tinha 16 anos
06	SS	e aí antes o <u>cará</u> ficou ... disse que era amigo do meu <u>pai</u> , ficou
07		solto né, e morava perto da <u>casa</u> da gente... e voltou com 48
08		horas e <u>advogado</u> e ficou solto e o meu <u>irmão</u> queria fazer
08		alguma coisa né. Até a <u>gente</u> ficou revoltado com isso.
10	SL	Aí a minha <u>mãe</u> com medo que acontecesse o pior achou melhor
11		vir embora pra <u>Rondônia</u> .
32	SL	e <u>salão</u> tem hora de entrar e não tem hora de sair
33	SS	e a minha <u>mãe</u> , o meu <u>irmão</u> esse um que bebia, ele pegava
34		e não deixava eu entrar dentro de <u>casa</u>
38	SS	aí eu dormia pelas casas dos vizinhos, ((risos)) dormia na rua e

c) NOEP 3

Nesta narrativa, verificamos o paradoxo de que fala Labov (1997), pois a EN é bastante subjetiva no relato de seus eventos. Por outro lado, essa facilidade em transparecer suas emoções e sua individualidade comprova a experiência da narradora.

15	SL	Não foi fácil porque a gente sabe que até mesmo com a família
16		da gente, às vezes, não é fácil de conviver, imagina com família
17		diferente então não foi muito fácil, mas mesmo assim eu amo
18		muito essa família eu gosto muito deles eu sempre falo que eu
19		tenho duas mãe e dois pai. Eu falo que sou rica de mãe e rica
20		de pai.
27	SL	Então eles eram todos assim, tudo queria tudo no detalhe tudo
28		perfeitinho então eu me cuidava muito.
34	SL	Não foi assim aquele encontro maravilhoso porque a gente
35		sonha uma coisa e depois é outra. Então, mas assim aquele
36		sonho que eu tinha realmente com ele eu já tinha deixado assim
37		de ter então pra mim não importava o que ele era importava

38		mesmo era eu conhecer ele, saber daonde eu tinha vindo.
44 45 46 47	SL	Graças a Deus a minha filha ganhou a faculdade na UNIR, vai começar quando eles voltar da greve (risos) quando terminar essa greve né (risos) vai começar de repente se eles vol... só ano que vem, né.
120 121	SL	porque graças a Deus, Jeová, nosso Deus, me ajudou e ajudou também a minha família

d) NOEP 4

Na NOEP 4, a linguagem empregada pela EN mostra-se mais objetiva e direta. Desse modo, a EN consegue manter o turno por mais tempo e atingir a credibilidade necessária para transferir sua experiência.

01 02	SR	Bem, eu vim pra Rondônia, eu tinha onze anos vim acompanhando meus pais.
03 04 05	SL	Eles vieram pra cá porque a minha irmã mais velha se casou veio pra cá aí minha mãe enlouqueceu que teria que vim pra ficar perto da filha né.
06 07	SS	Aí quando chegamos aqui meu pai não gostou muito, era difícil pra ele arrumar emprego tal
08	SL	aí ele começou a ter problema com bebida e
09 10	SS	aí não arrumava emprego porque começava a trabalhar e começava a beber
11 12	SS	e aí a gente começou a ter dificuldades né passar muitas dificuldade.
13 14 15	SL	A Minha mãe com os filhos todos pequeno o mais velho era outro meu irmão era nós dois o mais velho tinha 11 e ele tinha 12 – tinha 13
16	SS	aí nós começamos a trabalhar pra ajudar minha mãe,

Assim, percebemos que foi possível aplicar a estrutura laboviana nas NOEPs coletadas, pois elas apresentam a divisão estrutural e funcional de que tratamos no capítulo I. Nesse modelo aplicado, verificamos que as enunciadoras conseguiram

relatar suas experiências e organizar suas narrativas de forma coesa e coerente, ordenando os eventos à medida que aconteceram como atesta Labov (1997). Com esse *corpus* é possível notar que as ENs, recorrendo às suas memórias individuais, registraram suas experiências garantindo credibilidade e relatabilidade nos eventos narrados, permeando seus pontos de vista e atribuindo elogio e culpa às suas próprias atitudes ou a de outros personagens.

5.0 NOEPs COMPARADAS

Atendendo as estratégias metodológicas organizadas no capítulo III, passaremos a destacar alguns pontos de similaridade e divergência entre as NOEPs, *corpus* desta dissertação.

Na proposta Laboviana, o enfoque é para a coleta de narrativas de experiência pessoal, independentemente do gênero. Nesta dissertação, as informantes são todas do gênero feminino já que o projeto “Mulheres Mil”, em Ji-Paraná, de *per se*, só inclui mulheres. Durante nossas conversas informações ocorridas no decurso do curso, chamou a atenção suas biografias, que incluíam muitos eventos disfóricos e eufóricos, permeados de um cotidiano, muitas vezes, muito dramático. Para nós, e apesar de um *corpus* de análise muito pequeno, suas narrativas tornaram-se muito significativas em relação aos resultados alcançados. Todavia, cabe salientar que, independentemente do gênero, o nosso escopo principal é coletar NOEPs para analisá-las à luz do modelo laboviano.

5.1 Síntese dos eventos eufóricos e disfóricos nas NOEPs

5.1.1 Eufóricos

TEMA	NOEP 1	NOEP 2	NOEP 3	NOEP 4
Casamento				
Nascimento dos filhos				
Participação no Projeto				

5.1.2 Disfóricos

TEMA	NOEP 1	NOEP 2	NOEP 3	NOEP 4
Conflitos e dificuldades familiares				
Assassinato				
Separação				
Abandono				
Migração e dificuldades				

Comparando as NOEPs, destacamos os principais eventos relatados. Nos eufóricos, notamos que as quatro ENs casaram-se e tiveram filhos. As informantes 1, 3 e 4 manifestaram que estão felizes em participar do Projeto “Mulheres Mil”. Quanto aos eventos disfóricos, as quatro passaram por dificuldades e conflitos familiares, ora com o esposo, ora com os parentes, conforme explícito no *corpus* (capítulo IV). As informantes 1, 2 e 4 perderam algum de seus familiares assassinado. As informantes 1 e 2 passaram por experiência de separação conjugal. As informantes 1 e 3 foram abandonadas e encontraram outras famílias dispostas a acolhê-las. As informantes 2 e 4 relataram as consequências da migração e as dificuldades pelas quais passaram quando vieram para Rondônia.

Não obstante ser o *corpus* muito pequeno, os dados coletados se mostram bastante significativos haja vista que 75% das entrevistadas vivenciaram assassinatos em suas famílias, 100% experienciaram dificuldades e conflitos familiares. Esses eventos podem ter relação com a questão socioeconômica, porém isso é apenas uma hipótese e caberia uma nova pesquisa para comprovação.

Além disso, a partir dos relatos das informantes, mulheres integrantes do Projeto “Mulheres Mil”, e de conversas informais, observamos que elas vêm essa oportunidade como uma forma de compensação, já que suas vidas são marcadas por situações de sofrimento, tristeza, que carregam uma carga dramática muito expressiva. Mesmo que os dados coletados formalmente sejam apenas de quatro informantes, os contatos informais que tivemos com as demais participantes do projeto (vinte alunas matriculadas) demonstram que essa realidade faz parte do universo de todas elas.

6.0 NARRATIVAS ORAIS DE EXPERIÊNCIA PESSOAL: RETRATOS DO COTIDIANO

A nossa memória pode ser ativada a qualquer momento, a fim de registrar e resgatar lembranças. A partir das experiências vividas pelas mulheres participantes desta pesquisa, notamos uma relação de semelhança entre suas narrativas, pois as integrantes do Projeto “Mulheres Mil” têm suas vidas marcadas por histórias de sofrimento, dor, morte e desestruturação social. Ao narrarem suas biografias, os recortes mnemônicos descritos evidenciam que na memória individual, há “fatos que se repetem entre vários indivíduos que participam da mesma comunidade de interlocução geradora desses mesmos fatos memorizados” (FERREIRA NETTO, 2008, p. 31).

Recorrendo à memória autobiográfica, as ENs relataram suas histórias. Assim, a incidência dos mesmos eventos mostrou que os retratos do cotidiano estão presentes nas experiências compartilhadas, evidenciando todas as mazelas sociais a que estão expostos os indivíduos diariamente.

Na pesquisa que realizamos, todas as informantes, na coleta de dados, recorrem à memória explícita para construir suas narrativas (conforme conceituamos no capítulo II). Após a apresentação da nossa questão disparadora: “Conte-me uma experiência de vida”, elas recorreram às suas memórias individuais para exteriorizar suas lembranças por meio de narrativas orais. Protagonistas de suas narrativas, recorrem às suas memórias individuais, pois é nelas que encontram os arquivos mentais de suas experiências. Mas, ao relatarem essas experiências, revelam, inconscientemente, um universo coletivo muito semelhante vivido por muitas outras tantas mulheres do seu entorno e do seu tempo. Assim, a apresentação dos fatos não é uma mera descrição de eventos, mas está permeada por suas avaliações emocionais.

A memória coletiva subjaz à individual. A esse respeito, Ferreira Netto (2008, p. 31) assevera que “a memória coletiva atua, portanto, como um conjunto de referências interpessoais que estabelece a unidade do grupo portador dessas mesmas referências”.

Nas NOEPs que fazem parte do *corpus* desta dissertação, verificamos que as enunciativas se apropriaram de elementos da memória coletiva e de aspectos

sociais para recuperarem, por meio da memória individual, suas experiências de vida; e, dessa forma, as narrarem de forma ordenada. Nesse sentido, salientamos que nessa sucessão de imagens e pensamentos organizados, a partir do coletivo, cada uma tem sua própria história. A esse respeito Halbwachs (2006, p. 78-79) afirma “ Nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida”.

Nessa relação entre memória e narração pessoal, Candau (2012, p. 71) observa que

O narrador parece colocar em ordem e tornar coerente os acontecimentos de sua vida que julga significativos no momento mesmo da narrativa: restituições, ajustes, invenções, modificações, simplificações, sublimações, esquematizações, esquecimentos, censuras, resistências, não ditos, recusas, ‘vida sonhada’, ancoragens, interpretações, e reinterpretações que constituem a trama desse ato de memória que é sempre uma excelente ilustração das estratégias identitárias que operam em toda narrativa.

Ele conclui: “todo aquele que recorda domestica o passado e, sobretudo, dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante da identidade” (p. 74). Assim, ao narrar, o enunciador mostra a sua identidade por meio da memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução deste trabalho, apresentamos os objetivos e os caminhos a serem seguidos para alcançá-los. A proposta era responder a questão-problema: as narrativas orais de experiência pessoal, produzidas por mulheres participantes do “Projeto Mulheres Mil”, permitem a análise linguística, a partir da memória individual, tendo como parâmetro o modelo laboviano?

Após a coleta, análise dos dados e o cotejamento com as teorias de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1997), verificamos que as narrativas coletadas apresentam uma ordenação lógica dos eventos e são estruturadas linguisticamente conforme a proposta laboviana, conforme demonstrado quase que exaustivamente no capítulo IV. Além disso, recorrendo à memória individual (HALBWACHS, 2006; CANDAU, 2012), as informantes retratam suas experiências pessoais que são fragmentos da memória coletiva e espelham sua cultura e seu tempo.

Para atender aos objetivos específicos, as NOEPs foram analisadas em dois eixos: o formal e o funcional, como propõe Labov e Waletzky (1967, p. 01). No primeiro, identificamos a organização temporal da narrativa, compreendendo as sentenças sequenciais, livres, restritivas e presas. E em seguida, descrevemos a estrutura das narrativas, subdividindo-as em: resumo, orientação, complicação /resolução e coda. No segundo, descrevemos as sete categorias: avaliação, relatabilidade, credibilidade, causalidade, atribuição de elogio e culpa, ponto de vista e objetividade.

Quanto à organização temporal, as quatro NOEPs são formadas por sentenças restritivas, sequenciais e livres (conforme *corpus* no capítulo IV). Em todas as NOEPs a primeira e a última sentença são restritivas. A NOEP 1 apresenta 22 SS e 13 SL. A NOEP 2, 17 SS e 12 SL. A NOEP 3, 30 SS e 28 SL. A NOEP 4, 17 SS e 11 SL.

O modelo apresentado por Labov (1997) em seu ensaio é de uma narrativa de catorze linhas (conforme ilustramos no item 1.5); o exemplo dado por ele difere das NOEPs desta dissertação que se apresentam bastante extensas. Por isso, em alguns momentos tivemos dificuldades para classificar e analisar as partes estruturais e funcionais nas narrativas. Dessa forma, cabe fazermos algumas considerações: na parte chamada “Orientação”, as NOEPs não apresentam apenas

sentenças livres, como sugere Labov (1997), e no item “Avaliação” nem todas as sentenças avaliadoras destacadas, na análise, são livres, em razão do motivo exposto, pois se fôssemos classificá-las, conforme Labov (1997) propôs, ficaria comprometida a junção temporal.

Quanto ao eixo estrutural, concluímos que as quatro NOEPs apresentam resumo; orientação, complicação/resolução e coda. Neste trabalho, a orientação foi apresentada em blocos temáticos, em razão da extensão das narrativas, por isso é formada por SS e SL. A ação complicadora, que é ponto fundamental para Labov, está presente em todas as NOEPs e foi, também, dividida em blocos temáticos. Mostramos que para cada complicação há uma resolução. Todavia, cada NOEP tem sua idiossincrasia. Por exemplo, na NOEP 1, há três resoluções sendo que uma delas encerra todos os eventos. Na NOEP 2, temos cinco resoluções; na NOEP 3 são quatro resoluções. Na NOEP 4 só há uma resolução. E, em relação ao eixo estrutural, observamos que apesar das NOEPs conterem vários eventos complicadores, cada uma delas, entretanto, encerra em uma única coda. Nas NOEPs 2 e 4, a coda coincide com o desfecho.

Quanto ao eixo funcional, a categoria “Avaliação” pode ser percebida por meio do consentimento das ENs em revelar suas experiências pessoais (atitude das enunciantoras-narradoras) e do uso de ênfases, repetições, negativas, uso de verbos no modo *realis*.

Na categoria “relatabilidade”, percebemos que todas as NOEPs contêm vários eventos relatáveis. Os enredos não deixam dúvidas de que se trata dos eventos mais relevantes da biografia das ENs e elas utilizam o turno quase de forma absoluta sequenciando a ordem cronológica dos eventos.

Na categoria “credibilidade”, observamos que ela se manifesta por meio da veemência com que os eventos são relatados, a seriedade das informantes, permeada por atitudes de choro (NOEP 1) e riso da própria situação (NOEP 2).

A categoria “causalidade” ocorre do começo ao fim da narrativa, ou seja, as ENs escolhem o ponto mais relatável e organizam as causas e as consequências até responder a questão disparadora “Conte-me uma experiência de vida”.

Quanto à “atribuição do elogio/culpa”, observamos a posição assumida pelas ENs e, recorrem a questões ideológicas mesmo que involuntariamente (LABOV,

1997, p.10). Esses aspectos ideológicos, presentes nas quatro NOEPs, apresentam julgamentos morais e trabalham a dualidade bem e mal.

Na categoria “ponto de vista”, notamos que os eventos são relatados à medida que aconteceram e são vistos unicamente pelo olhar do narrador, como atesta Labov (1997, p. 11).

E quanto à objetividade, todas as NOEPs apresentam essa categoria. Entretanto as NOEPs 2 e 4 são ainda mais objetivas. Por outro lado, as NOEPs 1 e 3 são mais subjetivas, porém não comprometem a verossimilhança dos fatos narrados, pois os eventos subjetivos servem para dar mais credibilidade, uma vez que se trata da própria experiência da narradora, confirmando o Paradoxo de que fala Labov (1997, p.13).

Enfim, seguindo a proposta dos eixos formal e funcional, percebemos que na proposta de Labov, o EN inicia sua narrativa selecionando o evento que vai desenvolver, respondendo “Como isso aconteceu?” (causalidade); para garantir a audiência e o turno deve escolher um evento atrativo (relatabilidade) e organizar as ideias, expressando-as de forma mais objetiva possível (objetividade), transparecendo que é um fato crível (credibilidade), e para comprovar a credibilidade ele deverá apresentar a (avaliação) dos fatos, o (ponto de vista) e os julgamentos morais (atribuição de elogio e culpa) esses elementos “subjetivos” permitem que a narrativa seja detalhada mantendo a cronologia original dos fatos e permitindo que o EN permaneça com o turno por mais tempo. E tudo isso o EN estrutura com o que Labov chamou de: resumo, orientação, ação complicadora/resolução e coda, entretanto ele mesmo comenta que o essencial é apenas a complicação. E nesta é possível atribuir as categorias do eixo funcional. Essa é, então, a proposta de Labov para a narrativa oral de experiência pessoal.

Desse modo, esses foram os passos seguidos por nós para a análise do *corpus* e podemos verificar que é possível adotar o modelo de análise linguística proposto por Labov (1997), pois ele permite que as pessoas, ao narrarem suas experiências, exponham suas lembranças e, mesmo que inconscientemente, revelem traços de uma memória coletiva e social. As NOEPs coletadas demonstram os retratos do cotidiano, na atualidade, ou seja, relações amorosas com seus momentos de brigas, separação e reconciliação, casos de assassinatos nas famílias, abandono por parte dos pais, conflitos familiares, dificuldades financeiras, migrações

em busca de melhoria, trabalho infantil, mas também, há momentos de alegria e superação. E mesmo que as informantes tenham vivenciado mais eventos disfóricos do que eufóricos, elas, hoje, demonstram estar realizadas e felizes.

Por último, por se tratar de um estudo essencialmente hermenêutico, as considerações aqui apresentadas têm caráter especulativo. De todo modo, o estudo das NOEPs dessas quatro informantes, alunas do projeto “Mulheres Mil”, em Ji-Paraná, sob o prisma laboviano, permite resgatar, ainda que parcialmente, fragmentos de suas memórias individuais que refletem, em parte, a memória coletiva de toda uma comunidade e de uma geração de mulheres do interior do Estado de Rondônia. Seus relatos revelam, em essência, como a vida é de fato nesse ambiente em que vivem, ou seja, permeada de euforias, mas também de muitos momentos disfóricos e dramáticos. Assim, o modelo laboviano permite que o enunciador exponha suas experiências organizando-as estruturalmente e funcionalmente. Por outro lado, nesta proposta pode haver controvérsias e contradições, porém isso será motivo para o começo de pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland [et.al]. *Análise estrutural da narrativa*. Trad. de Maria Zélia Barbosa Pinto. 7. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.
- BRUNER, Jerome. *A construção narrativa da realidade*. Critical Inquiry. Trad. Waldemar Ferreira Netto, 1991.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. Trad. de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.
- FERREIRA NETTO, Waldemar. *Tradição oral e produção de narrativas*. São Paulo: Paulistana, 2008.
- FLANNERY, Mércia Regina de Santana. *Reflexões sobre as abordagens linguísticas para o estudo da narrativa oral*. Letras de hoje, Porto Alegre, v. 46, n.1, p.112-119, jan/mar. 2011.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GREIMAS, A. J. *Sémantique structurale*. Paris: Larousse, 1966.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HANKE, M. Narrativas orais: formas e funções. *Contracampo*, v. 9 n. 0, 2003, p. 117-126.
- LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington D. C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, William. *Language in the Inner City*. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William; WALETZKY, Joshua. *Narrative analysis*. In J. Helm (ed.). *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.
- LABOV, William. Some further steps in narrative analysis. *The Journal of Narrative and Life History*. V. 7 n.1-4, 1997.
- LABOV, William. *Alguns passos iniciais na análise da narrativa*. The Journal of Narrative and Life History. Trad. de Ferreira Netto. Volume 7. 1997.
- LE GOFF, Jacques. *A história nova*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LINTON, Ralph. *O homem*. Uma introdução à antropologia. Tradução Lavínia Vilela. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à Sociolinguística*. O tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SACKS, Harvey. *Lectures on Conversation*. Volume I and II. Edited by Gail Jefferson. Cambridge: Blackwell, 1992.

SEVERO, Cristine Gorski. *O estudo da linguagem em seu contexto social: um diálogo entre Bakhtin e Labov*. Revista Delta, 2009.

SILVA, Daniel Marra da. *Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov*. 2009, 140 p. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras Universidade Federal de Goiás, Goiás.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

VANSINA, J. *La tradición oral*. Barcelona: Labor, 1968.

VEGINI, Valdir. *Alguns passos iniciais na análise da narrativa*. Síntese elaborada para atividades de sala de aula, 2012. (manuscrito)

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ACHARD, Pierre (et.al). *Papel da memória*. 3. ed. Campinas-SP: Pontes, 2010.

ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. In: F. Mussalim & A. C. Bentes (orgs.) *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, vol 1. São Paulo: Cortez, 2001.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

_____, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. BAGNO, Marcos. *A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística*.

BEZERRA, Antônia Pereira. *Alteridade, memória e narrativa*. Construções dramáticas. São Paulo: Perspectiva (CNPQ), 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CALVET, L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. De Marcos Bagno. São Paulo: Editoria, 2002.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa Narrativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. *Guia do trabalho científico: do projeto à dissertação final*. São Paulo: Contexto, 2011.

FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à Linguística*. I. Objetos teóricos. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

LABOV, William. *Speech actions and reactions in personal narrative*. In D. Tannen (ed.), *Analyzing Discourse: Text and Talk*. Georgetown University Round Table. Washington, DC: Georgetown University Press, 1981. p. 217-247.

TODOROV, T. *Poética da prosa*. Tradução de M. de S. Cruz. Lisboa: Edições 70, 1971.

VANSINA, J. *A tradição oral e sua metodologia*. São Paulo: Ática, 1982.

VEGINI, Valdir. *Dicas em tópicos*. Joinville: Joinville, 2003, 49p.

VEGINI, Valdir. *Reflexos de mudanças sociais em narrativas orais amazônicas*. Revista Pesquisa & Criação (online), v. 10, p. 75-88, 2012.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008

ANEXOS

ANEXO A – RECORTES DO PROJETO MULHERES MIL

O Programa Nacional Mulheres Mil -Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável foi instituído pela Portaria Nº 1.015, DE 21 DE JULHO DE 2011, e está inserido no Plano Brasil sem Miséria e integra um conjunto de ações que consolidam as políticas públicas e diretrizes governamentais de inclusão educacional, social e produtiva de mulheres em situação de vulnerabilidade.

O Projeto Mulheres Mil permite que moradoras de comunidades com baixo índice de desenvolvimento humano, tenham uma formação educacional, profissional e tecnológica, que permita sua elevação de escolaridade, emancipação e acesso ao mundo do trabalho, por meio do estímulo ao empreendedorismo, às formas associativas solidárias e à empregabilidade.

O Programa é decorrente da Cooperação Internacional Brasil-Canadá – Promoção de Intercâmbio de Conhecimento para Promoção da Equidade (PIPE). Iniciada em abril de 2007, as ações tiveram como financiadores e executores, por parte do Brasil, a Agência Brasileira de Cooperação (ABC), o Ministério da Educação, representado pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, a Rede Norte-Nordeste de Educação Tecnológica; por parte do Canadá, a Association of Canadian Community Colleges (ACCC), a Canadian International Development Agency (CIDA) e os Colleges Canadenses. No desenvolvimento das ações, contou com o Conselho das Instituições Federais de Educação Tecnológica (CONIF) e com os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia de 13 estados das regiões Norte e Nordeste. As beneficiárias tinham entre 18 e 60 anos, apresentavam quadro de total exclusão social, educacional e econômica. Possuíam perfil de baixo nível de escolarização, dificuldade de aprendizagem, pobreza acentuada e baixa autoestima. Os trabalhos foram voltados para a construção de metodologias, ferramentas, técnicas e currículos que promovessem o acesso, permanência e êxito das beneficiárias nos processos educacionais, de formação e inserção no mundo do trabalho.

O Sistema de Acesso, Permanência e Êxito implantado nos 13 Institutos Federais, em parceria com a Associação das Faculdades Comunitárias Canadenses (ACCC), foi concebido e estruturado a partir dos conhecimentos desenvolvidos pelos Community Colleges canadenses em suas experiências de promoção da equidade, de atendimento às populações desfavorecidas e do desenvolvimento e aplicação do Sistema de Avaliação e Reconhecimento de Aprendizagem Prévia (ARAP).

No caso brasileiro, o Sistema foi adaptado a nossa realidade e teve seu escopo ampliado, prevendo a sistematização de um plano educacional que possibilita a elevação da escolaridade com cursos de formação profissional na modalidade de educação de jovens e adultos, integrados ao Ensino Fundamental e/ou ao Médio. O impacto esperado e alcançado foi o de que a formação contribuísse para que essas populações desenvolvessem sua autonomia e exercessem, de forma plena, sua cidadania.

O sistema contempla o reconhecimento de aprendizagens adquiridas ao longo da vida e um serviço de aconselhamento e atendimento às demandas das mulheres, por meio de equipe multidisciplinar capacitada para encaminhar o alunado não-tradicional e desfavorecido para o desenvolvimento de programas personalizados. No itinerário formativo, estão previstas ações para o

desenvolvimento de habilidades empreendedoras e de empregabilidade e, conseqüentemente, para o acesso ao mundo do trabalho. O Sistema na sua adequação contempla a criação do Observatório do Mulheres Mil que possibilitará o acompanhamento, monitoramento e avaliação contínua dos resultados e impactos gerados nas mulheres, nas famílias e nas comunidades.

As narrativas orais das mulheres participantes refletem que houve uma transformação substantiva na vida pessoal e familiar, como sujeitos da sua própria história. Há casos em que os filhos voltaram a estudar porque querem seguir o exemplo da mãe; outras garantem a renda familiar com a própria produção etc. Os primeiros resultados de sucesso já apontavam para o caminho da institucionalização da experiência como política pública inovadora, na qual a educação e a formação profissional e tecnológica se consolidam como instrumento para a inclusão social, a equidade e o desenvolvimento sustentável de comunidades.

O Programa Nacional Mulheres Mil é uma proposta de aliar a educação ao trabalho, visando à diminuição de problemas sociais em comunidades com baixo índice de desenvolvimento humano. Enquanto ação nacional, essa iniciativa aportará contribuições significativas no Plano Brasil sem Miséria do atual Governo Federal.

Não obstante, o Programa promoverá a ampliação da formação de jovens e adultos que possam atender à atual demanda da economia brasileira, que carece de trabalhadores para atuar nos seus mais diversos setores.

A opção pelo recorte de gênero dá-se pelo crescente número de mulheres que ampliam o seu papel na sociedade e em suas comunidades, assumindo a chefia das suas famílias, e que são responsáveis não só pelo sustento financeiro das suas residências, mas também pelo desenvolvimento cultural, social e educacional dos seus filhos e demais membros da família, fato que repercute nas futuras gerações e no desenvolvimento igualitário e justo do País.

Diante do contexto, o Programa Nacional Mulheres Mil deve abranger a população feminina na faixa etária acima de 18 anos, que busca oportunidades de acesso às ações educacionais e à inclusão e permanência no mundo do trabalho, tendo como ponto central a identificação, reconhecimento e valorização da diversidade e dos saberes acumulados em cada uma de suas etapas de vida.

Nas 13 experiências implantadas no Norte e Nordeste, detectaram-se peculiaridades referentes às moradoras da área rural e urbana na faixa etária entre 30 e 60 anos. Essa parcela da população sofreu um processo de exclusão educacional e social e encontra-se hoje à margem dos direitos. As moradoras da área rural, por falta de escola no campo e pela necessidade de trabalhar na infância, não tiveram oportunidades de estudar. Em função disso, a maior parte é analfabeta.

Em relação às moradoras da área urbana, muitas fazem parte das estatísticas de brasileiros que migraram do campo para a cidade entre as décadas de 60 e 80 e, junto com as suas famílias, foram habitar as periferias e as áreas de risco dos grandes centros urbanos. Entre essas, a maior parte, também pela necessidade de contribuir com o sustento da família, não teve condições de acesso à escola e apresenta baixos índices de escolaridade.

Os resultados obtidos nas 13 experiências demonstram a importância de implantar políticas educacionais com recorte de gênero. Segundo as narrativas orais das alunas, detectou-se que o acesso à formação educacional e profissional contribuiu para mudanças na vida dessas mulheres em diversos

aspectos, desde a inserção de egressas no mundo do trabalho, nas relações familiares, na melhoria do desempenho dos seus filhos na escola, visto que elas passaram a auxiliá-los e incentivá-los nos estudos. Além disso, elas conquistaram respeito dos seus cônjuges e companheiros, reduzindo a violência doméstica, assim como assumiram o papel de multiplicadoras de conhecimentos nas suas comunidades, incentivando e mobilizando outras mulheres a seguir a mesma trajetória.

Diante dos impactos positivos apresentados pelas experiências do Norte e Nordeste e da necessidade de atendimento à demanda do alunado não tradicional, é fundamental dar continuidade a esta ação, consolidando planos educacionais que integrem aspectos do ensino propedêutico, a profissionalização e o domínio das tecnologias, devendo-se prever a elevação de escolaridade e o resgate da autoestima. Para tanto, que sejam contemplados, em seus cursos, projetos, oficinas e práticas temáticas como: cidadania, direitos da mulher, saúde, meio ambiente, relações interpessoais, inclusão digital etc.

Essa formação é inovadora porque é criada de acordo com a identificação da experiência não-formal adquirida pela mulher ao longo da vida e de acordo com os seus anseios pessoais e profissionais, construindo-se um itinerário formativo personalizado. Dessa forma contribui para a ampliação do alcance da educação de jovens e adultos, visando à elevação de escolaridade de suas beneficiárias. Como integra a educação regular com a formação profissional, torna-se atrativo porque a aluna vislumbra a possibilidade de ingresso no mundo do trabalho.

Em síntese, o Programa pretende ampliar o atendimento, garantindo o direito à educação, oportunidade de melhoria de renda por meio do acesso ao trabalho decente. Assim, contribuirá para reduzir os índices de miséria e pobreza, para elevar os níveis educacionais e impulsionar o desenvolvimento econômico e social do País, com mais equidade e justiça social.

A metodologia do Sistema de Acesso, Permanência e Êxito do Mulheres Mil é o instrumento facilitador no processo de implantação e implementação de programas, projetos e ações que contemple o acolhimento, a educação, a qualificação e formação profissional e tecnológica, a estruturação de empreendimentos, o acesso ao mundo do trabalho, o desenvolvimento sustentável de comunidades e de pessoas desfavorecidas e não tradicionais.

Portanto, o acesso às instituições integrantes do Mulheres Mil passa a ser concebido como um instrumento de inclusão, promotor de permanência no ambiente das instituições e no mundo do trabalho, com êxito e sustentabilidade, dada a mudança de concepção de acesso meritocrático e seletivo para um acesso inclusivo e afirmativo.

Não obstante, esta concepção de acesso inclusivo que reconhece e valoriza os saberes construídos na comunidade traz não só para os Institutos mas para toda a instituição que esteja incluída no Programa Mulheres Mil uma oportunidade extraordinária de estabelecer um diálogo com as diversidades, integrando o conhecimento acadêmico ao itinerário formativo dessas mulheres e das populações não tradicionais. <http://portal.mec.gov.br>

APÊNDICES

APÊNDICE A- VERSÃO ORIGINAL DA NOEP 1

	NOEP 1
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48	<p>Bom, eu me chamo Maria eu tenho 22 anos a história que me conta que geralmente a minha contava e que agora não há mais necessidade é que com dois anos de idade eu fui adotada minha mãe era separada do meu pai tinha quatro filhos contando comigo e todos os meus irmãos ficaram com os parentes menos eu a minha madrasta não gostava de mim enfim... ela me deixou na rua a mercê e a irmã da minha mãe que eu moro hoje atual me encontrou na rua. Diz ela que eu tava suja com o cabelo sujo cheia de piolho com as feridas nas perna e ela resolveu adotar só que ao ver a minha mãe de hoje eu agarrei nas pernas dela e fiquei... a família da minha mãe não me aceitou mas ela foi tentando convencer com um jeitinho dela que ela tem um jeitinho incrível e fiquei e.. tenho da minha mãe que se chama Lindalva tem três filhos dela e tinha a Gisele que faleceu era adotiva também e eu.</p> <p>Quando eu tinha dezesseis anos eu engravidei tinha um namorado na época que engravidei, nós brigamos e separamos aí eu não quis aceitar a real.. a gestação ele aceitou melhor do que eu e decidimos voltar voltamos e fomos morar junto na casa da minha mãe. Aos dezessete anos tive meu filho Rafael quando ele completou nove meses eu arranjei meu primeiro emprego foi numa loja como vendedora. Passando-se uns quinze dias eu tive a noticia de que a minha faleceu ela morava no Mirante (pausa) deram oito facadas nelas (chorando) eu fico muito triste (chorando) porque quando ela morreu eu não tive a oportunidade de pedir perdão a ela (chorando) ela morreu com 25 anos de idade (expressões faciais das ouvintes indicavam comoção); hoje faz ... em novembro faz cinco anos que ela faleceu ... às vezes ainda dói muito (choro) porque apesar das brigas ela era minha irmã (pausa) (expressões das ouvintes, olhando fixamente para a EN, com sentimento de piedade) mas enfim continuei trabalhando fiquei um período curto eee... Rafael quando completou quatro anos de idade eu fiquei grávida novamente esperando a Samanta. Sempre tive muita briga com o meu parceiro mas a gente sempre se entendendo e tive a Samanta. Samanta quando completou oito meses eu fiquei grávida novamente esperando a Magali as dificuldades ia aparecendo as confusão entre família vinha (chorando) eee não tinha como a gente segurar era inevitável e relação estressante (chorando) eu via a minha mãe depressiva sem poder fazer nada foi aonde que quando eu tava grávida esperando a Samanta minha filha do meio decidi ser manicure para poder ajudar na renda. Graças a Deus eu gosto do que eu faço ganho com o que eu faço e consigo ter uma vida digna, tento dar o melhor para os meus filhos moro com ela continuo casada sou casada há nove anos meus filhos são lindos são bem saudáveis tenho uma relação ca minha mãe e meus irmãos super bem ee eu pensava assim como é que eu vou fazer pra minha mãe sair dessa depressão pra minha mae superar a dor que é éee impossível a gente não segurar. Graças ao projeto do Mulheres Mil onde eu (hesitando) estou estudando pelas colega pela escola teve um projeto do PRONATEC onde ela está num curso de Viveiricultor que é o sonho dela mexer com terra com flores eu vejo minha mãe com autoestima lá em cima, mais magra e a nossa relação cada dia mais melhorando, graças a Deus, e eu fico muito feliz, uma ajuda a outra. meus filhos, minha família é tudo na minha vida. Tenho sonhos de concluir o curso e de abrir meu cur.. de abrir meu salão, de ter minha casa como todo mundo gosta de ter. tenho um ... meu esposo e eu temos um carro e estamos pagando um terreno e eu creio assim se você tiver força de vontade e querer você vence, pois as dificuldade vem mas vem pra você superá-las e é isso cada dia mais eu aprendo coisas novas pessoas boas e a minha história é essa. Assim... eu me considero feliz o que eu puder fazer de diferente algo novo eu faço eu só meio assim maluquinha de aventura adoro fazer esses tipo de coisa mas sempre dentro do meu limite é isso que eu tenho pra contar.</p> <p>Mudança de turno: a sua mãe é a sua mãe....</p> <p>Informante: não ... a minha que eu moro</p> <p>Mudança de turno: A Lindalva é a sua mãe..</p>

49	Informante: é a minha adotiva. Mas eu conheço os meus pais legítimo tanto a mãe como o pai,
50	os meus irmãos, meus parentes de sangue tudo, mas não é a mesma coisa. Não é o mesmo
51	amor, o mesmo afeto. Não tenho raiva não tenho ódio, eu só lamento porque poderia estar
52	unido, mas graças a essa diferença a esse obstáculo que tem na minha vida que fez o
53	diferencial pra mim eu vejo os meus irmãos e me coloco se eu não tivesse com a minha mãe
54	que eu tenho hoje o que seria de mim? porque minha mãe me ensinou a ter respeito minha
55	mãe me ensinou o que é certo e o que é errado, ser honesta, ter amor. Então, eu vejo muito
56	assim desavença na minha família legítima vejo assim muita bagunça então eu tenho muito o
57	que agradecer a Deus e a ela pelo diferencial que ela fez na minha vida não tenho porque
58	mágoa as vezes eu fico triste por não tá junto, mas fora isso.
59	Turno: é parecida com a sua história da Mariana. A questão da família
60	Então, família pra mim é igual a Mariana diz é eu, meu esposo, meus filhos, minha mãe e meus
61	irmão. Tia, esses parente eu cumprimento...

APÊNDICE B – VERSÃO ORIGINAL DA NOEP 2

	NOEP 2
1	Bom, eu vim do Mato Grosso né tem 12 - 13 anos porque eu perdi meu pai eu tava com 18
2	anos ele morreu matado ee ai nós ficamos muito revoltado aí meu irmão começou a beber ele
3	tinha 16 anos e aí antes o cara ficou superamigo disse que era amigo do meu pai ficou solto né
4	e morava perto da casa da gente eee volto com 48 horas e adevogado e ficou solto e o meu
5	irmão queria fazer alguma coisa né até a gente ficou revoltado com isso e aí a minha com
6	medo que acontecesse o pior achou melhor vir embora pra Rondônia. Aí viemos embora pra
7	Rondônia, chegou aqui passamos muitas dificuldades né, morando de aluguel nós trabalhando
8	pra ajudar a minha mãe e a minha mãe assim ela criou a gente assim - eu e minha mãe sempre
9	fomos muito amigas eu nunca escondi nada dela eu sempre fui uma filha eu nunca pensei em
10	namorar nunca dei trabalho pros meus pais sobre namoro porque eu não gostava eu gostava
11	muito de sair, dançar me divertir aí conheci quando chegou aqui conheci um rapaz e me perdi
12	com ele e minha me expulsou de casa fez eu ir morar com ele na marra né eee morei três mês
13	com ele não deu certo aí eu saí da casa dele minha mãe não conversava comigo aí eu fiquei
14	correndo trecho mora aqui mora ali sofri bastante aí uns dois anos aí quando minha mãe me
15	perdoou eu voltei pra casa aí eu trabalhava no salão e salão tem hora de entrar e não tem hora
16	de sair eeee a minha mãe e o meu irmão esse um que bebia ele pegava e não deixava eu entrar
17	dentro de casa ele falava que tava biscatiando, que eu tava andando a toa, que eu tava
18	trabalhando não era nada, que aquilo não era hora de chegar em casa, aí eu dormia pelas casa
19	dos vizinho, (RSRSRS) dormia na rua ee aí foi quando eu conheci o pai do meus filhos né a
20	gente namoro 27 dias eu nem conhecia ele direito e aí fomo morar junto vivemo junto 11
21	anos aí nos separamo tenho 2 filhos a Luana tem 11 e o Diogo tem 9 ee é aí tem 2 anos 3
22	meses que somos separado e eu luto pra criar meus filho ele não me ajuda muito e tô aí ee ele
23	veio enchendo o saco querendo voltar tudo pensei em dar uma chance pra ele mas eu vi que
24	ele não mudou nada não vi mudança peguei mandei ele embora de volta ee tô bem, tô
25	vivendo com meus dois filho, quero vencer e lutar e criar meus filhos.

APÊNDICE C – VERSÃO ORIGINAL NOEP 3

	NOEP 3
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48	<p>Eu me chamo Antônia né, tenho 37 anos, então vou falar um pouquinho da minha vida assim meio que resumindo ela. Eéé'... eu fui abandonada pelo meu pai antes de nascer. Minha mãe tava grávida de mim aos seis meses então ele abandonou nós duas e foi embora ee... então a vida da minha mãe foi muito com bastante dificuldade. Éé... Arrumou outro marido também não deu certo ee eu fui vivendo com ela vivi com ela assim e entre viver com ela e com a minha tia vivi até os onze anos de idade por causa de um padrasto que ela arrumou e então eu não conseguia me adaptar com esse padrasto aí fui morar com uma família essa família me deu apoio, me deu tudo o que eu acho que uma pessoa precisa, assim em relação de família. Não foi fácil porque a gente sabe que até mesmo com a família da gente às vezes não é fácil de conviver imagina com família diferente então não foi muito fácil, mas mesmo assim eu amo muito essa família eu gosto muito deles eu sempre falo que eu tenho duas mãe e dois pai. Eu falo que sou rica de mãe e rica de pai. Então, éé.. depois eu encontrei meu pai, mas isso já foi muito tempo depois. Ee aos dezenove anos eu casei. Eu encontrei um rapaz então a gente namoro, casou, tudo bonitinho por causa que coisa eu mais tinha medo na vida era de decepcionar essa mãe adotiva. Então eles eram todos assim, tudo queria tudo no detalhe tudo perfeitinho então eu me cuidava muito. Então saí casada tudo bonitinho de casa depois que eu já tinha me casado já tinhaaa... (pausa) que eu conheci meu pai com 27 anos casei com 19 então tinha 8 anos que tinha casado então fui a procura de meu pai porque aí já tinha condições de procurar ele, aí eu encontrei ele. Não foi assim aquele encontro maravilhoso porque a gente sonha uma coisa e depois é outra. Então, mas assim aquele sonho que eu tinha realmente com ele eu já tinha deixado assim de ter então pra mim não importava o que ele era importava mesmo era eu conhecer ele saber daonde eu tinha vindo. Conheci foi muito bom conhecer meu pai; Nooosa eu esperavaa mas foi muito bom eu conhecer meu pai.</p> <p>Tenho três filhos né, graças a Deus, todos com saúde, uma menina com dezessete um rapazinho com quatorze e um nenezinho com dois. Graças a Deus a minha filha ganhou a faculdade na UNIR, vai começar quando eles voltar da greve (risos) quando terminar essa greve né (risos) vai começar de repente se eles vol... só ano que vem, né.</p> <p>E assim, nós passamos, no meu casamento eu passei por bastante dificuldade então eu me lembro assim de uma fase na minha vida da minha história do meu casamento assim que teve da minha... da nossa vida que foi assim muito sofrida, muito corrida foi quando nós viemos aqui pra Ji-Paraná, porque nós morava no sítio na casa no sítio do meu sogro e lá a gente trabalhava pro meu sogro, então era muito tinha bastante dificuldade, mas a gente ia levando a vida né. Eu queria estudar continuar estudando né porque lá eu até eee eu trabalhei numa escola cinco anos dando aula, mas eu não pude terminar, não pude continuar por causa que eu tinha que fazer o magistério. Até ganhei o magistério de graça na época, mas não pude fazer porque eu já tinha duas crianças pequena e não tinha como eu vir pra cidade e deixar eles não tinha condição e meu marido não queria vir pra cá então eu tive que pará de trabalhar e aí o que que aconteceu eu peguei e falei pra ele só que quando a nossa filha começar ooo ensino fundamental de qualquer forma a gente pra rua, pra cidade porque lá não tinha. Aí foi aonde que eu pisei o pé firme. quando ela terminou a quarta série eu falei pra ele agora se você quiser você vai se não eu vou com eles, eu falei pra ele. Foi assim uma jogada sabe ... de mestre pra saber ele vinha. Aí foi aonde que ele veio, que também a gente não combinava tanto com os... as minhas cunhadas não era tanto com meu sogro mais minha sogra mas os outro que sempre atrapalha né não é muito bom todo mundo misturado.</p> <p>A gente comprou um terreno construiu uma casa com muita dificuldade eee eu consegui terminar o meu ensino médio. Eu me lembro de uma passagem, professora, que na época que nós viemos nós assim era construindo casa eu trabalhando eu saia de casa 7h da manhã voltava 5 e meia da tarde sete e quinze lá no Urupá, eu saía daqui do Novo Ji-Paraná e ia prum</p>

49 colégio lá no Urupá para poder estudar então era uma vida muito corrida. eu tava ficando
50 doente pra senhora ter ideia eu voltei pra 42 quilos.
51 Turno: Nossa!!!
52 Informante: só pra senhora ter ideia. Então, aí eu chegava em casa assim no meu intervalo do
53 emprego, quando eu chegava em casa é eu não sabia se eu cuidava da casa, se eu cuidava das
54 crianças ou se eu almoçava então foi assim aquela coisa muuuito assim aquele cansaço físico
55 mental eu tava assim no último dos meus estresse. Então, eu sempre lembro de uma passagem
56 que aconteceu que foi assim pra mim, não sei pra vocês se vocês vão entender, mas pra mim
57 foi assim a gota d'água. Eu já tava naquele estresse, naquele estresse, naquele estresse, eu
58 não... na verdade eu não tava dando conta de cuidar nem de mim mesm... Aí, então eu vim pra
59 casa na hora do almoço éee.. não consegui nem almoçar direito aí quando eu voltei eu tava eu
60 tava assim parecia que eu tava pisando até no ar parecia que não era eu. Eu vi saindo de uma
61 casa daquela daquela casa ali é um homem com uma mulher. A mulher já bem de idade ela
62 no colo ela nos braços dele ela só tava o tronquinho. Eu me olhei de cima em baixo e eu me
63 perguntei pra mim, e eu perguntei pra Deus o que que eu tô fazendo da minha vida? Eu parei,
64 professora, e perguntei pra mim aí a primeira coisa que eu fiz professora, na verdade, foi pedir
65 demissão do meu serviço porque eu não suportava eu falei eu vou ter que primeiro colocar a
66 minha em orde pra depois eu começar a procurar serviço e primeiro eu vou ter que fazer isso.
67 Aí foi daí prof. pra cá que eu consegui realmente estudar que eu consegui cuidar da minha
68 família direito, mesmo eu pedindo demissão desse trabalho eu não passei necessidade não
69 passei, porque graças a Deus, Jeová, nosso Deus, me ajudou e ajudou também a minha família
70 e hoje quando eu olho pra trás assim sempre eu lembro dessa fase então eu não gosto hoje de
71 me estressar com coisas, de tumultar muita coisa em cima de mim ééé... porque... e nem gosto
72 de ver as pessoas correndo correndo correndo em busca na verdade do vento porque quando
73 a pessoa corre de mais éé que esquece até do principal que éé.. não dá conta de cuidar do
74 principal que é a gente porque pra gente poder cuidá de outra pessoa primeiro a gente tem
75 que se cuidá igual a senhora, a senhora tá preparando o seu nenê pra vir. É sempre eu falo uma
76 mulher quando tem um nenê por ela passar o período de nove meses ela já vai se fragilizando,
77 quando ela ganha nos primeiros dois meses, são os mais difíceis a senhora vai ver e depois a
78 senhora vai contar, a gente fica muito fraca emocional ééé física...mente a gente tem vontade
79 de cuidar, mas a gente às vezes não dá conta pelo estado que a gente se encontra, então é
80 muito complicado, mas primeiro a gente tem que se sentir bem pra poder cuidar dele, né.
81 Primeira coisa que a gente tem fazer é se sentir bem, então é é essa a minha história. E hoje,
82 graças a Deus, eu me sinto muito realizada eu sempre éé eu nas minhas orações realmente eu
83 agradeço a Deus né, porque eu acho que hoje o que Ele tiver que me dar Ele vai me dar não
84 precisa de eu tá pedindo mais né, porque às vezes a gente pede pede e não agradece, mas hoje
85 o que eu tenho é só de agradecer a Deus, porque eu acho que não preciso mais de tanta coisa
86 a não ser saúde pra continuá cuidando dos meus filhos, mas isso Deus tá me dando. E eu acho
87 assim que a vida não é a gente correr, correr, correr, correr atrás, mas a gente parar pra refletir
88 naquilo que a gente já tem, porque às vezes a gente não tá dando valor naquilo que a gente
89 tem e tá correndo atrás de coisas mais. E graças a Deus, eu tô aqui no Mulheres Mil éé o meu
90 sonho já tá sendo realizado que esse pra mim não digo que é um dos últimos sonhos, porque a
91 gente sempre tem sonho né, professora?
92 Turno: é claro, tem que ter.
93 Mas buscando de forma que a gente não vai se cansar tanto, né, passo a passo, não precisa
94 correr né eu sempre falo a gente não precisa correr porque as vezes a gente corre tanto atrás
95 de algo que poderia ser nem correr tanto só caminhando você já alcança aquilo. Então, hoje
96 pra mim, graças a Deus, eu tô aqui no Mulheres Mil, já construí o meu salão com os cursos
97 que eu tenho já tô ponhando em prática e os que eu vou aprender aqui vai ser melhor ainda
98 pra mim então eu me sinto realizada apesar de tudo.

APÊNDICE D – VERSÃO ORIGINAL NOEP 4

	NOEP 4
1	Eu nunca conversei com um gravador na minha vida né... pode ponha pertinho assim.
2	Bem, eu vim pra Rondônia eu tinha onze anos vim acompanhando meus pais. Eles vieram pra
3	cá porque a minha irmã mais velha se casou veio pra cá aí minha mãe enlouqueceu que teria
4	que vim pra ficar perto da filha né. Aí nós viemos. Aí quando chegamos aqui meu pai não
5	gostou muito, era difícil pra ele arrumar emprego tal aí ele começou a ter problema com
6	bebida eee aí não arrumava emprego porque começava a trabalhar e começava a beber e aí a
7	gente começou a ter dificuldades né passar muitas dificuldade. A Minha mãe com os filhos
8	todos pequeno o mais velho era outro meu irmão era nós dois o mais velho tinha 11 e ele
9	tinha 12 – tinha 13 aí nós começamos a trabalhar pra ajudar minha mãe porque o pai já não
10	trabalhava mais ee aí quando fazia um ano que nós tava aqui o pai faleceu e aí as coisa ficou
11	mais difícil ainda né tinha cinco criança pequena a gente passava muita dificuldade então aí
12	minha mãe ia nos lugares arrumava emprego pra gente naquela época podia né arrumar
13	emprego e colocar os filho lá eu ficava até trinta dias sem vim em casa aí mas não sabia nem
14	quanto eu recebia de salário porque minha mãe ia lá arrumava emprego trabalhava e ela
15	mesma ia lá receber pra ajudar na despesas de casa. aí com dezesseis anos conheci um rapaz
16	namorei com ele dois meses e fui morar junto com ele achando que ia melhorar né de vida
17	(Risos) saí daquele sufoco mas .. aí assim fui feliz né teve lá as dificuldades, tivemos problemas
18	tivemos quatro filhos aí meu casamento durou treze anos teve altos e baixos né quando ee...
19	fiz treze anos que a gente tava casado ele foi assassinado na frente de toda a minha família
20	meus filhos, eu, e aí de lá pra cá eu travei uma luta muito dura pra criar meus filhos né meu
21	filho mais velho tinha treze anos, a minha caçulinha tinha três anos e meio, tenho dois casal,
22	duas moças e dois rapaz. E trabalhei fiquei sozinha lutando pra criar eles até ter idade de
23	trabalhar né hoje tão todos trabalhando. Eu fiquei onze anos sem me casar novamente, isso já
24	tem catorze anos que ele faleceu e aí agora tem dois anos que eu conheci outra pessoa e a
25	gente tá feliz, tá vivendo né. Meus filhos mais velhos casaram e eu tou com as minhas duas
26	moças dentro de casa uma delas trabalha as outra trabalha e estuda as duas eu também
27	trabalho. Terminei meu ensino médio (voz trêmula) e não consegui fazer uma faculdade ainda
28	mas ainda tenho sonho de fazer um dia que é o meu sonho e eu tenho fé em Deus que um dia
29	eu ainda vou fazer e apareceu essa oportunidade aqui da Mulheres Mil e tô aqui e quem sabe
30	daqui eu tire uma profissão né que eu vá gostar, porque até então eu não sei se eu vou usar
31	isso que eu to aprendendo né mas eu espero que sim se eu gostar de repente eu até goste e
32	vou tirar muito proveito disso.

APÊNDICE E – VERSÃO ORIGINAL NOEP 5

	NOEP 5
1	Eu sou a Mariana, pra distinguir quem é quem.
2	Bom o que eu vou contar aqui é uma experiência de vida que talvez quem não passou por isso
3	não tem esse conceito que eu tenho hoje. Eu sempre fui criada com a minha mãe e ela teve
4	vários casamento e eu já grandinha né e eu cresci vendo os casamento dela e eu falava que
5	nunca ia casar que não queria saber disso na minha vida. Vou contar de uma parte pra cá
6	Aí a gente morava então como eu cresci eu e no caso meu irmão mais velho e tinha um outro
7	o mais novinho que foi roubado pelo pai dele; levou pra São Paulo a gente já encontrou tem
8	pouco tempo e era o caçulinha, o bebezinho, era tudo da minha mãe. Então, eu falava eu não
9	quero casar os homem de antigamente traia muito era aquela coisa eu casa nunca na minha
10	vida (risos) mas a gente sempre acha um príncipe (risos da plateia) que tira isso de letra
11	depois tudo bem vira sapo e vai embora (risos da plateia) aí como eu fui criada com a minha
12	mãe a minha mãe me contava as história dela do meu pai eu nunca acreditei eu nunca
13	acreditava que nas historias que ela contava do meu pai, porque eu não tenho nada da minha
14	mãe, o jeito dela, a cor, o cabelo, nada, eu achava que eu era adotada aí tá. Voltando lá aí eu
15	tava com um filho pequeno né que eu casei fiquei dois anos aí tem um menino de onze anos e
16	daí eu casei tip.. fiquei com ele ach...que que tinha recém casado e escapou a gravidez ele
17	não quis e tal então depois a gente separou não deu certo eu era muito novinha tive ele com
18	dezessete anos e dai a gente tava numa situação ruim separada numa cidade nova que é
19	Juína eeee... a minha ouviu no radio era sempre eu por ela e ela por mim e o meu irmão mais
20	velho que no caso a gente era três faleceu ele ele morreu de acidente ele tinha quinze anos
21	eu tinha treze e daí ficou sempre eu e minha mãe minha mãe por mim e eu por ela. E daí
22	minha mãe ouviu na radio um anuncio que tava precisando de gente pra trabalhar na política
23	que era um ano político aí ela falou vai lá fia às vez você consegue aí era assim quando eu não
24	tava trabalhando ela cuidava do nenê quando ela tava eu ficava então a gente se revezava
25	para não deixar ninguém cuida porque dizendo ela que não ia cuidá direito aí tá beleza. Aí eu
26	cheguei na rádio e perguntei na pra recepcionista muito bonita tal a maior radio que tinha lá
27	que era a Educadora acho que tem até hoje daí eu perguntei pra moca ela falou olha já
28	encerrou não precisa de mais ninguém tal aí eu falei tá bom moça obrigada tá e quando eu
29	virei as costas o diretor tava na porta só que assim atrás dela e ouvindo né eu perguntando e
30	tal ele falou moça você quer trabalhar mesmo? vem cá que eu quero conversar com você aí
31	entrei lá na dentro conversei com ele e ele disse você conhece bem a cidade, conhecia nada,
32	eu falei ahaha. Conheço tudo (risos) sei de tudo que tem aí ele falou então a gente tá
33	precisando de gente que conhece pra organizar qual o bairro vai visitar e tal eu falei eu peço
34	ajuda eu se viro eu preciso criar meu filho aí tá peguei fui lá e ele falou beleza você pode
35	começar amanhã falei tranquilo pra mim não importava o salario eu queria né tirar o leite do
36	meu filho mas eu achei pessoas boas que me ajudou bastante também. Aí tá comecei a
37	trabalhar lá, quando acho que foi umas três semanas depois que a gente tava chegando né do
38	dia todo de trabalho que a gente tinha que ir lá falar onde tava e tal aí ele pegou e falou assim
39	e tava um brigueiro entre ele e essa recepcionista ele xingando ela e aquela coisa assim eu
40	achei estranho falei nossa! pessoas estudadas com essa falta de educação mas eu nem tinha
41	terminado o ensino médio aí tá e coisa; tinha uma amiga do meu lado que também chamava
42	Mariana também tinha um filho a gente tinha praticamente o mesmo patamar deee... na
43	situação alí. Aí o que aconteceu: ela falou Mariana acho que secretaria vai sair ele mando ela
44	embora conversa com ele que você tem mais intimidade mas não tinha intimidade era porque
45	ele perguntava ee... acho que ele ficou com dó de mim aí fala pra ele que eu quero trabalhar
46	na recepção não sei o que, aí eu falei eu não tenho tanta intimidade assim e tal aí beleza
47	quando foi no outro dia de manhã ele chamou nós duas lá na dentro sala deu o emprego pra
48	mim disse que eu era muito comunicativa que eu tinha que podia crescer e tal e que ele já

49 conhecia minha história de vida que eu falei que era criada com a minha mae e a situação
50 toda e pra ela ela deu uma tele... uma telemensagem no caso porque ela tinha residência fixa
51 para ela cuidar pra ele no caso. Aí ele falou: Mariana você quer achar seu pai? Eu sempre
52 quis meu sonho é saber o que é ter um pai. Ai ele falou tá a gente vai... Aí uns dois meses
53 depois ele foi e encontrou o meu pai aqui entrou na internet acho meus tios que mora tudo
54 aqui e até a família da minha mae mora aqui e minha mae tava sumida brigada com eles
55 também mora tudo aqui . Aí meu pai foi lá, conheci ele tudo foi emocionante e tal, me
56 ofereceu flores pra mim vir que emprego praa mim não ia faltá que eu ter uma vida de rainha.
57 Aí meu patrão falou: cê quer ir? Eu falei: olha, eu conquistei um trabalho que jamais eu achei
58 que ia conseguir na vida tô numa situação que é só eu e minha mãe minha mãe e eu e ele me
59 ofereceu ter uma família eu preciso saber que que é isso. eu não sei. só que tô dividida. Ele
60 falou: Olha, seu pai pelo que eu conheci é gente boa tal e tal se eu fosse você sei lá se fosse
61 pensa na família eu iria, mas se for pensar no profissional você ficaria porque aqui vou te
62 oferecer isso você pode fazer curso, depois você pode fazer faculdade a gente vai te ensiná na
63 prática ééé.. bem legal também, você vai ganha comissão disso não sei o que, propaganda,
64 você pode até trabalhar ... foi falando pra mim você vai ter como crescer, só se você não
65 quiser. Aí falei: tá, eu vou pensar. Aí Meu pai me ligava direto, meus tio que é tudo empresário
66 aqui aí eu falei: acho que eu não vou fica desempregada lá, né, tranquilo. Vou pra Rondonia.
67 (risos) Preciso de novos horizontes e vim, no caso tem dez anos que eu tô aqui completo. aí
68 cheguei aqui tranquilo, fui pra casa do meu pai que mora num sítio ali em Teixerópolis aí acho
69 que um mês depois meu pai começou já a perguntar quem poderia arrumar serviço e tal né aí
70 a primeira porta que ele foi que foi um dos meus tios que tem ate uma empresa aqui em Ouro
71 Preto né uma gráfica a maior que tem ali, ele faz bingo aqui e tudo, acho que muita gente
72 deve conhece ele, ele falou não vou pega ela porque ela não tem experiência; aí só que eu fui
73 saber disso né acho que um ano depois, aí perguntou pros meus outro tios de Porto Velho que
74 tem mercado o outro é responsável pela coca-cola então são tudo gente da alta né; ninguém
75 abriu porta pra mim da minha família que quis ser minha família né que me ligava direto
76 falando pra mim vir aí eu corri atrás e falei mae eu vou voltar embora porque lá as porta pra
77 mim tá aberta; a mae falou: espera um pouco e tal, vamo trabalha aqui juntar o dinheiro e
78 depois a gente vai embora. Aí achei um outro príncipe que não virou sapo até hoje, graças a
79 Deus, (risos) aí hoje eu to casada já vai fazer 10 anos também já tem 9 anos que eu to com ele
80 um ano depois a gente tá junto eu não queria casar nem ele e aí a gente foi se enroscando e
81 se enroscando e tamo aí até hoje e a gente fala até hoje que a gente não é casado mas a gente
82 já casou já ta tudo legalizado e tal tem uma bebê de 3 anos que é a minha a rainha da casa a
83 princesa. e a experiência que eu tive de vida é que família pra mim é quem eu escolho quem
84 eu acho que deve merecer o meu carinho o meu respeito família pra mim não é sangue e essa
85 é a experiência que eu tive que talvez alguém não teve e não sabe o que pra mim minha
86 família eu escolho a dedo.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado informante:

Este é um convite para você participar da pesquisa denominada: “Narrativas orais e memória feminina” sob a responsabilidade dos pesquisadores Regiani Leal Dalla Martha e Prof. Dr. Valdir Vegini, para integralizar a pesquisa de dissertação do Mestrado da pesquisadora.

- a) Condições de sua participação: sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando sua permissão para participação, sem que isso traga nenhum prejuízo para você; a par disso, a qualquer momento do desenvolvimento da pesquisa você terá o direito de obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados e as formas de divulgação dos resultados encontrados. Você poderá fazer isso diretamente com a pesquisadora, quer pessoalmente quer por telefone, por e-mail ou carta (ver item k. abaixo);
- b) Objeto da pesquisa: com a sua colaboração, pretendemos recolher narrativas de experiência pessoal, histórias verdadeiras ou histórias de ficção, qualquer relato de sua vida cotidiana, de sua família, de seus antepassados, das festas e tradições que você cultiva em sua cidade ou em seu bairro.
- c) Objetivo da pesquisa: concluída a etapa do recolhimento das histórias, pretendemos estudá-las com base em livros e revistas que tratam desse assunto e, ao final, elaborar uma dissertação de Mestrado, que trata do tema memória e narrativa oral, como quesito para aprovação do Mestrado em Letras da UNIR.
- d) Metodologia: as narrativas obtidas durante a nossa conversa serão, com sua permissão, registradas em gravador de voz para, posteriormente, serem transferidas para um computador e transcritas, ou seja, transformadas em registro escrito, impressas e analisadas;
- e) Riscos da pesquisa: em relação à possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual que a nossa pesquisa possa lhe acarretar, em qualquer fase ou dela decorrente (Res. CNS 196/96, item V), os riscos da nossa presença em sua casa ou no seu trabalho serão mínimos, dadas as características da metodologia que será empregada (ver item d. acima); ainda assim, caso ocorra algum dano ou complicação decorrentes de sua participação no estudo que vamos empreender, caberá ao coordenador do projeto e ao membro diretamente envolvido com o problema que eventualmente surgir, buscar assessoria médica e espiritual integral de imediato ou mesmo formas de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- f) Benefícios da pesquisa: ao contrário de tudo isso, porém, o que se espera mesmo da realização deste projeto são, a médio e longo prazos, muitos benefícios entre os quais a preservação e a socialização de sua cultura, de seus costumes, de suas histórias, de suas memórias, a constituição de um acervo bibliográfico das narrativas gravadas a ser arquivado na Biblioteca da UNIR e na biblioteca da escola mais próxima de sua residência, a divulgação de todo esse material e suas análises em trabalhos científicos de todo gênero em congressos, encontros, seminários e revistas e, se houver recursos disponíveis, em livros;

V. Patrício

UNIR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

g) Sigilo e armazenamento dos dados: caso seja de sua vontade, seu nome não será identificado ou divulgado, seja durante ou depois da realização da pesquisa; os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita, a seu critério, de forma a não identificar seu nome;

h) Despesas ou ressarcimentos: você não terá nenhum tipo de gasto por participar desta pesquisa, mas também não receberá nenhum dinheiro, nem lhe será oferecido algum tipo de serviço em troca de sua participação;

i) Comitê de ética da UNIR: as dúvidas a respeito da ética desta pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIR pelo telefone 69- 21822100, situado na sala anexa ao Núcleo de Saúde, BR 364, Km 9,5, Campus UNIR, Porto Velho, CEP: 76808-659;

j) Cópia do termo e endereços para contato: você ficará com uma cópia deste TCLE, que acabou de ler e assinar, e toda e qualquer dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa poderá tirar com a pesquisadora do projeto que lhe entrevistou, quer seja pessoalmente, por e-mail, por carta ou por telefone conforme consta abaixo:

Regiani Leal Dalla Martha Couto (pesquisadora): Rua Sete de Setembro nº 2026, Bairro Casa Preta, Ji-Paraná-RO, CEP 76907-624. Email: regianicouto@gmail.com telefone: (69) 8426-4277

Valdir Vegini (coordenador): Rua Festejos, Nº 3513 (em frente ao Hospital de Base), Edifício Orquídea, Aptº. 302, Bairro Costa e Silva - Porto Velho, CEP: 76803-596; e-mail: vvegini@gmail.com; tels.: (69) 8462-5912.

Consentimento Livre e Esclarecido:

Eu, Patrícia Alves da Paixão declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar dela voluntariamente.

() Não aceito que meu nome seja divulgado na pesquisa

(x) Aceito que meu nome seja divulgado na pesquisa

Patrícia A. Paixão

Assinatura do informante

Ji-Paraná-RO, 01 de Agosto de 2012

E por estarem em pleno acordo assinam os pesquisadores e os informantes.

Pesquisador/a

Patrícia A. Paixão

Informante

APÊNDICE G

UNIR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado informante:

Este é um convite para você participar da pesquisa denominada: “Narrativas orais e memória feminina” sob a responsabilidade dos pesquisadores Regiani Leal Dalla Martha e Prof. Dr. Valdir Vegini, para integralizar a pesquisa de dissertação do Mestrado da pesquisadora.

- a) **Condições de sua participação:** sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando sua permissão para participação, sem que isso traga nenhum prejuízo para você; a par disso, a qualquer momento do desenvolvimento da pesquisa você terá o direito de obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados e as formas de divulgação dos resultados encontrados. Você poderá fazer isso diretamente com a pesquisadora, quer pessoalmente quer por telefone, por e-mail ou carta (ver item k. abaixo);
- b) **Objeto da pesquisa:** com a sua colaboração, pretendemos recolher narrativas de experiência pessoal, histórias verdadeiras ou histórias de ficção, qualquer relato de sua vida cotidiana, de sua família, de seus antepassados, das festas e tradições que você cultiva em sua cidade ou em seu bairro.
- c) **Objetivo da pesquisa:** concluída a etapa do recolhimento das histórias, pretendemos estudá-las com base em livros e revistas que tratam desse assunto e, ao final, elaborar uma dissertação de Mestrado, que trata do tema memória e narrativa oral, como quesito para aprovação do Mestrado em Letras da UNIR.
- d) **Metodologia:** as narrativas obtidas durante a nossa conversa serão, com sua permissão, registradas em gravador de voz para, posteriormente, serem transferidas para um computador e transcritas, ou seja, transformadas em registro escrito, impressas e analisadas;
- e) **Riscos da pesquisa:** em relação à possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual que a nossa pesquisa possa lhe acarretar, em qualquer fase ou dela decorrente (Res. CNS 196/96, item V), os riscos da nossa presença em sua casa ou no seu trabalho serão mínimos, dadas as características da metodologia que será empregada (ver item d. acima); ainda assim, caso ocorra algum dano ou complicação decorrentes de sua participação no estudo que vamos empreender, caberá ao coordenador do projeto e ao membro diretamente envolvido com o problema que eventualmente surgir, buscar assessoria médica e espiritual integral de imediato ou mesmo formas de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- f) **Benefícios da pesquisa:** ao contrário de tudo isso, porém, o que se espera mesmo da realização deste projeto são, a médio e longo prazos, muitos benefícios entre os quais a preservação e a socialização de sua cultura, de seus costumes, de suas histórias, de suas memórias, a constituição de um acervo bibliográfico das narrativas gravadas a ser arquivado na Biblioteca da UNIR e na biblioteca da escola mais próxima de sua residência, a divulgação de todo esse material e suas análises em trabalhos científicos de todo gênero em congressos, encontros, seminários e revistas e, se houver recursos disponíveis, em livros;

Keromica Ribeiro de Souza.

UNIR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

- g) Sigilo e armazenamento dos dados: caso seja de sua vontade, seu nome não será identificado ou divulgado, seja durante ou depois da realização da pesquisa; os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita, a seu critério, de forma a não identificar seu nome;
- h) Despesas ou ressarcimentos: você não terá nenhum tipo de gasto por participar desta pesquisa, mas também não receberá nenhum dinheiro, nem lhe será oferecido algum tipo de serviço em troca de sua participação;
- i) Comitê de ética da UNIR: as dúvidas a respeito da ética desta pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIR pelo telefone 69- 21822100, situado na sala anexa ao Núcleo de Saúde, BR 364, Km 9,5, Campus UNIR, Porto Velho, CEP: 76808-659;
- j) Cópia do termo e endereços para contato: você ficará com uma cópia deste TCLE, que acabou de ler e assinar, e toda e qualquer dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa poderá tirar com a pesquisadora do projeto que lhe entrevistou, quer seja pessoalmente, por e-mail, por carta ou por telefone conforme consta abaixo:

Regiani Leal Dalla Martha Couto (pesquisadora): Rua Sete de Setembro nº 2026, Bairro Casa Preta, Ji-Paraná-RO, CEP 76907-624. Email: regianicouto@gmail.com telefone: (69) 8426-4277

Valdir Vegini (coordenador): Rua Festejos, Nº 3513 (em frente ao Hospital de Base), Edifício Orquídea, Aptº. 302, Bairro Costa e Silva - Porto Velho, CEP: 76803-596; e-mail: vvegini@gmail.com; tels.: (69) 8462-5912.

Consentimento Livre e Esclarecido:

Eu, Veronica Ribeiro de Souza, * declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar dela voluntariamente.

() Não aceito que meu nome seja divulgado na pesquisa

() Aceito que meu nome seja divulgado na pesquisa

Veronica Ribeiro de Souza
Assinatura do informante

Ji-Paraná-RO, 01 de Agosto de 2012.

E por estarem em pleno acordo assinam os pesquisadores e os informantes.

Pesquisador/a

Veronica Ribeiro de Souza
Informante

APÊNDICE H

UNIR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado informante:

Este é um convite para você participar da pesquisa denominada: “Narrativas orais e memória feminina” sob a responsabilidade dos pesquisadores Regiani Leal Dalla Martha e Prof. Dr. Valdir Vegini, para integralizar a pesquisa de dissertação do Mestrado da pesquisadora.

- a) Condições de sua participação: sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando sua permissão para participação, sem que isso traga nenhum prejuízo para você; a par disso, a qualquer momento do desenvolvimento da pesquisa você terá o direito de obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados e as formas de divulgação dos resultados encontrados. Você poderá fazer isso diretamente com a pesquisadora, quer pessoalmente quer por telefone, por e-mail ou carta (ver item k. abaixo);
- b) Objeto da pesquisa: com a sua colaboração, pretendemos recolher narrativas de experiência pessoal, histórias verdadeiras ou histórias de ficção, qualquer relato de sua vida cotidiana, de sua família, de seus antepassados, das festas e tradições que você cultivava em sua cidade ou em seu bairro.
- c) Objetivo da pesquisa: concluída a etapa do recolhimento das histórias, pretendemos estudá-las com base em livros e revistas que tratam desse assunto e, ao final, elaborar uma dissertação de Mestrado, que trata do tema memória e narrativa oral, como quesito para aprovação do Mestrado em Letras da UNIR.
- d) Metodologia: as narrativas obtidas durante a nossa conversa serão, com sua permissão, registradas em gravador de voz para, posteriormente, serem transferidas para um computador e transcritas, ou seja, transformadas em registro escrito, impressas e analisadas;
- e) Riscos da pesquisa: em relação à possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual que a nossa pesquisa possa lhe acarretar, em qualquer fase ou dela decorrente (Res. CNS 196/96, item V), os riscos da nossa presença em sua casa ou no seu trabalho serão mínimos, dadas as características da metodologia que será empregada (ver item d. acima); ainda assim, caso ocorra algum dano ou complicação decorrentes de sua participação no estudo que vamos empreender, caberá ao coordenador do projeto e ao membro diretamente envolvido com o problema que eventualmente surgir, buscar assessoria médica e espiritual integral de imediato ou mesmo formas de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- f) Benefícios da pesquisa: ao contrário de tudo isso, porém, o que se espera mesmo da realização deste projeto são, a médio e longo prazos, muitos benefícios entre os quais a preservação e a socialização de sua cultura, de seus costumes, de suas histórias, de suas memórias, a constituição de um acervo bibliográfico das narrativas gravadas a ser arquivado na Biblioteca da UNIR e na biblioteca da escola mais próxima de sua residência, a divulgação de todo esse material e suas análises em trabalhos científicos de todo gênero em congressos, encontros, seminários e revistas e, se houver recursos disponíveis, em livros;

Yara B.

UNIR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

- g) Sigilo e armazenamento dos dados: caso seja de sua vontade, seu nome não será identificado ou divulgado, seja durante ou depois da realização da pesquisa; os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita, a seu critério, de forma a não identificar seu nome;
- h) Despesas ou ressarcimentos: você não terá nenhum tipo de gasto por participar desta pesquisa, mas também não receberá nenhum dinheiro, nem lhe será oferecido algum tipo de serviço em troca de sua participação;
- i) Comitê de ética da UNIR: as dúvidas a respeito da ética desta pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIR pelo telefone 69- 21822100, situado na sala anexa ao Núcleo de Saúde, BR 364, Km 9,5, Campus UNIR, Porto Velho, CEP: 76808-659;
- j) Cópia do termo e endereços para contato: você ficará com uma cópia deste TCLE, que acabou de ler e assinar, e toda e qualquer dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa poderá tirar com a pesquisadora do projeto que lhe entrevistou, quer seja pessoalmente, por e-mail, por carta ou por telefone conforme consta abaixo:

Regiani Leal Dalla Martha Couto (pesquisadora): Rua Sete de Setembro nº 2026, Bairro Casa Preta, Ji-Paraná-RO, CEP 76907-624. Email: regianicouto@gmail.com telefone: (69) 8426-4277

Valdir Vegini (coordenador): Rua Festejos, Nº 3513 (em frente ao Hospital de Base), Edifício Orquídea, Aptº. 302, Bairro Costa e Silva - Porto Velho, CEP: 76803-596; e-mail: vveгинi@gmail.com; tels.: (69) 8462-5912.

Consentimento Livre e Esclarecido:

Eu, Yonete Regina Bernardes * declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar dela voluntariamente.

- () Não aceito que meu nome seja divulgado na pesquisa
() Aceito que meu nome seja divulgado na pesquisa

Yonete Regina Bernardes
Assinatura do Informante

Ji-Paraná-RO, 01 de Agosto de 2012.

E por estarem em pleno acordo assinam os pesquisadores e os informantes.

Pesquisador/a

Yonete Regina Bernardes
Informante

APÊNDICE I

UNIR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado informante:

Este é um convite para você participar da pesquisa denominada: “Narrativas orais e memória feminina” sob a responsabilidade dos pesquisadores Regiani Leal Dalla Martha e Prof. Dr. Valdir Vegini, para integralizar a pesquisa de dissertação do Mestrado da pesquisadora.

- a) **Condições de sua participação:** sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando sua permissão para participação, sem que isso traga nenhum prejuízo para você; a par disso, a qualquer momento do desenvolvimento da pesquisa você terá o direito de obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados e as formas de divulgação dos resultados encontrados. Você poderá fazer isso diretamente com a pesquisadora, quer pessoalmente quer por telefone, por e-mail ou carta (ver item k. abaixo);
- b) **Objeto da pesquisa:** com a sua colaboração, pretendemos recolher narrativas de experiência pessoal, histórias verdadeiras ou histórias de ficção, qualquer relato de sua vida cotidiana, de sua família, de seus antepassados, das festas e tradições que você cultiva em sua cidade ou em seu bairro.
- c) **Objetivo da pesquisa:** concluída a etapa do recolhimento das histórias, pretendemos estudá-las com base em livros e revistas que tratam desse assunto e, ao final, elaborar uma dissertação de Mestrado, que trata do tema memória e narrativa oral, como quesito para aprovação do Mestrado em Letras da UNIR.
- d) **Metodologia:** as narrativas obtidas durante a nossa conversa serão, com sua permissão, registradas em gravador de voz para, posteriormente, serem transferidas para um computador e transcritas, ou seja, transformadas em registro escrito, impressas e analisadas;
- e) **Riscos da pesquisa:** em relação à possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual que a nossa pesquisa possa lhe acarretar, em qualquer fase ou dela decorrente (Res. CNS 196/96, item V), os riscos da nossa presença em sua casa ou no seu trabalho serão mínimos, dadas as características da metodologia que será empregada (ver item d. acima); ainda assim, caso ocorra algum dano ou complicação decorrentes de sua participação no estudo que vamos empreender, caberá ao coordenador do projeto e ao membro diretamente envolvido com o problema que eventualmente surgir, buscar assessoria médica e espiritual integral de imediato ou mesmo formas de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- f) **Benefícios da pesquisa:** ao contrário de tudo isso, porém, o que se espera mesmo da realização deste projeto são, a médio e longo prazos, muitos benefícios entre os quais a preservação e a socialização de sua cultura, de seus costumes, de suas histórias, de suas memórias, a constituição de um acervo bibliográfico das narrativas gravadas a ser arquivado na Biblioteca da UNIR e na biblioteca da escola mais próxima de sua residência, a divulgação de todo esse material e suas análises em trabalhos científicos de todo gênero em congressos, encontros, seminários e revistas e, se houver recursos disponíveis, em livros;

✓ Aparecida S. dos Anjos Silva

UNIR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

g) Sigilo e armazenamento dos dados: caso seja de sua vontade, seu nome não será identificado ou divulgado, seja durante ou depois da realização da pesquisa; os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita, a seu critério, de forma a não identificar seu nome;

h) Despesas ou ressarcimentos: você não terá nenhum tipo de gasto por participar desta pesquisa, mas também não receberá nenhum dinheiro, nem lhe será oferecido algum tipo de serviço em troca de sua participação;

i) Comitê de ética da UNIR: as dúvidas a respeito da ética desta pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIR pelo telefone 69- 21822100, situado na sala anexa ao Núcleo de Saúde, BR 364, Km 9,5, Campus UNIR, Porto Velho, CEP: 76808-659;

j) Cópia do termo e endereços para contato: você ficará com uma cópia deste TCLE, que acabou de ler e assinar, e toda e qualquer dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa poderá tirar com a pesquisadora do projeto que lhe entrevistou, quer seja pessoalmente, por e-mail, por carta ou por telefone conforme consta abaixo:

Regiani Leal Dalla Martha Couto (pesquisadora): Rua Sete de Setembro nº 2026, Bairro Casa Preta, Ji-Paraná-RO, CEP 76907-624. Email: regianicouto@gmail.com telefone: (69) 8426-4277

Valdir Vegini (coordenador): Rua Festejos, Nº 3513 (em frente ao Hospital de Base), Edifício Orquídea, Aptº. 302, Bairro Costa e Silva - Porto Velho, CEP: 76803-596; e-mail: vvegini@gmail.com; tels.: (69) 8462-5912.

Consentimento Livre e Esclarecido:

Eu, Aparecida Francisca dos Anjos Silva declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar dela voluntariamente.

() Não aceito que meu nome seja divulgado na pesquisa

() Aceito que meu nome seja divulgado na pesquisa

Aparecida F. dos Anjos Silva
Assinatura do informante

Ji-Paraná-RO, 01 de Agosto de 2019

E por estarem em pleno acordo assinam os pesquisadores e os informantes.

Pesquisador/a

Aparecida Francisca dos Anjos Silva
Informante

UNIR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado informante:

Este é um convite para você participar da pesquisa denominada: “Narrativas orais e memória feminina” sob a responsabilidade dos pesquisadores Regiani Leal Dalla Martha e Prof. Dr. Valdir Vegini, para integralizar a pesquisa de dissertação do Mestrado da pesquisadora.

- a) Condições de sua participação: sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando sua permissão para participação, sem que isso traga nenhum prejuízo para você; a par disso, a qualquer momento do desenvolvimento da pesquisa você terá o direito de obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados e as formas de divulgação dos resultados encontrados. Você poderá fazer isso diretamente com a pesquisadora, quer pessoalmente quer por telefone, por e-mail ou carta (ver item k. abaixo);
- b) Objeto da pesquisa: com a sua colaboração, pretendemos recolher narrativas de experiência pessoal, histórias verdadeiras ou histórias de ficção, qualquer relato de sua vida cotidiana, de sua família, de seus antepassados, das festas e tradições que você cultiva em sua cidade ou em seu bairro.
- c) Objetivo da pesquisa: concluída a etapa do recolhimento das histórias, pretendemos estudá-las com base em livros e revistas que tratam desse assunto e, ao final, elaborar uma dissertação de Mestrado, que trata do tema memória e narrativa oral, como quesito para aprovação do Mestrado em Letras da UNIR.
- d) Metodologia: as narrativas obtidas durante a nossa conversa serão, com sua permissão, registradas em gravador de voz para, posteriormente, serem transferidas para um computador e transcritas, ou seja, transformadas em registro escrito, impressas e analisadas;
- e) Riscos da pesquisa: em relação à possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual que a nossa pesquisa possa lhe acarretar, em qualquer fase ou dela decorrente (Res. CNS 196/96, item V), os riscos da nossa presença em sua casa ou no seu trabalho serão mínimos, dadas as características da metodologia que será empregada (ver item d. acima); ainda assim, caso ocorra algum dano ou complicação decorrentes de sua participação no estudo que vamos empreender, caberá ao coordenador do projeto e ao membro diretamente envolvido com o problema que eventualmente surgir, buscar assessoria médica e espiritual integral de imediato ou mesmo formas de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- f) Benefícios da pesquisa: ao contrário de tudo isso, porém, o que se espera mesmo da realização deste projeto são, a médio e longo prazos, muitos benefícios entre os quais a preservação e a socialização de sua cultura, de seus costumes, de suas histórias, de suas memórias, a constituição de um acervo bibliográfico das narrativas gravadas a ser arquivado na Biblioteca da UNIR e na biblioteca da escola mais próxima de sua residência, a divulgação de todo esse material e suas análises em trabalhos científicos de todo gênero em congressos, encontros, seminários e revistas e, se houver recursos disponíveis, em livros;

UNIR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

g) Sigilo e armazenamento dos dados: caso seja de sua vontade, seu nome não será identificado ou divulgado, seja durante ou depois da realização da pesquisa; os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita, a seu critério, de forma a não identificar seu nome;

h) Despesas ou ressarcimentos: você não terá nenhum tipo de gasto por participar desta pesquisa, mas também não receberá nenhum dinheiro, nem lhe será oferecido algum tipo de serviço em troca de sua participação;

i) Comitê de ética da UNIR: as dúvidas a respeito da ética desta pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIR pelo telefone 69- 21822100, situado na sala anexa ao Núcleo de Saúde, BR 364, Km 9,5, Campus UNIR, Porto Velho, CEP: 76808-659;

j) Cópia do termo e endereços para contato: você ficará com uma cópia deste TCLE, que acabou de ler e assinar, e toda e qualquer dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa poderá tirar com a pesquisadora do projeto que lhe entrevistou, quer seja pessoalmente, por e-mail, por carta ou por telefone conforme consta abaixo:

Regiani Leal Dalla Martha Couto (pesquisadora): Rua Sete de Setembro nº 2026, Bairro Casa Preta, Ji-Paraná-RO, CEP 76907-624. Email: regianicouto@gmail.com telefone: (69) 8426-4277

Valdir Vegini (coordenador): Rua Festejos, Nº 3513 (em frente ao Hospital de Base), Edifício Orquídea, Aptº. 302, Bairro Costa e Silva - Porto Velho, CEP: 76803-596; e-mail: vvegini@gmail.com; tels.: (69) 8462-5912.

Consentimento Livre e Esclarecido:

Eu, Calisângela dos Santos Lavaras, * declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar dela voluntariamente.

() Não aceito que meu nome seja divulgado na pesquisa

() Aceito que meu nome seja divulgado na pesquisa

Calisângela dos Santos Lavaras
Assinatura do informante

Ji-Paraná-RO, 01 de 08 de 2012.

E por estarem em pleno acordo assinam os pesquisadores e os informantes.

Pesquisador/a

Calisângela dos Santos Lavaras
Informante

APÊNDICE K

Calisângela dos Santos Lourenço

UNIR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CURSO: MESTRADO EM LETRAS
QUESTIONÁRIO

Pesquisa: "Narrativas orais e memória feminina"
Pesquisadores: Regiani Leal Dalla Martha e Dr. Valdir Vegini

IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE:

- 1) Sexo: () masculino () feminino
- 2) Idade:
a) () 18 a 27 anos
b) () 28 a 36 anos
c) () 37 a 43 anos
d) () 44 a 51 anos
e) () mais de 52 anos
- 3) Nível de escolaridade:
a) () Fundamental incompleto
b) () Fundamental completo
c) () Médio incompleto
d) () Médio completo
e) () Superior
- 4) A renda da sua família é de:
a) () menos do que um salário
b) () um salário mínimo
c) () 2 a 4 salários mínimos
d) () 5 a 6 salários mínimos
e) () mais de 7 salários
- 5) Você gosta de contar histórias para outras pessoas?
() Sim () Não () Às vezes
- 6) Você tem costume de contar histórias para outras pessoas?
() Sim () Não () Às vezes
- 7) Há quanto tempo você reside em Ji-Paraná?
() menos de um ano () 9 a 12 anos
() 1 a 3 anos () mais de 15 anos
() 4 a 8 anos
- 8) Você nasceu em qual cidade?
Ji-Paraná
- 9) Por que veio para Ji-Paraná?
A convite de um pai e eu sonhava em ter.
- 10) De que cidade você veio?
Zuima MT

APÊNDICE L

UNIR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CURSO: MESTRADO EM LETRAS
QUESTIONÁRIO

Pesquisa: "Narrativas orais e memória feminina"
Pesquisadores: Regiani Leal Dalla Martha e Dr. Valdir Vegini

IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE:

- 1) Sexo: () masculino () feminino
- 2) Idade:
a) () 18 a 27 anos
b) () 28 a 36 anos
c) () 37 a 43 anos
d) () 44 a 51 anos
e) () mais de 52 anos
- 3) Nível de escolaridade:
a) () Fundamental incompleto
b) () Fundamental completo
c) () Médio incompleto
d) () Médio completo
e) () Superior
- 4) A renda da sua família é de:
a) () menos do que um salário
b) () um salário mínimo
c) () 2 a 4 salários mínimos
d) () 5 a 6 salários mínimos
e) () mais de 7 salários
- 5) Você gosta de contar histórias para outras pessoas?
() Sim () Não () Às vezes
- 6) Você tem costume de contar histórias para outras pessoas?
() Sim () Não () Às vezes
- 7) Há quanto tempo você reside em Ji-Paraná?
() menos de um ano () 9 a 12 anos
() 1 a 3 anos () mais de 15 anos
() 4 a 8 anos
- 8) Você nasceu em qual cidade?
Ji-Paraná
- 9) Por que veio para Ji-Paraná?
Porque minha mãe achou melhor sair do Mato Grosso e vir para Rondônia.
- 10) De que cidade você veio?
Arenópolis, M.T.

APÊNDICE M

UNIR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CURSO: MESTRADO EM LETRAS
QUESTIONÁRIO

Pesquisa: "Narrativas orais e memória feminina"
Pesquisadores: Regiani Leal Dalla Martha e Dr. Valdir Vegini

IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE:

- 1) Sexo: () masculino () feminino
- 2) Idade:
a) () 18 a 27 anos
b) () 28 a 36 anos
c) () 37 a 43 anos
d) () 44 a 51 anos
e) () mais de 52 anos
- 3) Nível de escolaridade:
a) () Fundamental incompleto
b) () Fundamental completo
c) () Médio incompleto
d) () Médio completo
e) () Superior
- 4) A renda da sua família é de:
a) () menos do que um salário
b) () um salário mínimo
c) () 2 a 4 salários mínimos
d) () 5 a 6 salários mínimos
e) () mais de 7 salários
- 5) Você gosta de contar histórias para outras pessoas?
() Sim () Não () Às vezes
- 6) Você tem costume de contar histórias para outras pessoas?
() Sim () Não () Às vezes
- 7) Há quanto tempo você reside em Ji-Paraná?
() menos de um ano () 9 a 12 anos
() 1 a 3 anos () mais de 15 anos
() 4 a 8 anos
- 8) Você nasceu em qual cidade?
Ji-Paraná
- 9) Por que veio para Ji-Paraná?
nasci em Ji-Paraná
- 10) De que cidade você veio?

APÊNDICE N

UNIR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CURSO: MESTRADO EM LETRAS
QUESTIONÁRIO

Pesquisa: "Narrativas orais e memória feminina"
Pesquisadores: Regiani Leal Dalla Martha e Dr. Valdir Vegini

IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE:

- 1) Sexo: () masculino (X) feminino
- 2) Idade:
a) () 18 a 27 anos
b) () 28 a 36 anos
c) (X) 37 a 43 anos
d) () 44 a 51 anos
e) () mais de 52 anos
- 3) Nível de escolaridade:
a) () Fundamental incompleto
b) () Fundamental completo
c) () Médio incompleto
d) (X) Médio completo
e) () Superior
- 4) A renda da sua família é de:
a) () menos do que um salário
b) () um salário mínimo
c) (X) 2 a 4 salários mínimos
d) () 5 a 6 salários mínimos
e) () mais de 7 salários
- 5) Você gosta de contar histórias para outras pessoas?
(X) Sim () Não () Às vezes
- 6) Você tem costume de contar histórias para outras pessoas?
(X) Sim () Não () Às vezes
- 7) Há quanto tempo você reside em Ji-Paraná?
() menos de um ano () 9 a 12 anos
() 1 a 3 anos (X) mais de 15 anos
() 4 a 8 anos
- 8) Você nasceu em qual cidade? *Galileia MG*
- 9) Por que veio para Ji-Paraná? *Vim com meus pais*
- 10) De que cidade você veio? *Galileia MG*

APÊNDICE O

UNIR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CURSO: MESTRADO EM LETRAS
QUESTIONÁRIO

Pesquisa: "Narrativas orais e memória feminina"
Pesquisadores: Regiani Leal Dalla Martha e Dr. Valdir Vegini

IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE:

- 1) Sexo: () masculino (X) feminino
- 2) Idade:
a) () 18 a 27 anos
b) () 28 a 36 anos
c) (X) 37 a 43 anos
d) () 44 a 51 anos
e) () mais de 52 anos
- 3) Nível de escolaridade:
a) () Fundamental incompleto
b) () Fundamental completo
c) () Médio incompleto
d) (X) Médio completo
e) () Superior
- 4) A renda da sua família é de:
a) () menos do que um salário
b) () um salário mínimo
c) (X) 2 a 4 salários mínimos
d) () 5 a 6 salários mínimos
e) () mais de 7 salários
- 5) Você gosta de contar histórias para outras pessoas?
() Sim () Não (X) Às vezes
- 6) Você tem costume de contar histórias para outras pessoas?
() Sim () Não (X) Às vezes
- 7) Há quanto tempo você reside em Ji-Paraná?
() menos de um ano () 9 a 12 anos
() 1 a 3 anos (X) mais de 15 anos
() 4 a 8 anos
- 8) Você nasceu em qual cidade?
Campo Mourão PR.
- 9) Por que veio para Ji-Paraná?
Acompanhado meus pais
- 10) De que cidade você veio?
Mundo Novo MTG